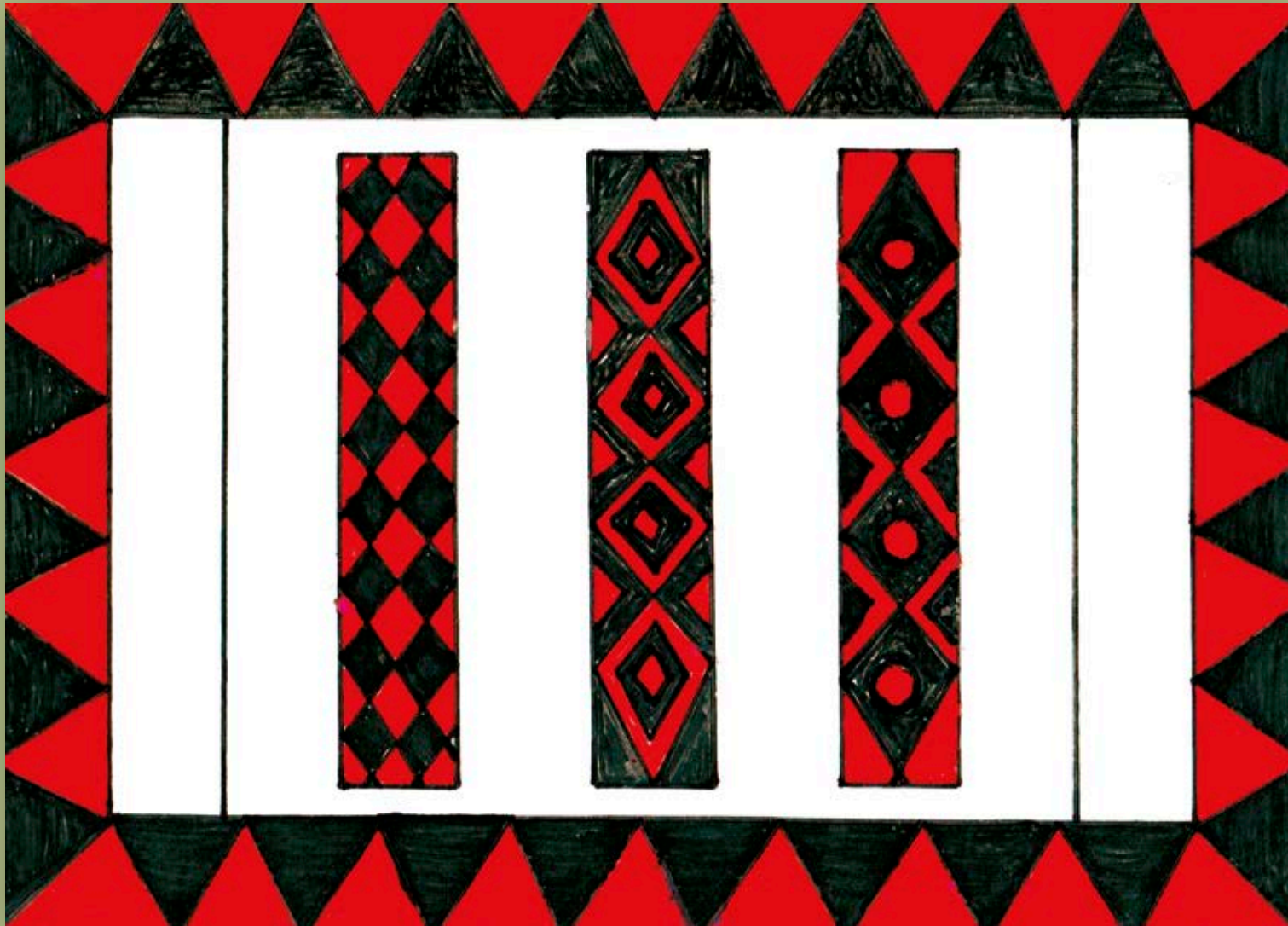


Bainã Ravi Kibea



Etnomapeamento da Terra Indígena Mamoadate

Povo Jaminawa

Povo Jaminawa

Bainã Ravi Kibea

Etnomapeamento da Terra Indígena Mamoadate

Povo Jaminawa

Bainã Ravi Kibea

Etnomapeamento da Terra Indígena Mamoadate



OCAEJ | CPI/AC

Rio Branco | Acre | 2016

REALIZAÇÃO

MAPKAHA

Manxinerune Ptohi Kajpaha Hajene

OCAEJ

Organização Comunitária Agroextrativista Jaminawa



APOIO



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E CIDADANIA



REALIZAÇÃO

Manxinerune Ptohi Kajpaha Hajene – MAPKAHA

Organização Comunitária Agroextrativista Jaminawa – OCAEJ

Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre – AMAAIAC
www.amaaiac.org.br

Comissão Pró-Índio do Acre – CPI/AC
Est. Transacreana, Km 8 – cx. Postal 61
CEP 69.900-970 – Rio Branco – Acre
Fone: (68) 3225-1952
email: cpi@cpiacre.org.br
www.facebook.com/comissaoiproindioaacre
www.cpiacre.org.br

Direitos Autorais

© Copyright 2016 - Todos os direitos reservados a

Manxinerune Ptohi Kajpaha Hajene – MAPKAHA
Organização Comunitária Agroextrativista Jaminawa – OCAEJ

Apoio

Projeto Gestão Ambiental e Territorial Indígena (Projeto GATI)

Conselho Editorial CPI/AC

Nietta Lindenberg Monte
Renato Antonio Gavazzi
Vera Olinda Sena

Organização e Edição

Maria Ines de Almeida
Maria Luiza P. Ochoa

Edição de textos

Maria Inês de Almeida

Agradecimentos

Mariana Manchineri
Billyshelby Fequis
Joseneidy R. N. de Oliveira Pinheiro

Bainã Ravi Kibea: Etnomapeamento Jaminawa da Terra Indígena Mamodate / Aldemir Paulo Jaminawa...[et al.]; Organização: Maria Inês de Almeida, Maria Luiza P. Ochoa. – Rio Branco: OCAEJ / Comissão Pró-Índio do Acre, 2016.

44 p. : Il. col., 30x21 cm.

ISBN: 978-85-64018-07-5

Índios da América do Sul - Brasil. 2. Terra Indígena Mamodate. 3. Etnomapeamento - Gestão territorial e ambiental. 4. Recursos naturais - Uso - Manejo - Conservação. I. Título.

CDD – 912.81

Biblioteca: Maria do Socorro de O. Cordeiro. – CRB-11/667

Autores

Ademir Paulo Jaminawa, Alcemir Pacilo Jaminawa, Arenildo Moçambite Jaminawa, Auricelino Meireles Jaminawa, Claudio Melendre Jaminawa, Cleuso Renato Jaminawa, Dazineudo Pequeno Jaminawa, Denilson Melendre Meireles Jaminawa, Eliseu Meireles Jaminawa, Fátima Jaminawa, Francisco Jaminawa, Geraldo Francisco Jaminawa, Gilson Batista Jaminawa, José Paulo Alfredo Jaminawa, José Pequeno Jaminawa, Josemar Barreto Mariano Jaminawa, Leobaldina Jaminawa, Keuri Pereira Mariano Jaminawa, Maria Julia Jaminawa, Mateus Melendre Jaminawa, Nazaré Melendre Jaminawa, Natália Jaminawa, Neuza Jaminawa, Osvaldo Jaminawa, Paixão Rubens Jaminawa, Sebastião Batista da Silva Jaminawa, Valdo Melendres, Zildo Batista Jaminawa, Zuca Meireles Roberto Jaminawa

Assessorias técnicas

Billyshelby Fequis dos Santos
Joseneidy R. N. de Oliveira Pinheiro
Paula Lima Romualdo
Marcos de Almeida Matos
Terri Valle de Aquino

Coordenação das oficinas nas aldeias Peri e Cachoeira

Lucas Brasil Manxineru

Coordenação da oficina na aldeia Betel

Josemar Barreto Mariano Jaminawa

Revisão e tradução em Jaminawa

Julio Raimundo Idsudawa Jaminawa
Josemar Barreto Mariano Jaminawa

Revisão e Tradução em Manchineri

Lucas Brasil Manxineru
Edipaulo Manchineri

Cartografia

José Frank M. Silva
Billyshelby Fequis

Desenhos

Kaparua jaminawa, Zildo Batista Jaminawa, Dazineudo Jaminawa, Leobardina Jaminawa, Sandro Jaminawa, Josemar Barreto Mariano Jaminawa, José Paulo Jaminawa, Paixão Manchineri

Fotos

Adriano Dias
Terri Aquino

Projeto gráfico, capa e diagramação

Guilherme K. Noronha / gknoronha.com

Sumário



© José Frank M. Silva

Apresentação	7
Mapa histórico	9
Na awarau nu atirou yuy	15
Ameaças	19
Baina ravi kibe avara mixtia	23
Yuidau	29
Pesca	33
Ipauidu Yuy	39
Povo Manchineri	



Nuku Bai, Nuku kavada

Nuku bai kede pakeki aska vaki da kedepa askashu nu mai is-pai ave keskara maiki, da raba vake yaive, da bai shatea ave keskasia namaiki, da pedata, aska tari dape data aska kai yash ma vetsa maiki.

Bai udi kuina Mamoodate, Yaco kesemé, shesha vuya, dii itxapa kuia yura itxapaya askai avara mixtia askai amera ixavu shuru rave tsai vetsaxa rave Jaminawa ita Manchineri avara xará kapa vuya da bai vetsa tapa vuya inu avada, askakeda kedea xará kui ikikai askake nu tapi kikia amera iki tapiki aska veke aunua tsai xará xaba vike yuuiya. Txara dibisvu.

Evepa baxta uvi kikia a daiti paiyai txara kui xina puta kikia xinata nu jaminawauu nu aska nu puiuru nuvaki yuina mixti vada namera vu.

Na xina puta namea aduri bi mera upash irai tapiba nameri. Yusi baki Jaminawa ti naska ke da kedelai vê xará kuiki da kede aikia naushu vaki mixti txi peshku tishu yusi babis peshe adushu adushu tapi nuvu.

Nossa terra, nossa vida

Escrever e desenhar uma terra indígena, fazendo este livro, é uma forma de mostrar às futuras gerações esse território como é hoje e também suas mudanças ao longo do tempo, sua história.

A Terra Indígena Mamoodate, banhada pelo rio Iaco com seus igarapés, coberta de floresta povoada de muitas espécies de seres, abriga dois povos falantes de duas línguas diferentes, Jaminawa e Manchineri. A riqueza dessa Terra está na grande diversidade de viventes que nela habitam, por isso a grande lição deste livro é que temos que aprender a conviver, mesmo que a história contada seja de dominação e violência.

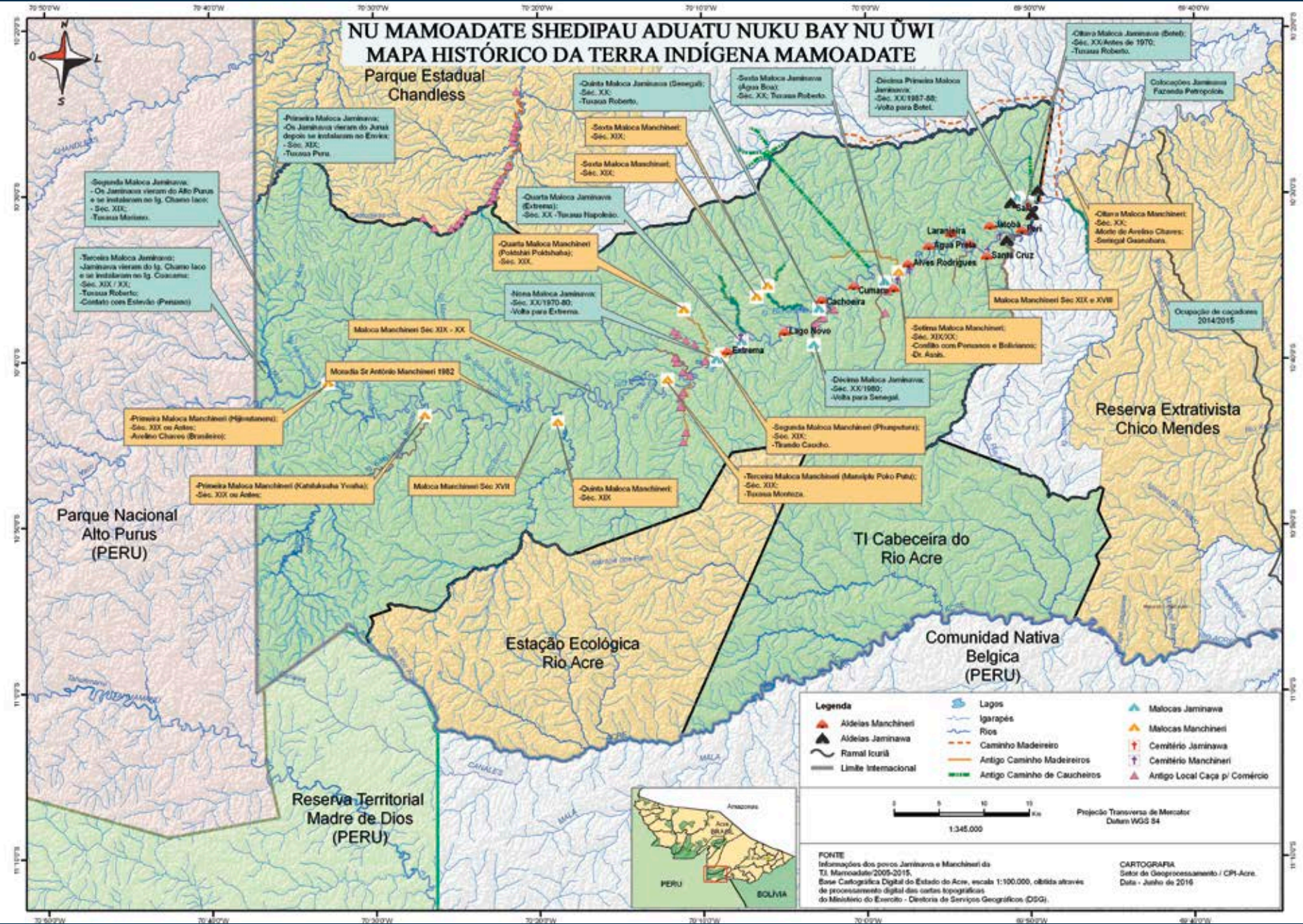
Conhecer cada pedaço dessa terra e as ameaças que ela tem sofrido é importante para pensar sobre o futuro das famílias Jaminawa que nela vivem e das espécies de bichos e plantas que nela convivem.

O conhecimento da terra e das águas deve ser a base da educação Jaminawa, por isso este livro é muito importante como material didático para a formação das crianças e jovens na escola.

NU MAMOADATE SHEDIPAU ADUATU NUKU BAY NU UWI

MAPA HISTÓRICO DA TERRA INDÍGENA MAMOADATE

Parque Estadual Chandless



Primeira Maloca Jaminawa:
-Os Jaminawa vieram do Juruá depois se instalaram no Envia;
-Sec. XIX;
-Tuxana Pura.

Segunda Maloca Jaminawa:
-Os Jaminawa vieram do Alto Purus e se instalaram no Ig. Chano Iaco;
-Sec. XIX;
-Tuxana Malina.

Tercera Maloca Jaminawa:
-Jaminawa vieram do Ig. Chano Iaco e se instalaram no Ig. Coacama;
-Sec. XIX/XX;
-Tuxana Roberto;
-Contato com Estevão (Pensão).

Primeira Maloca Manichineri (Higuitavero):
-Sec. XIX no Acre;
-Avelino Chaves (Branleiro).

Primeira Maloca Manichineri (Katakakusa Yusha):
-Sec. XIX no Acre.

Quinta Maloca Jaminawa (Senegal):
-Sec. XX;
-Tuxana Roberto.

Sexta Maloca Manichineri:
-Sec. XIX.

Sexta Maloca Manichineri:
-Sec. XIX.

Quarta Maloca Jaminawa (Estrema):
-Sec. XX - Tuxana Napolião.

Quarta Maloca Manichineri (Pobhuai Pobhuai):
-Sec. XIX.

Sexta Maloca Jaminawa (Estrema):
-Sec. XX/1970-80;
-Volta para Estrema.

Maloca Manichineri Sec. XIX - XX

Moradia Sr Antônio Manichineri 1982

Sexta Maloca Jaminawa (Agua Boa):
-Sec. XX; Tuxana Roberto.

Décimo Primeira Maloca Jaminawa:
-Sec. XIX/1987-88;
-Volta para Estel.

Oitava Maloca Jaminawa (Estel):
-Sec. XX; Antes de 1970;
-Tuxana Roberto.

Colocações Jaminawa Fazenda Petropolis

Oitava Maloca Manichineri:
-Sec. XX;
-Morto de Avelino Chaves;
-Branleiro Gasalhara.

Maloca Manichineri Sec. XIX e XVII

Ocupação de caçadores 2014/2015

Laranjeira

Agua Preta

Alves Rodrigues

Santa Cruz

Cumaru

Cachoeira

Lago Novo

Estrema

Setima Maloca Manichineri:
-Sec. XIX/XX;
-Conflito com Pensões e Bolianos;
-Dr. Anab.

Décimo Maloca Jaminawa:
-Sec. XX/1980;
-Volta para Senegal.

Segunda Maloca Manichineri (Pruapuhari):
-Sec. XIX;
-Truando Casado.

Tercera Maloca Manichineri (Manijá Puko Patá):
-Sec. XIX;
-Tuxana Monteza.

Legenda		
	Aldeias Manichineri	
	Aldeias Jaminawa	
	Ramal Iourá	
	Limite Internacional	
	Lagos	
	Igarapés	
	Rios	
	Caminho Madeireiro	
	Antigo Caminho Madeireiros	
	Antigo Caminho de Caucheiros	
	Malocas Jaminawa	
	Malocas Manichineri	
	Cemitério Jaminawa	
	Cemitério Manichineri	
	Antigo Local Caça p/ Comércio	



Projeção Transversa de Mercator
Datum WGS 84

FONTE
Informações dos povos Jaminawa e Manichineri da TI Mamoadate 2005-2015.
Base Cartográfica Digital do Estado do Acre, escala 1:100.000, obtida através de processamento digital das cartas topográficas do Ministério do Exército - Diretoria de Serviços Geográficos (DSG).

CARTOGRAFIA
Setor de Geoprocessamento / CPH-Acre.
Data - Junho de 2016



Mapa histórico



Nu yūkai (Ministério Público Federal e FUNAI) duku bai shate shunuvu. Samahã a averi, naveri maí nuku shedi vuti upash xará aya kata yuvina retita vapau divu.

Aska tari Samahã kash keadu nuku shedi vuti ikashu vai vata, kāya daki dua yuba vibata shesha daki dua viba paudivu, 1978 bai shati kaki (FUNAI) yavu duku shati shubis vuba, xina bati bisvu.

Naskake nu (Governo, Ministério Público Federal e FUNAI) nu yūkai duku bai shati shunuvu, naveri mai nu dibis shaki, naska kivi nu (Madeireiro Jorginei Ribeiro) pa ma (38 km) ma akara vaidu.

Nas kake nu besei na hamau kai yadu (Petrópolis) adu, duku yuina vu itxu nakadí.

Naskake nu audeia (Jaminawa): (Betel, Salão, Cujubim, Boca do Mamoadate) adua tishu nu hamau dukua duviba kai Petrópolis aduri.

Askata ma duku vua keti vakadí, (Inapari) adushu (Puerto Esperanza) duku paíkadí, askavia nu duviba (estrada) dukua, duku mǎi upash txakana vanu yaku revuki.



RIO PURUS

RIO ILETÉ

RIO MACAUSÃ

RIO IACÓ

Eles vieram das cabeceiras do rio Purus, depois passaram para o rio Tahuamanu. Depois de muito tempo, aconteceram guerras e conflitos, voltaram para as cabeceiras do Purus. Do Purus, depois de conflitos com os parentes, foram para o rio Chamuiaco. A partir desse período, eles começaram a trabalhar para o peruano Sr. Estevam Melendres. Trabalharam muitos anos, tirando caucho e pele de animais e trocando por produtos (panela, comida etc). Do rio Chamuiaco foram para o rio Cuacama, depois foram para o alto rio Iaco. Passaram ali um bom tempo e foram para o rio Chandless, e do Chandless voltaram para o Iaco. Aqui já começa o tempo do velho Zé Pequeno, onde começa a história do Napoleão e Batista Jaminawa. Já no Iaco, começou a espalhar para outros lugares, como Extrema, e antiga aldeia Asa Branca, depois disso, foram para o Seringal Guajará. Lá se dividiram e foram para o Samarrã, onde começaram a trabalhar para o patrão Antonio Canizio Brasil. Outras famílias que não quiserem trabalhar para o velho Canizio foram para as cabeceiras do igarapé Samarrã e o restante continuou com o patrão Canizio Brasil. A partir de 1976, o Txai Meireles chegou na Terra Mamoodate. Os Jaminawa que trabalhavam para o Antonio Canizio foram para a Extrema e uma boa parte saiu da boca do Samarrã e pararam onde hoje é a aldeia Betel. Na aldeia Extrema, viveram muito tempo. Depois de conflitos, foram para a aldeia Senegal. Durante o período na aldeia Senegal, acontece-



ram brigas e foram para a Terra Indígena Cabeceira do Acre, que hoje é uma terra indígena habitada por Manxineru e Jaminawa. (Zé Pequeno Jaminawa)

A origem dos Jaminawa, que vieram do que hoje os nossos antigos chamavam Taraiá, que era o rio que hoje é chamado de Tarauacá. Então esses são da origem mesmo, que vieram, saíram do Tarauacá. É que nosso povo, os nossos antigos, andavam muito. Daí do Tarauacá foram para o Cuacama. Passaram não sei quantos anos lá, isso no Peru já. Daí do Cuacama já foram para o tal de Muá, não sei qual é o rio também. Daí, do Muá, já foram para o Chandless, também no Peru. Daí do Chandless voltaram para o Purus. Passavam tempo, e voltaram de novo para o Cuacama. Aí vieram para o Chandless de novo. Daí, do Chandless, começaram e viram o negócio dos seringalistas, não sei se eram



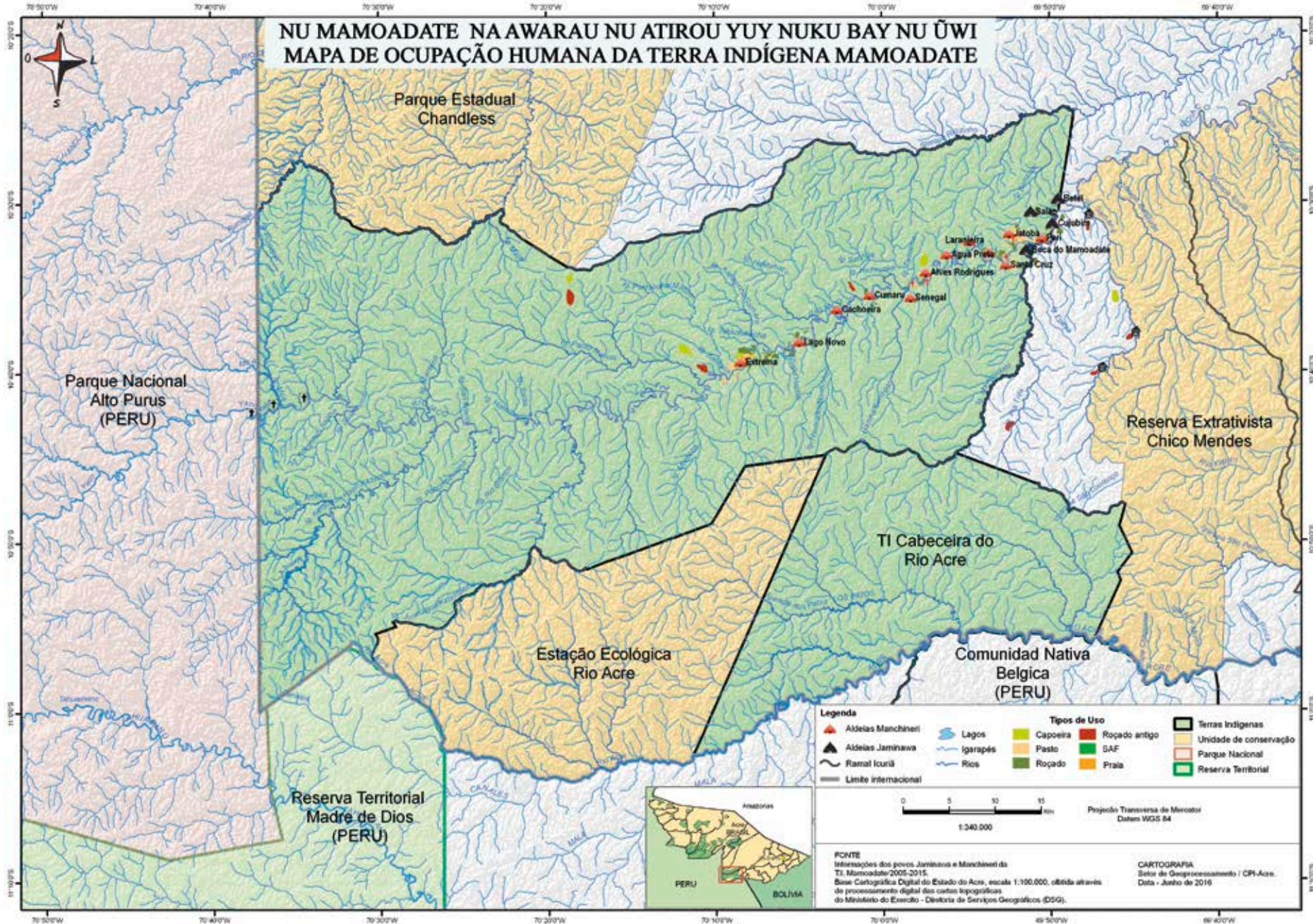
BRASIL

PERU

crentes não, sei que eram seringueiros. Começaram a trabalhar para o patrão, um tal de Estevão Melendre, tirando caucho. Nesse tempo os parentes Jaminawa não conheciam dinheiro, não sabiam falar bem o espanhol, então eles trabalhavam, tiravam o caucho em troca de produtos, como terçado, roupas... Passaram muito tempo por lá trabalhando. Aí o resto ficou lá e outros foram para o Purus de novo. Nesse tempo, o meu pai foi para o Purus também e o resto ficou lá. Daí do Purus foi quando o meu pai e o meu tio começaram a trabalhar. O resto já ficou e veio sair aqui junto do igarapé Abismo, para chegar aqui no Iaco. Já entraram no Iaco e já começaram a morar ali na boca do Macuã. Nesse tempo era para nós termos morado lá, mas os parentes não queriam. Era pra ter a nossa terra ali na Boca do Macuã. Passou muito tempo e disseram que os parentes andavam muito e vieram no seringal Tabatinga. Até os Manchineri viviam lá tirando seringa para os patrões, caucho. Daí Tabatinga, Asa Branca, que é a mais antiga também, que é no Iaco já. Do seringal Guanabara até ali, eu já comecei abrir as coisas que meu pai já trabalhava e eu já fui acompanhando, nesse tempo eu não estava trabalhando, só acompanhava ele trabalhando para os patrões no seringal Icuriã. Nesse tempo o meu pai morava no Guajará também, aí eu nasci lá no rio Iaco mesmo. Essa é a história que o povo Jaminawa conta, que o resto veio por aqui pelo Purus, subindo o Iaco e o resto veio aqui pelo igarapé Abismo. Saíram

do igarapé Abismo, os outros Jaminawa baixando aí começaram a morar ali também no igarapé Samarrã. Aí do Samarrã foi que o patrão chegou, um tal de Antonio Canizo Brasil. Ele era um homem rico, que podia, aí foi onde que os parentes Jaminawa e Manchineri começaram a trabalhar, brocando campo, tirando caucho, tirando borracha. Aí, depois disso, chegou a Funai, em 1973, já foi vendo essas histórias, que o txai Meireles que veio aí, e depois do txai Meireles, chegaram e ficaram, aí o resto foi para Extrema, o resto dos Manchineri e Jaminawa abriu uma aldeia lá e começou a morar por lá e já tem tempo. Tem duas aldeias antigas, mas a antiga mesmo é a Extrema e o Betel. Eu não sei como é que aconteceu dos parentes Jaminawa saírem da Extrema, e vieram aqui no Senegal, que a aldeia dos Jaminawa era mais grande. Esse Senegal era terra até do parente manchineri, o seu Valdemiro, que o José Correia comprou dele nesse tempo. E aí foi uma aldeia bem grande dos Jaminawa, aí depois deu conflito entre os Jaminawa e aí o resto já foi para Cabeceira do Acre e para o Betel e os outros foram para o Caeté, no rio Caeté, outros foram para o Purus e foram se espalhando. E essa história é sempre meio longa e hoje, no começo mesmo, e no tempo da correria, o resto foi para o Peru e para a Bolívia, e hoje são encontrados Jaminawa no Brasil, no Peru e na Bolívia. Então é essa história que o povo fala que até eu mesmo estou estudando para saber mais. (Josemar Barreto Mariano Jaminawa)

NU MAMOADATE NA AWARAU NU ATIROU YUY NUKU BAY NU ŪWI
 MAPA DE OCUPAÇÃO HUMANA DA TERRA INDÍGENA MAMOADATE



Legenda		Tipos de Uso	
	Aldeias Manchinéri		Capoeira
	Aldeias Jaminawa		Pasto
	Ramal Icurá		SAF
	Limite internacional		Praia
	Lagos		Roçado antigo
	Igarapés		Roçado
	Rios		Unidade de conservação
	Terras Indígenas		Parque Nacional
	Unidade de conservação		Reserva Territorial

0 5 10 15 km
 1:340.000
 Projeto Transversal de Mercator
 Datum WGS 84

FORTE
 Informações dos povos Jaminawa e Manchinéri da
 TI Mamoadate/2005-2015.
 Base Cartográfica Digital do Estado do Acre, escala 1:100.000, obtida através
 de processamento digital dos cartões topográficos
 do Ministério do Exército - Diretoria de Serviços Geográficos (DSG).

CARTOGRAFIA
 Setor de Geoprocessamento / CPI-Acre.
 Data - Junho de 2016

Na awarau nu atirou yuy

Dawa vave xinaki tae vabisvu 2005 pa, ave keska vashu nu tapi mei ibisvu, Mamuadatxi adua ava ravu, naska shume duku tana vaki tae vabisvu, 4 audeia adua 172 yabidawaki duku vadivu, naska vakashu duku tapi bisvu, nu tapia yaba viaitu.

Avi ana 2015 pa duku aki avi ana vakaki, duku ūvia vume nu itxapa 180 yabidawa. Aka rebu dawaume 2005 pa me 582 rebu dawavu ide, iska tia 2015 pame 914 rebu dawavu.

Durivi nu itxa pa ikirada nuku kaivu Brasileia adua ita, Assis Brasil adua avu, nas kake nu itxa pabaxta. Naska kevi na município TI Yabidawa Ika Vuki, Assis Brasil, Brasileia, Rio Branco, Sena Madureira, Santa Rosa do Purus.

Aska tarime Mamuadatxi averi ita Samahã daki, nu deshe bata ita, vai vata, epe shateta, peshe vasheki kadu shateta, vibivu vita nu vabiski.

Naska kevi nu yabidawa vave hamau nu duiba kai petrupi aduri, na hamau duku shume duku upash txakana vãta, yuina txai kui itxu tiruvu.

Nas kake nu vunaya yūkai kai duku bai shate shunu da bai teshebis averi, nave rimai nuku shedivu tishu vukashu yuina reteta, deshe bata vapau divu.





Em 2005, quando foram feitos os estudos de etnozoneamento da Terra Indígena Mamoadate pelo Governo do Estado, a população Jaminawa era de 172 pessoas, distribuídas em cinco aldeias: Betel, Salão, Cujubim, Boca do Mamoadate e Água Boa. Hoje, em 2016, a nossa população é formada por 188 pessoas, vivendo em quatro aldeias. Nos últimos dez anos, a nossa população aumentou apenas 16 pessoas, porque as famílias Jaminawa, que viviam na aldeia Água Boa, retornaram à cidade de Brasília, de onde tinham vindo. Não se deram bem na Terra Indígena Mamoadate e por isso voltaram para a cidade. Outras famílias foram morar em Assis Brasil ou se mudaram para outras terras Jaminawa, como as TIs Guajará, Cabeceira do Rio Acre, Caeté e São Paulino. Várias famílias foram morar na cidade, para completar o estudo dos seus filhos, porque a formação dos nossos alunos nas escolas das aldeias ainda precisa melhorar muito.

Os Jaminawa já ocupavam a região entre os igarapés Mamoadate e Samarrã há muito tempo. No mapa de ocupação, os Jaminawa identificaram moradias antigas, cemitérios e até roçados antigos, de 1940. Hoje eles continuam ocupando essa região com seus roçados.

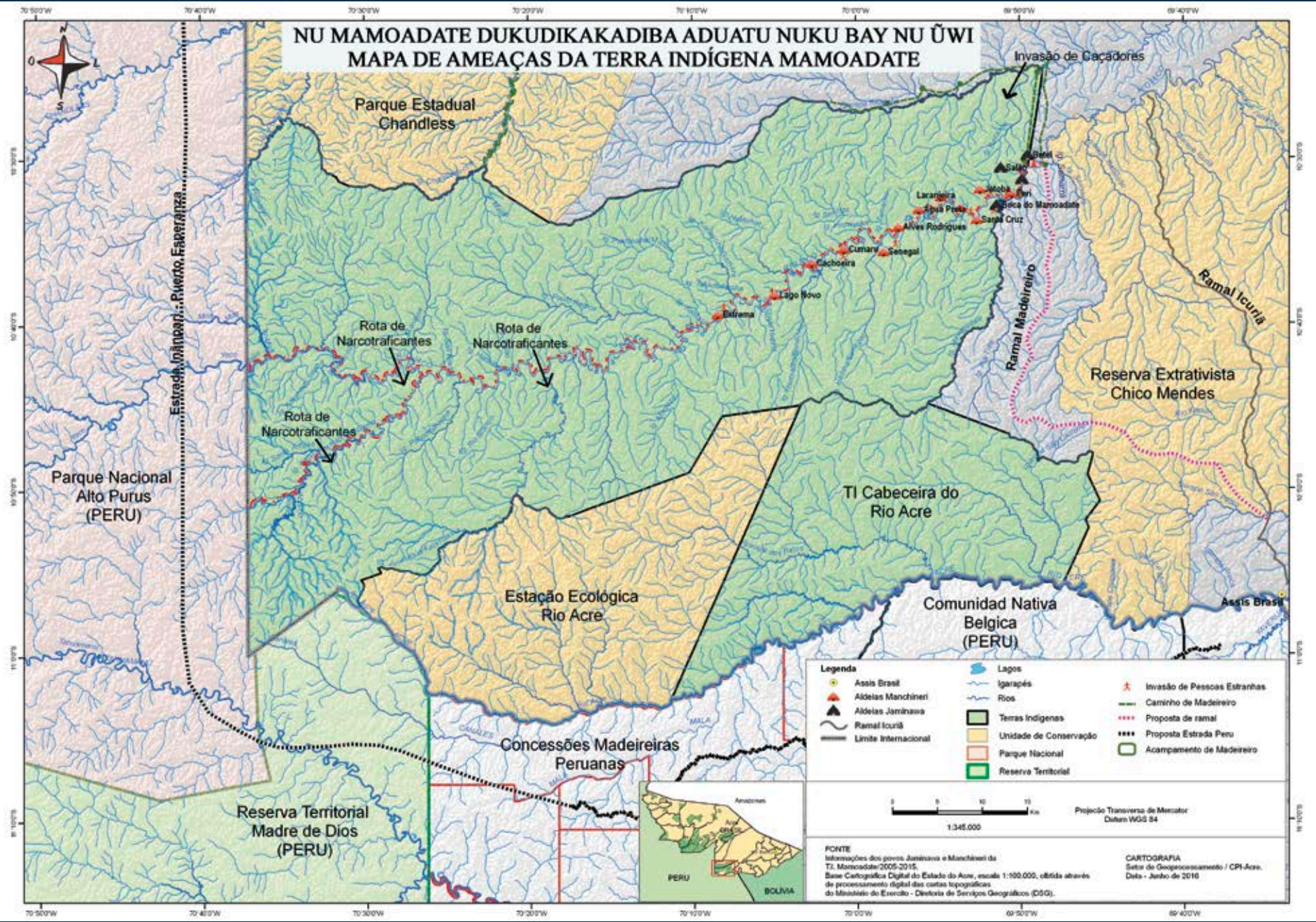
Já os parentes Manxineru tinham, em 2005, uma população de 582 pessoas, distribuídas em dez aldeias. Agora, em 2015, sua população aumentou para 896 pessoas, morando em doze aldeias. Quer dizer, nos últimos dez anos, a população Manxineru aumentou 314 pessoas.

Outro ponto que a gente observa no nosso Mapa de Ocupação é que a maioria dos nossos roçados está sendo colocada fora da terra indígena, como acontece com nossas áreas de caçadas, pescaria e extrativismo. Estamos vivendo mais dos recursos naturais de fora da terra indígena, na área da Fazenda Petrópolis.

Um grupo que se diz Tsapanawa buscou contato, no final do mês de julho de 2014, com os Ashaninka da aldeia Simpatia e uma equipe da Frente Envira da Funai. A conversa com eles tem sido possível graças aos intérpretes Jaminawa, já que os Tsapanawa seriam parte de um dos clãs Jaminawa que decidiram viver “isolados” na floresta. Estima-se que o povo Jaminawa seja formado pelos grupos tsapadawa, shawãdawa, kashidawa, yawadawa.

Eu sou misturado. A minha mãe é Kaxidawa e meu pai Xixidawa. Existem vários grupos Jaminawa. E esses parentes Tsapanawa, que tão saindo do mato agora, são do nosso povo também. Nós tudo somos sangue misturado assim. (Oswaldo Jaminawa, liderança da aldeia Boca do Mamoadate).

NU MAMOADATE DUKUDIKAKADIBA ADUATU NUKU BAY NU ŪWI
 MAPA DE AMEAÇAS DA TERRA INDÍGENA MAMOADATE



Legenda

Assis Brasil	Lagos	Invasão de Pescas Estranhas
Aldeias Manchineri	Igarapés	Caminho de Madeireiro
Aldeias Jaminava	Rios	Proposta de ramal
Limite Internacional	Terras Indígenas	Proposta Estrada Peru
	Unidade de Conservação	Acampamento de Madeireiro
	Parque Nacional	
	Reserva Territorial	

0 5 10 15 Km
 1:345.000
 Projecto Transversa de Merator
 Datum WGS 84

NOTA
 Informações dos povos Jaminava e Manchineri da
 TI Mamoadate/2009-2015.
 Base Cartográfica Digital do Estado do Acre, escala 1:100.000, obtida através
 de processamento digital das cartas topográficas
 do Ministério do Exército - Diretoria de Serviços Geográficos (DSG).

CARTOGRAFIA
 Setor de Geoprocessamento / CPI-Acre.
 Data - Junho de 2016

Ameaças



Nu kesheki xará vai nuku bai adu, yura ũvi bisba kai anu. Naskaki nu (Polícia Federal, exército, IBAMA, IMAC), nu atuve rave paí.

Nu Jaminawa vai ũvi:

Nu vai tãpi sheki Manxineru nu tsai ikíki xarai vai.

Nu ixtanatí vadai, kusha vadaí, aku vadai, (Marco [Verde]) ũvĩtsa inu na bai shatí adu.

Nu Manxineru tsai ikini avetia kuí nu bai shati adu nu vutiru maiki, betxa kane iya bai vari tia.



Existem várias ameaças no entorno da nossa terra indígena, como construção de ramais, tráfico de drogas, atividade de exploração de madeira de lei e perfuração de petróleo do lado peruano. Porém, a maior ameaça é a construção de um ramal madeireiro de 39 km de extensão, pois ao longo desse ramal vai ocorrer muita exploração de madeira. Esse ramal vai passar entre os igarapés Samarrã e Mamoadate, afetando nossas áreas de caçada e pescaria. O ramal vai afetar toda nossa população Jaminawa como também sete aldeias Manxineru.

A outra grande ameaça é a construção da estrada Iñapari, no alto rio Acre, até Puerto Esperanza, no alto rio Purus peruano. Essa estrada vai impactar o fundo da nossa terra indígena, facilitando a invasão por madeireiros ilegais e traficantes de drogas do Brasil e Peru e também vai cortar as cabeceiras do rio Iaco e igarapés que nascem no lado peruano. Isso vai contaminar nossas fontes de água. A rota de narcotraficantes já vem acontecendo pelo igarapé Abismo e pelo igarapé Mutum, como nos anos de 2007 e 2008, quando foram localizados e presos vários traficantes peruanos nas aldeias Extrema e Alves Rodrigues.

A exploração de petróleo na cabeceira do rio Iaco também é uma ameaça para nosso povo e para nossa terra, pois isso irá contaminar as nossas águas.

Nu atu víxtata nu atu tsae iki bisba

Nu atu dikati adi, nu atu ve ibisba, naime nari ika vavu dií mera, (Baxku ita tsapadawa).

Avi nu atuki daku yaba tiruba da tsapadawa íbis keskaí xinani



adu kai kadí íbívsvu keskatíru, na kai yudu nu atuve tsae iya batiruba.

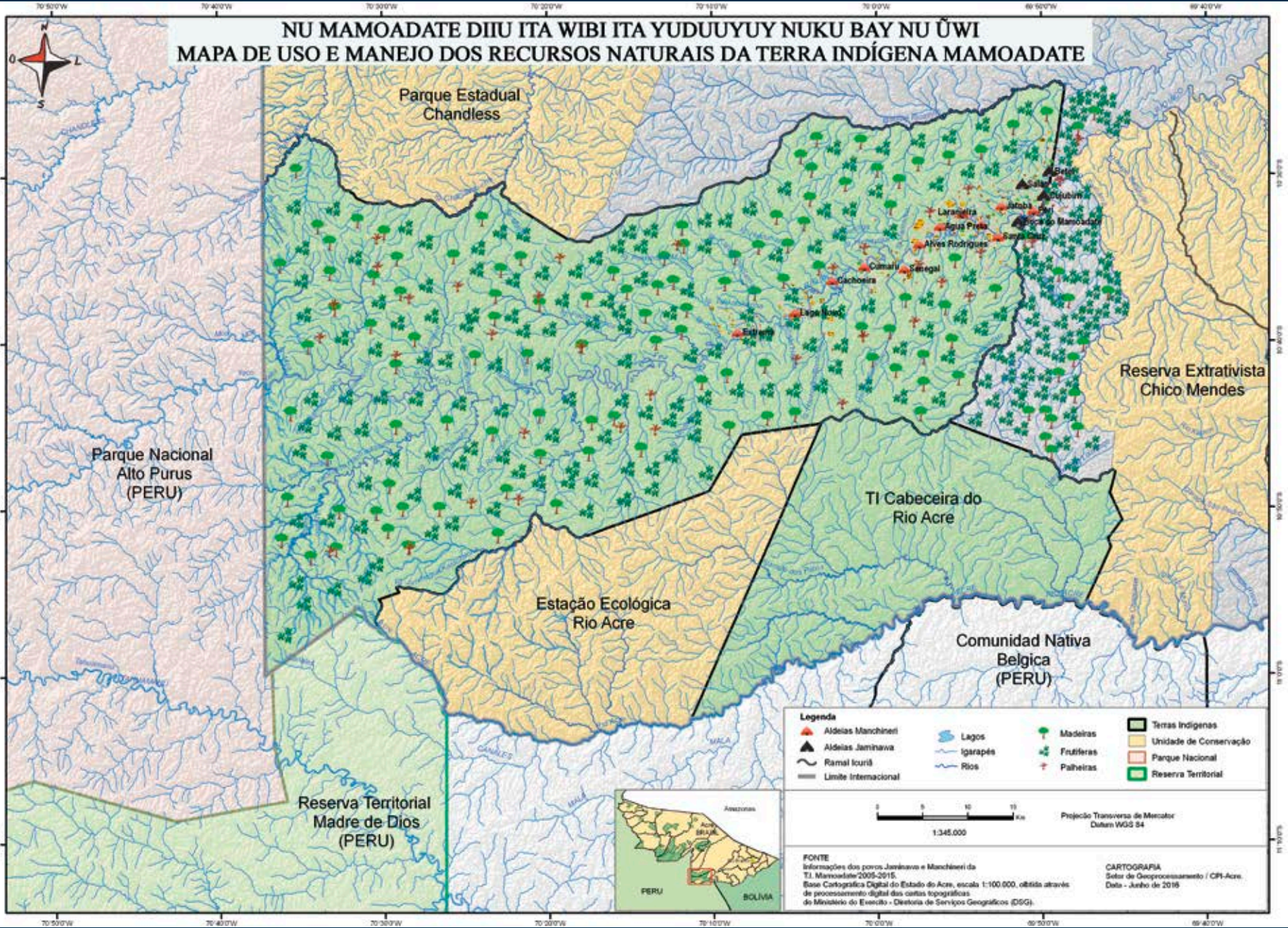
Naskake (FUNAI) vave atu keshe yuvavu, ísi pae vitxi tiru vura íshu.

Naskake na Manxineru vave xinaí adure kuí nu xínai, Abismu ari nae ínuvu, nu arí kai bakaí, naí ípai yaivu keskash ínuvu, yuba pikata, yuvina navu nai pinuvu.



Os parentes que tão aparecendo agora nas cabeceiras do Envira, tanto na aldeia Simpatia dos Ashaninka, como na base Xinane da Frente Envira da Funai, são do nosso povo, porque também somos Tsapanawa. Eles falam a nossa língua e estamos nos entendendo na comunicação. Eu perguntei pra eles que história tinham pra nos contar e um deles veio contar a mesma história que minha avó contava, sem nenhuma diferença. Como que não é o mesmo povo, se é a mesma história e a mesma língua? Eles dizem que saíram agora para ver se encontravam outro grupo, outras pessoas que entendiam e falavam a sua língua. O tempo todo procurava a gente, mas saía no outro grupo... O outro grupo matava os parentes deles e eles matavam os outros também... A língua do povo Jaminawa mudou um pouco depois desses anos todos de contato, porque já misturou com muitas palavras do português falado pelos dawa. E a deles não. É de origem mesmo! Tem um sotaque diferente por conta disso. (...) Xixinawa foi outro apelido dado ao nosso povo. Xixi significa quati, porque ficava mexendo nas coisas das barracas dos seringueiros, roubando as coisas todas. O nosso povo, naquela época em que ainda vivia isolado dos dawa brancos, andava muito pelas matas das cabeceiras dos rios e igarapés, roubava nos depósitos do seringal e nas casas dos seringueiros, principalmente daqueles que viviam nas colocações de centro. Aí eles falavam que esse povo que saqueia, mexe nas coisas dos outros é do povo Xixinawa” (Geraldo Jaminawa).

NU MAMOADATE DIIU ITA WIBI ITA YUDUUYUY NUKU BAY NU ŪWI
 MAPA DE USO E MANEJO DOS RECURSOS NATURAIS DA TERRA INDÍGENA MAMOADATE



- Legenda**
- Aldeias Manchineri
 - Aldeias Jaminava
 - Ramal Içurú
 - Limite Internacional
 - Lagos
 - Igarapés
 - Rios
 - Madeiras
 - Frutíferas
 - Palmeiras
 - Terras Indígenas
 - Unidade de Conservação
 - Parque Nacional
 - Reserva Territorial

0 5 10 Km
 1:345.000
 Projeção Transversa de Mercator
 Datum WGS 84

FONTE
 Informações dos povos Jaminava e Manchineri da TI Mamoadate 2005-2015.
 Base Cartográfica Digital do Estado do Acre, escala 1:100.000, obtida através de processamento digital das cartas topográficas de Ministério do Exército - Diretoria de Serviços Geográficos (DSG).

CARTOGRAFIA
 Setor de Geoprocessamento / CFI-Acre.
 Data - Junho de 2016



Baina ravi kibe avena avara mixtia



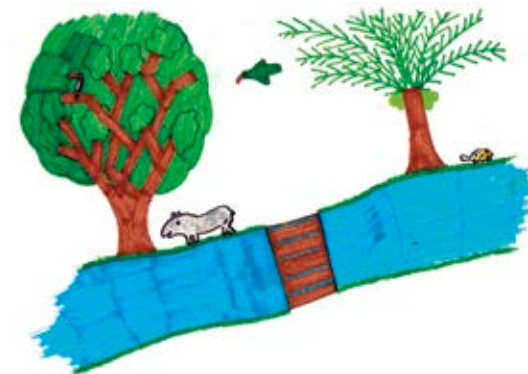
Vibi vada bistu duku yuvi yaidu aira nu vai, ana nu vibi txai baxta kidua nu rera yabanu: shepa, utxa, vibivu, ashu, shavi, txai baxta inu.

Naskaki nu (CPI/AC) ita (AMAAIAC) atuve nu rave pai, vibi vada bisvave atu tapi banu.

Nas kake nu eshe vetsa vetsa tapavu nu vadai.

Aska tari nu kushuitia yūkai, aves kavashu yūra ēsi pae ikaitu nu kaya vatiru maiki, nas kake sábadunu ita, dumíkune, nu yūka tiru ikikai, duku tapi banu.

Aska tari nu disa yari nu yūkai duki tapi banu ēsi pae nuku kai-vu ikaitu disa vishu sheki.



Nas nossas quatro aldeias, temos terra alta, terra baixa e terra firme. Temos muitos tabocais, jarinais e não temos terra de várzea. As nossas aldeias e roçados estão localizados na terra alta, que é onde o nosso povo Jaminawa mora, para não ter perigo de alagação. É por isso que não botamos roçados em terra baixa, que é um lugar onde tem muita taboca e jarina.

Também moramos na terra firme, mas não colocamos roçados nela, porque é um lugar bom de água, com madeira de lei e outras madeiras, taboca, jarina e outras palhas. É um lugar onde passam igarapés e as caças vem tomar água.

Nas áreas de terras alta, baixa, firme e nas matas da terra indígena, temos muito tabocal, jarina, madeiras de lei e frutas.

Na terra entre os igarapés Samarrã e Mamoadate predominam as terras altas onde encontramos os jariinais, cumarus, canelas de velho e jatobais. Na terra baixa (mixpa) encontramos muito sororocal e cacauai, com muita restinga e mata fechada, como cipoal e tabocal. Na terra firme (manashara) e nos baixos encontramos as madeiras de lei, como mogno, cerejeira, intauba, massaranduba e outros.

Na terra alta existia muita madeira para fazer casa e chamávamos esse lugar de mana sinea. Na terra baixa (mixpa) encontramos frutas e também encontramos muitas medicinas, remédios da mata e o cipó, que chamamos de shuri.

Tiramos as palhas de jarina nas matas. Elas servem para fazer o capote para a cobertura das nossas casas e fazer artesanatos. E tiramos

palha de ouricuri, que também serve para cobertura e também para fazer paneiros e abanos. Com o paneiro, carregamos lenha para cozinhar e também carregamos macaxeira e outras coisas mais. Tiramos palha de vários cantos, tiramos de dentro da terra indígena, de fora da terra indígena, perto do igarapé, do rio e de casa. Também tiramos o cipó das matas para fazer chapéu, vassouras e outros.

Pegamos madeiras roliças também nas matas distantes de nossas aldeias, principalmente nas matas dos igarapés Mamoadate e Samarrã. São usadas para construir nossas casas. Tiramos madeira de muito longe, temos que procurar por muito tempo e depois da retirada, carregar até nossas aldeias. O esteio serve para construir a casa e não pode ser qualquer madeira, porque já tem aquela madeira própria na mata para se fazer um bom esteio. A escolha precisa ser por madeiras que duram um bom tempo e que não ficam podres, como a massaranduba, itaúba e bálsamo.

Na mata encontramos muitas frutas. Elas podem ser encontradas longe de casa ou por perto, ao redor de nossas moradias, na beira do rio ou do igarapé. Coletamos frutas em todos os lugares, dentro da terra indígena ou nas matas entre os igarapés Samarrã e Mamoadate. De algumas dessas frutas nós gostamos muito e aproveitamos para trazer para nossas casas, para poder comer e fazer suco. As frutas da mata que mais comemos são: patoá, cacau, pama, jenipapinho, itwi, ingá, maparajuba, cajá, pupunha, biorana, coco de jarina, cacauzinho, manitê, inharé, bacuri, jenipapo, jatobá, marajá, coco de murmuru, cajarana e tamixi. O jenipapo, por exemplo, é usado para fazer pintura corporal e também



tinjir os artesanatos e para própria alimentação. Já o Itwi, cumaru de cheiro, jacareúba e quariba são boas para fazer canoa.

Antigamente tinha muitas madeiras de lei; muitas palhas, paxiubão, paxiubinha, frutas silvestres, dentre outras riquezas naturais, nas matas da TI Mamoodate. Com a concentração de aldeias Jaminawa e Manxineru na parte de baixo da terra indígena, alguns desses recursos florestais estão ficando cada vez mais escassos.

Ainda tem muitas palhas de ouricuri e jarina nas matas próximas da aldeia Boca do Mamoodate. Mas nas outras três aldeias, Betel, Salão e Cujubim, esses dois tipos de palha ainda muito usados na cobertura de casas e outras construções, já estão sendo tirados fora da área indígena, principalmente nas matas da Fazenda Petrópolis.

Atualmente, estamos planejando reflorestar as proximidades de nossas aldeias com madeira de lei, palheira, paxiubão, paxiubinha e jarinas, que estão acabando e ficando cada vez mais escassas e distantes de nossas aldeias. Para que isso aconteça, precisamos capacitar os agentes agroflorestais de nossas quatro aldeias, através de parcerias com a AMA-AIAC (Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre), a CPI-Acre (Comissão Pró- Índio do Acre), o Governo do Estado e a Coordenação Regional Alto Purus, da FUNAI. Com essas parcerias, nossos agentes agroflorestais serão formados e treinados para a coleta de sementes e a produção de mudas dessas espécies florestais. Só assim teremos condições de realizar o plantio dessas espécies nas matas próximas de nossas aldeias.



Já em relação às palmeiras e palmeiras, estamos há muito tempo fazendo o manejo delas, tirando as palhas sem derrubar as palmeiras, preparando os nossos vinhos sem derrubar os pés de açai, patoá, bacaba e buriti. Na gestão da nossa terra, queremos não só conservar, como já estamos fazendo, mas também enriquecer e ajudar ainda mais as nossas florestas, tanto aquelas situadas nos arredores de nossas aldeias, como na mata bruta.

Em relação às plantas medicinais, precisamos aprender com nossos velhos pajés os seus usos e dietas correspondentes. Algumas dessas plantas estão ficando cada vez mais difíceis e distantes de nossas aldeias. Por isso, precisamos valorizar o trabalho de saúde prestado pelos nossos curadores tradicionais, que hoje são poucos nas nossas comunidades, além de cultivar nossas principais medicinas nas proximidades de nossas aldeias. Queremos criar parques e descobrir os caminhos dos remédios da mata, de modo a facilitar o aprendizado e o ensino das futuras gerações.

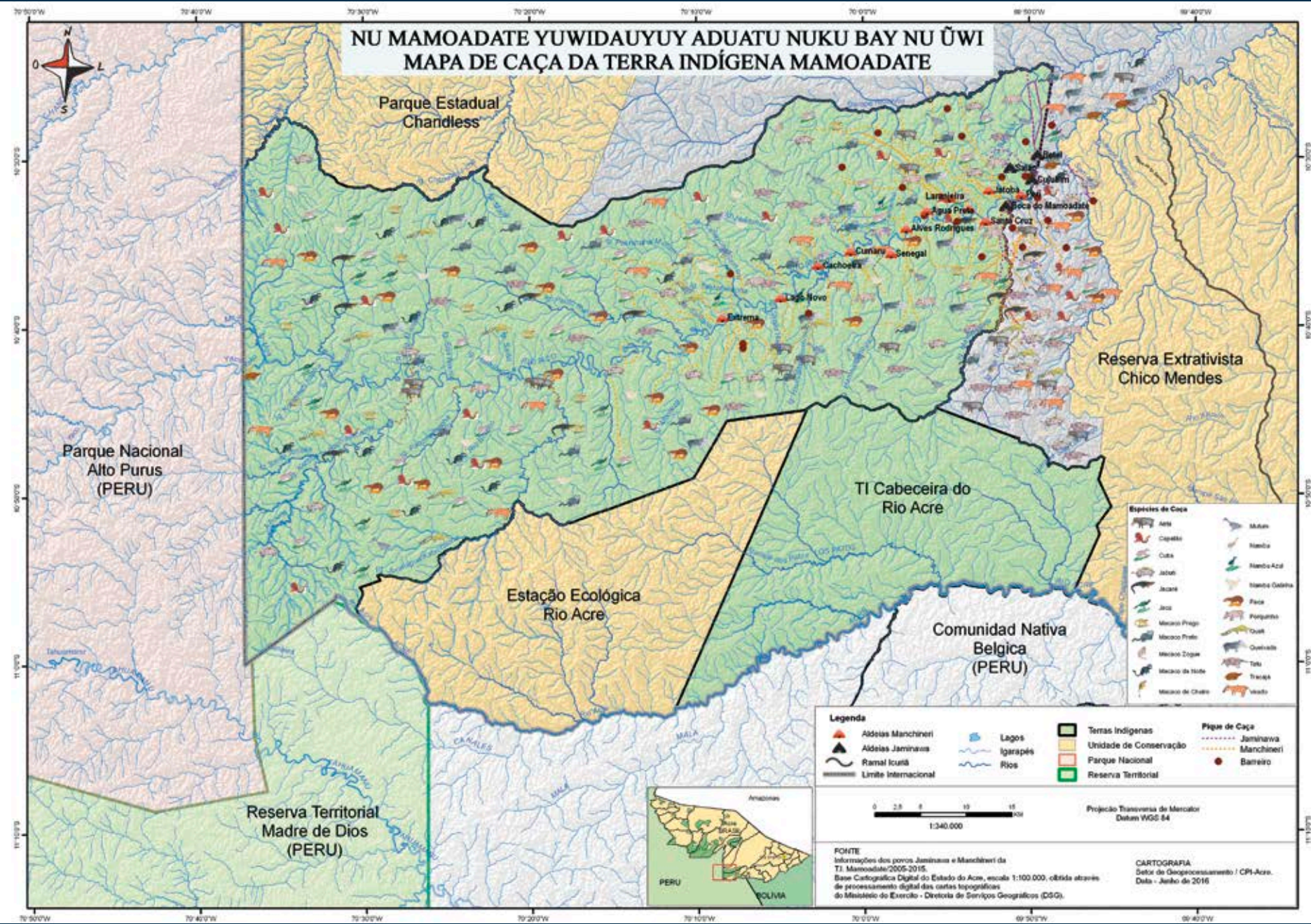
Sabemos que existem os seres da floresta, os espíritos que protegem as plantas medicinais e também as árvores. Para poder entrar na mata, e usar as folhas, tem que pedir permissão espiritual.

A Terra Indígena Mamoadate é composta por diversos tipos de vegetação. Terra alta, terra baixa, matas altas, matas baixas, igapoal, patoal, restinga, açaizal, buritizal, flecheiral, embaubal, jarinal, sororocal, tabocal, taboca fina, marajá, murmurú, cansanção, esperaizal, cipocal, cipó de fogo, e os lugares que chamamos de “mata onde as tabocas

morrem”. Tem mata bruta, capoeira e paxiubal. Tem tirirical, murinzal, taboquinha. São esses os tipos de vegetação que são encontrados dentro da Terra Indígena Mamoadate.



NU MAMOADATE YUWIDAUUYU ADUATU NUKU BAY NU ŪWI
 MAPA DE CAÇA DA TERRA INDÍGENA MAMOADATE



- Especies de Coça**
- | | |
|--------------------|---------------|
| Arara | Mucuna |
| Capelito | Nambá |
| Cutá | Nambá Azul |
| Jacubi | Nambá Galinha |
| Jacaré | Paca |
| Jaca | Piquinho |
| Macaco Preto | Quati |
| Macaco Zigue | Quelha |
| Macaco da Tolda | Tatu |
| Macaco de Chaleiro | Traçá |
| | Urubá |

- Legenda**
- | | | | |
|----------------------|----------|------------------------|---------------------|
| Aldeias Manchineri | Lagos | Terras Indígenas | Pique de Coça |
| Aldeias Jaminavas | Igarapés | Unidade de Conservação | Jaminava Manchineri |
| Ramal Icutá | Rios | Parque Nacional | Baileiro |
| Limite Internacional | | Reserva Territorial | |

0 2,5 5 10 15
 1:340.000
 Projeção Transversa de Mercator
 Datum WGS 84

POINTE
 Informações dos povos Jaminava e Manchineri da
 TI Mamoadate/2005-2015.
 Base Cartográfica Digital do Estado do Acre, escala 1:100.000, obtida através
 de processamento digital das cartas topográficas
 do Ministério do Exército - Diretoria de Serviços Geográficos (DSG).

CARTOGRAFIA
 Detex de Geoprocessamento / CPI-Acre.
 Data - Junho de 2016



Ana nu dii vidaiba yuvinavu txai baxta venvuvu, na nu ika txai baxta.

Aska tari nu dii shateiba Samahā averi, naveri mae nuku diiti vai tapiake, naveri mai nuku shedi vuti dipau divuke, naverí nu dita, disa vita nu vabis.

Aska tari nu pashtaya nu dii vida tiruba nu pashtaya dii pasu tai adu visti nu itiru.

Askata nu yūkai dawa kere shepavu duku bai shate shunuvu, na bai shate deba adu.

Aska tari nu yūkai dawa kere shepavu duku teketi eshe duku (bidi nuvu) .

Askata nu ana dii rerata, vibi rerata, nu vaiba, numae vibi atiri pitiru shaki, aska tari yuvina navu txai baxta venvuvu vibi pikadi.



O povo Jaminawa começou a trabalhar para o patrão, Antônio Canízio Brasil, como peão, brocando campo e derrubando os paus, as matas, com machado. Mesmo trabalhando duro para o patrão do Petrópolis, nossos velhos tinham facilidade nas suas caçadas. Havia muita caça em vários lugares da mata. Podiam ficar despreocupados, porque as caças andavam perto das casas. Naquele tempo, ainda tinha muita caça grande, como anta, veado, queixada e porquinho, além de muita embiara, como capelão/guariba, macaco preto, paca, cutia, jabuti, jacaré, mutum, nambu, cujubim e outros aves.

No tempo da Fazenda Petrópolis, os caçadores Jaminawa tinham pouco tempo para caçar, porque tinham que trabalhar para os seus pa-

trões. Só nos domingos podiam caçar. Trabalhavam de segunda a sábado, todas as semanas.

Quando olhamos o nosso mapa de caçada vemos essa situação, que a maioria dos nossos caçadores tão caçando fora da terra indígena. Porque é lá onde fica a maior parte dos nossos piques de caçada. Por isso, desde o tempo do primeiro etnozzoneamento feito pela SEMA, em 2005/07, estamos reivindicando junto à Funai e ao Governo do Estado a revisão dos limites da nossa terra.

Uma ameaça ao nosso território de caça é a construção do ramal madeireiro do Jorgenei Ribeiro, que nos preocupa muito. Esse ramal vai passar justamente onde é o nosso território de caça. Vai afetar muito as

caças nas matas dos igarapés Samarrã e Mamoadate. Esse ramal não só vai transportar a madeira da área do Riozinho, como também vai derubar toda madeira ao longo de seu percurso. Isso vai impactar muito as nossas caçadas, pois se hoje a situação já é ruim, com o ramal vai ficar pior ainda.

Antigamente, tinha muita fartura de caça nas matas do alto rio Iaco, principalmente na TI Mamoadate, onde a exploração de seringa e do caucho foi pequena. Hoje, não tem sido fácil ter carne de caça na nossa alimentação. Isso aconteceu porque houve muitas caçadas com cachorros por parte dos dawa brancos e dos patrões de seringais, que incentivaram o comércio das peles e couros de animais silvestres. Estas caçadas comerciais afastaram tanto as caças grandes, como anta, veado, porquinho e bandos de queixada, como também as embiaras, caças pequenas como paca, cotia, tatu e diversos tipos de macaco e nambu, quatiuru, cujubim e mutum, dentre outros.

Também houve muito desmatamento com a instalação da Fazenda Petrópolis, bem no limite da parte de baixo de nossa área indígena. Foram os Jaminawa e Manxineru que abriram os campos e as pastagens desta grande fazenda de gado do patrão Canziio Brasil, dono do seringal Petrópolis. Esse grande desmatamento afastou as caças grandes e as embiaras para mais longe de nossas aldeias. Hoje, para matar uma caça grande, os caçadores Jaminawa andam mais de três horas.

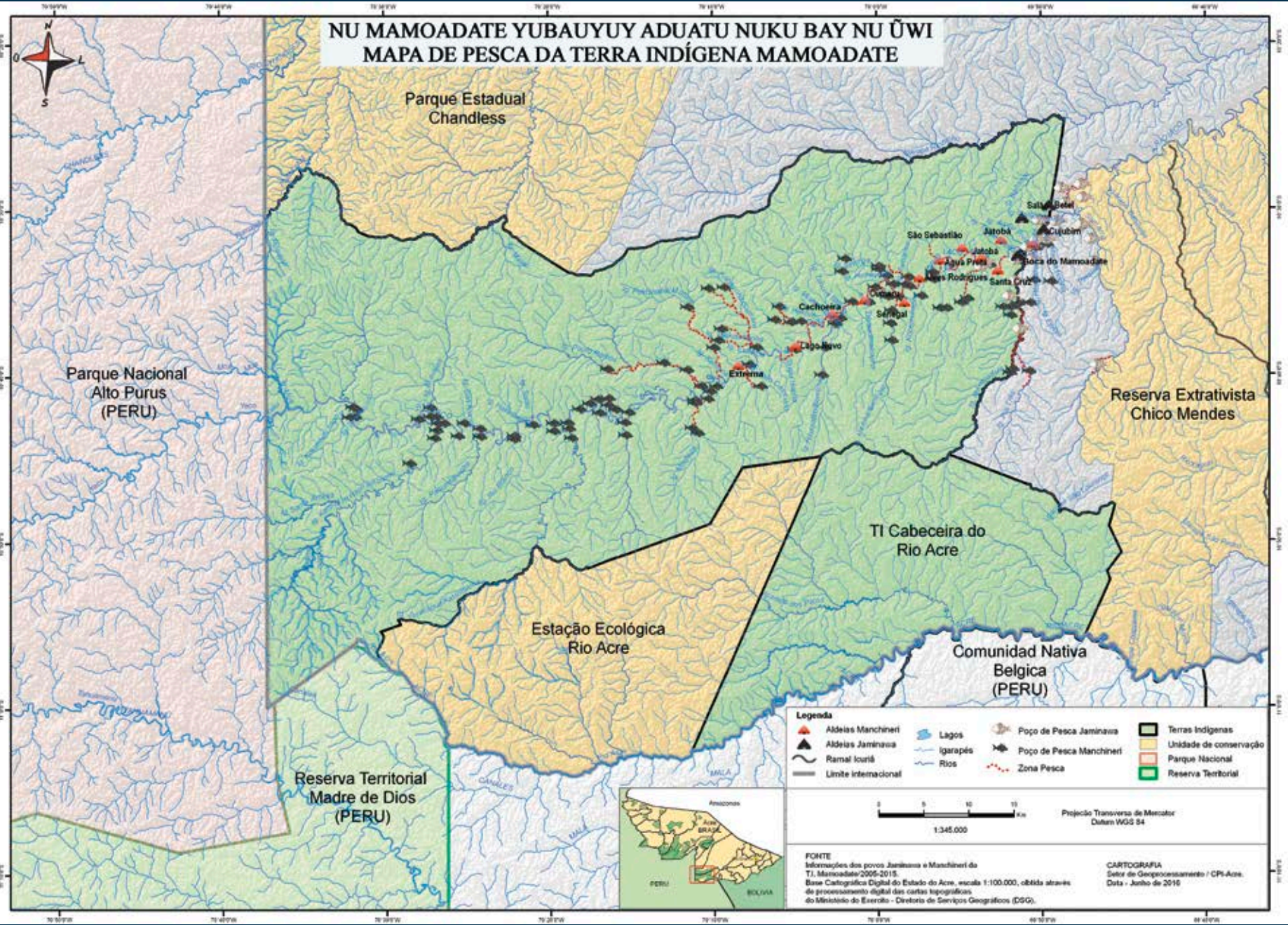
As quatro aldeias Jaminawa – Betel, Salão, Cujubim e Boca do Mamoadate – estão muito perto umas das outras e próximas a outras

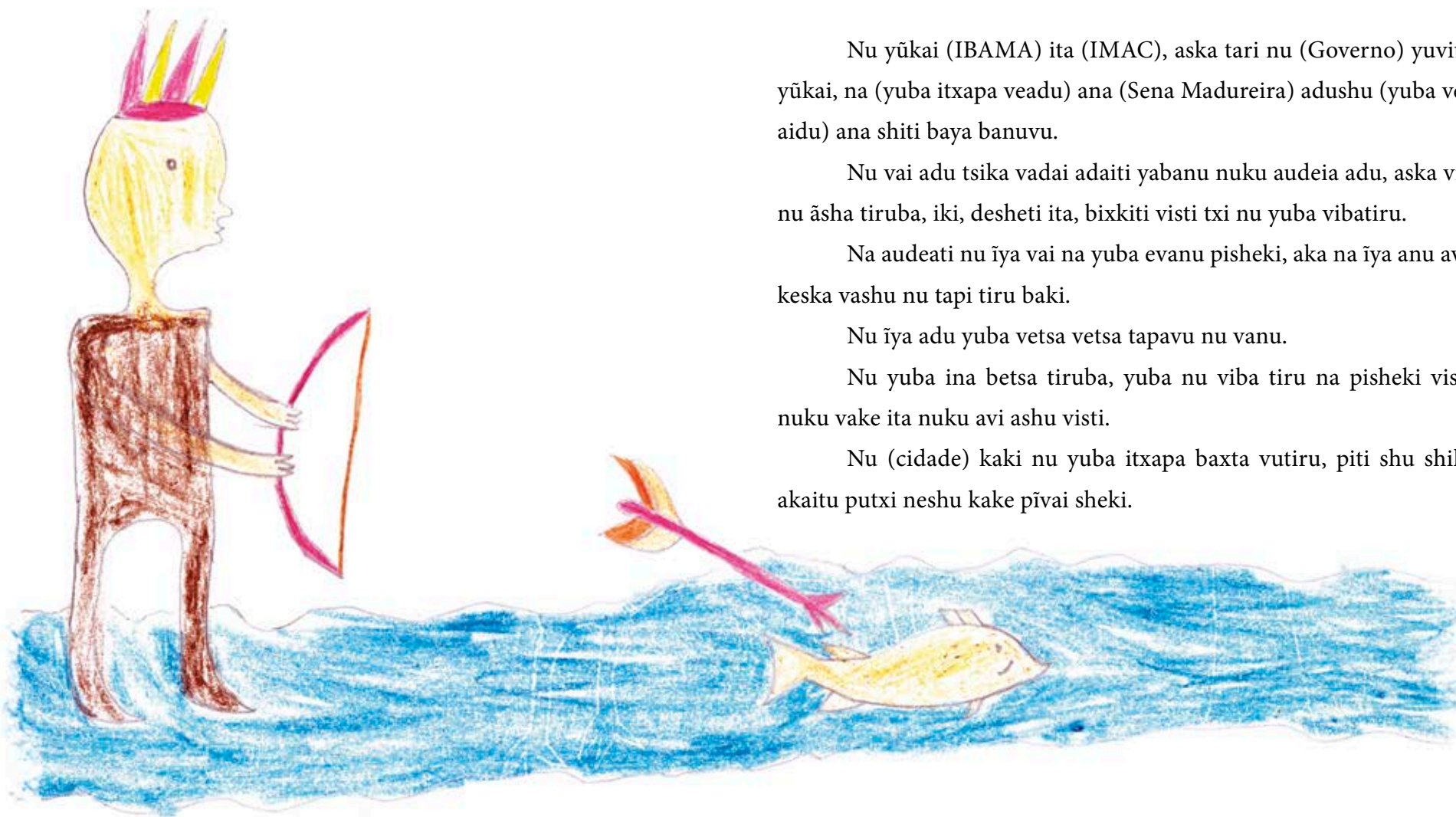
quatro aldeias Manxineru – Peri, Jatobá, Santa Cruz e Laranjeira – todas próximas à foz do igarapé Mamoadate, limite da parte de baixo da nossa terra. Essa concentração de aldeias e da população Jaminawa e Manxineru nessa parte da terra vem criando muitos problemas nas nossas caçadas. Hoje, para matar uma caça grande, os caçadores Jaminawa andam mais de três horas nos piques de caçadas que abrimos nas matas da Fazenda Petrópolis, entre os igarapés Mamoadate e Samarrã. De fora, portanto, dos atuais limites de nossa terra indígena. No entanto, essa área compreendida entre esses dois igarapés vem sendo ocupada há muito tempo pelos Jaminawa e Manxineru.

Atualmente, a maioria de nossas caçadas é fora da TI Mamoadate, justamente nessa área compreendida entre nossa terra e a Reserva Extrativista Chico Mendes. Hoje, a Fazenda Petrópolis é cercada pela TI Mamoadate, a Reserva Extrativista Chico Mendes, a TI Cabeceira do Rio Acre e a Floresta Nacional Macauã.



NU MAMOADATE YUBAUUYU ADUATU NUKU BAY NU ÜWI
 MAPA DE PESCA DA TERRA INDÍGENA MAMOADATE





Nu yūkai (IBAMA) ita (IMAC), aska tari nu (Governo) yuvita yūkai, na (yuba itxapa veadu) ana (Sena Madureira) adushu (yuba ve-aidu) ana shiti baya banuvu.

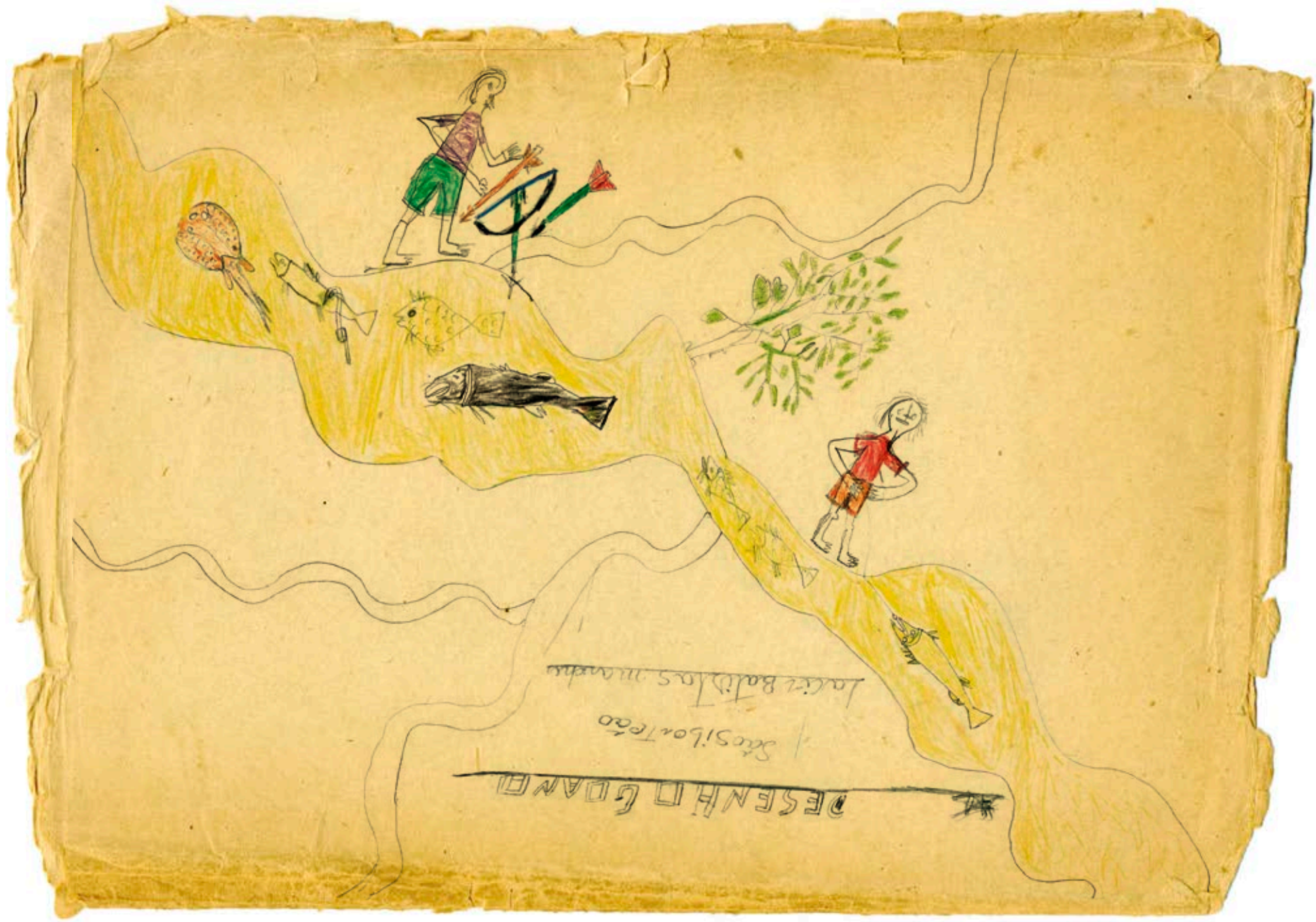
Nu vai adu tsika vadai adaiti yabanu nuku audeia adu, aska via nu āsha tiruba, iki, desheta ita, bixkiti visti txi nu yuba vibatiru.

Na audeati nu ĩya vai na yuba evanu pisheki, aka na ĩya anu ave keska vashu nu tapi tiru baki.

Nu ĩya adu yuba vetsa vetsa tapavu nu vanu.

Nu yuba ina betsa tiruba, yuba nu viba tiru na pisheki visti nuku vake ita nuku avi ashu visti.

Nu (cidade) kaki nu yuba itxapa baxta vutiru, piti shu shiki akaitu putxi neshu kake pĩvai sheki.



As águas

Antigamente as águas eram muito importantes (Nu besey vidakuy) e mais valorizadas pelo povo Jaminawa do que nos dias de hoje. Naquele tempo, quando andava caçando pelas matas, a gente sempre encontrava muita fartura de água durante as nossas caminhadas.

Na área compreendida entre os igarapés Samarrã e Mamoadate, antes mesmo da implantação da Fazenda Petrópolis e da identificação da TI Mamoadate, os nossos velhos já caçavam e pescavam nesses dois igarapés. Neles, encontravam água boa para beber.

Existem ainda na mesma área inúmeros olhos d'água para construção de cacimbas e vertentes, o que vai garantir a melhoria da qualidade da água de beber de nossas comunidades. E o maior problema hoje nas nossas aldeias é o da água de qualidade para o consumo de nossas comunidades. Nas aldeias Salão, Cujubim e Boca do Mamoadate não temos poço para tirar água para beber, as comunidades precisam tomar água do rio, o que pode trazer muitas doenças. Hoje, precisamos buscar água de beber nos poços e cacimbas das aldeias Peri e Jatobá, dos Manxineru.

Os igarapés Samarrã e Mamoadate são os dois afluentes do Iaco mais importantes para as nossas comunidades, porque são justamente neles que fazemos até hoje a maior parte de nossas atividades de subsistência.

Nós, Jaminawa, também fazemos nossos roçados fora dos limites da terra indígena. Há muito tempo que colocamos nossos roçados en-

tre os igarapés Mamoadate e Samarrã, porque lá tem muita terra firme arenosa e não alaga. Além de ter fartura de água, não há formiga para cortar os nossos plantios. Por isso, não queremos a construção do ramal madeireiro do Petrópolis, porque a área vai ficar degradada, secando nossas águas e ficaremos sem elas para nos abastecer.

Outra grande preocupação com as águas, diz respeito às cabeceiras do rio Iaco que é o nosso principal rio e nasce no lado peruano. Sabemos que está sendo construída uma estrada que liga Inãpari a Puerto Esperanza e pode afetar muito a qualidade do rio Iaco e seus afluentes. Isso afetara também os peixes e os animais.

Nos últimos tempos, observamos ainda que o rio Iaco e os seus principais tributários estão secando, sobretudo nos meses de verão. E os seus poços estão sendo aterrados e desaparecendo progressivamente. Provavelmente, tudo isso que está ocorrendo agora é já uma consequência das mudanças climáticas, que vêm afetando principalmente as nossas áreas de pescarias e caçadas. Outro aspecto dessa mudança no clima é a ocorrência, nos últimos anos, de grandes alagações e períodos de secas prolongadas, que afetam todas as atividades de subsistência de nossas comunidades.

Os nossos antepassados Jaminawa pescavam nos poços do rio Iaco e dos igarapés Mamoadate e Samarrã, sem preocupação para alimentar as suas famílias. Naquele tempo, eles pescavam com flecha e tingui, porque não tinham tarrafa nem anzol. Tanto nos poços do rio e dos seus igarapés, quanto nos lagos e igapós, havia muita fartura de vá-

rias espécies de peixes. Hoje, não pescamos mais alguns tipos de peixes, como o jaú, arraia e sirigado; assim como jacaré. Isso acontece porque a nossa população, junto com a dos parentes Manxineru, está aumentando muito nessa parte de baixo da terra indígena.

Antigamente, antes de pescar, não dormíamos com nossas mulheres. E também havia o chefe dos peixes e as feras do rio e dos igarapés. Os antigos contam que a cobra grande e a arraia grande eram as feras que existiam nos rios. Elas comiam os peixes. O jacaré grande também era uma fera do rio, assustava os moradores e comia até gente.

É por isso que estamos pescando cada vez mais fora do que dentro da terra indígena, porque a maioria de nossos poços de pesca está nos igarapés Samarrã e Mamoadate, que pertencem à Fazenda Petrópolis. Pescamos também rio abaixo até a aldeia Santa Rosa do Iaco [na TI Manxineru do Seringal Guanabara]. Subindo o rio, já na área indígena, pescamos até perto da aldeia Senegal, dividindo os poços de pesca com os pescadores das primeiras aldeias Manxineru.

Os poços perto de nossas aldeias aterraram. Por isso, não tem mais peixe. Agora precisamos gastar de um dia a dois de viagem para conseguirmos pescar uma boa quantidade de peixes. Assim, todas as nossas quatro comunidades, queremos açudes para criações de peixes, que podem ajudar na nossa segurança alimentar.

Onde tem cobra grande, tem peixe grande, como jaú e outros, assim chamamos a cobra grande um dos chefes dos peixes. O jacaré é uma grande fera das águas, pois ele come os peixes grandes e pequenos.

A arraia grande também é uma fera do rio, pois come os peixes. Conta a história que o jacaré grande comeu dois pescadores.

Antigamente tinha muitos peixes, tinha shauya, um peixe grande que hoje não existe mais em nossa região. Havia muita fartura de peixes grandes e pequenos, além de jacarés, tracajás, arraias, poraquês e cobras sucúris, nos inúmeros poços do rio Iaco e de seus principais igarapés, igapós e lagos. Hoje, no entanto, as nossas pescarias estão ficando cada vez mais difíceis, até mesmo porque os peixes estão ficando cada vez mais escassos. Em parte, a falta de peixes na nossa alimentação vem acontecendo porque os pescadores profissionais de Sena Madureira atravessam malhadeiras ao longo do rio Iaco na época das piracemas, impedindo assim que os peixes subam o rio para desovar em suas cabeceiras. Hoje é muito difícil pegar peixes grandes, principalmente jundiás, dourados, pirarucus, surubins, pirararas, bacús e cuiú-cuiús. Atualmente, os pescadores Jaminawa só pescam peixes pequenos, como mandi, curimatã, branquinha, sardinha, piaba chata... E, assim mesmo, em quantidade pequena que mal dá para alimentar nossa família uma vez.

Outro motivo para a escassez de peixes deve-se ao fato de que as populações Jaminawa e Manxineru aumentaram consideravelmente nos últimos anos, especialmente na parte de baixo da nossa terra indígena, onde se concentram oito das 16 aldeias da TI Mamoadate, quatro Jaminawa e outras quatro Manxineru.

Hoje, o nosso principal instrumento de pesca é a tarrafa. Também não faltam anzóis e linhadas. No passado, a técnica de

pescaria mais usual era a pesca com venenos, especialmente puikamã, pikumĩ, tsika que são tipos de tingui, cultivados nos roçados. Essa antiga prática de pesca com venenos contava com a participação de todos os homens, mulheres, jovens e crianças, sendo vedada apenas para as mulheres menstruadas. Apesar de ter sido um elemento importante para a vida social e cultural de nossas comunidades, esse tipo de pescaria contribuiu efetivamente para diminuir os peixes na nossa terra indígena.

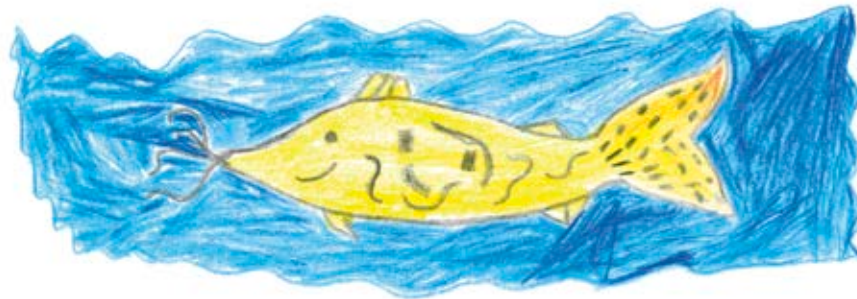
Em 2009, por ocasião da elaboração do primeiro Plano de Gestão Territorial e Ambiental da TI Mamoodate, as nossas lideranças e representantes decidiram acabar com esse tipo tradicional de pesca com venenos. E agora, com um novo plano de gestão, continuamos proibindo esses tipos de pescarias, porque matam e acabam com todos os tipos de peixes, dos grandes aos pequenos, sobretudo os seus alevinos. Impedir a continuidade desse tipo de pesca é uma medida efetiva, adotada pelas nossas comunidades, visando a aumentar os peixes nos poços do rio Iaco e de seus inúmeros igarapés e lagos.

No passado, os parentes Jaminawa também usavam arco e flecha para pescar, o que os tornavam mais caçadores de peixes do que pescadores. Hoje, no entanto, essa prática antiga de pesca se limita apenas em flechar curimatãs nos rasos do rio e na beira dos lagos. Hoje a maior parte de nossas pescarias é realizada com anzóis e tarrafas.

Fora da nossa terra, pescamos no rio Iaco até perto da foz do igarapé Guajará, na terra indígena Jaminawa de mesmo nome, ainda não identificada pela Funai. Hoje, pescamos mais nos poços dos igarapés Mamoodate e Samarrã, afluentes da margem direita do alto rio Iaco, por estarem mais próximos de nossas comunidades.

Enfim, se o inverno é o melhor tempo para as nossas caçadas, porque é mais fácil rastejar as caças, o verão é o tempo das pescarias e de colocar novos roçados. E é também o tempo das festas.

Há ainda aquelas pescarias realizadas apenas por mulheres e crianças. Elas sobem os igarapés, menos pescando do que coletando caramujos, camarões e vários tipos de rãs, dentre elas o sapo canoeiro, além de piabas chatas e outros peixes menores. Geralmente são assados na beira do igarapé e consumidos ali mesmo.





Relato do sertanista José Carlos Meirelles, contextualizando os dez anos de convivência com os Jaminawa e Manchineri na aldeia Extrema, última aldeia da TI Mamoodate, que ele ajudou a fundar em 1976.

Cheguei, em junho de 1976, no antigo seringal Petrópolis, no alto rio Iaco. Naquele tempo, os Jaminawa já moravam no Betel e do outro do lado do rio também. Só o velho Olavo que morava no Salão. Já os Manchineri moravam mais abaixo, do outro lado do rio, em frente à sede do seringal Petrópolis. Existia o Peri, onde morava o Luiz Brasil e mais acima morava o Antônio Salomão. Viviam todas as famílias como peões da Fazenda Petrópolis, batendo campo, brocando e derrubando a mata bruta para formação de campo, em um sistema de quase escravidão. Trabalhavam, quase sempre, nos seis dias da semana.

Naquela época, no Betel e Peri, moravam dois casais de missionários das Novas Tribos. Faziam proselitismo religioso e atendiam com medicamentos de primeiros socorros aqueles casos de doença mais simples.

No mês de julho de 1976, subi o rio Iaco até acima da boca do igarapé Abismo, com o índio manchineri Antônio Alves (pai do Sabá) para conhecer a região. Havia uma fartura imensa de caça, peixe e ovos de tracajá. Na volta da viagem, por informação dos Jaminawa, fiquei sabendo que o Sr. Antônio Canízio Brasil mantinha relações com algumas índias de seu povo a troco de dedais de miçangas. Denunciei-o à Polícia Federal e isso gerou um inquérito que acabou por afastá-lo da fazenda.

Tanto os Manchineri como os Jaminawa me informaram que suas terras tinham o formato que tem hoje e fiz a proposta de identificação dessa terra para a Funai. Em 1978, o antropólogo Noraldino Vieira Cruvinel fez os estudos de identificação e delimitação da terra indígena. Naquele tempo, havia mais Jaminawa



do que Manchineri no Petrópolis. A maioria dos Manchineri vivia espalhada pelos centros dos seringais Icuriã, Guanabara, Tabatinga, Petrópolis e Boa Esperança, cortando seringa.

No ano de 1977, começamos a mudança para a aldeia Extrema, somente com os homens, para colocar roçados e fazer as casas. Em 1978, iniciamos a construção da pista de pouso que ficou pronta no final do verão daquele ano. Neste mesmo ano, as famílias Jaminawa e Manchineri se mudaram para a Extrema. Naquele tempo havia uma auxiliar de enfermagem na aldeia Extrema, Teresa Figueiredo. Em dez anos de permanência na terra indígena, não houve um único caso de óbito, nem de Manchineri, nem de Jaminawa, exceto em casos de acidente fatal. Os casos mais graves de saúde eram encaminhados para Rio Branco via aérea. É bom lembrar que a saúde dos índios naquele tempo era de competência da Funai.

Foram feitos vários projetos de cooperativa, com o intuito de fixar os novos moradores na Extrema e incentivar os Jaminawa e Manchineri que estavam dispersos nos seringais, abaixo do Petrópolis, a se mudarem para Extrema, ou seja, para dentro da futura terra indígena. Depois de vários anos compartilhando a aldeia Extrema, as diferenças culturais entre os dois povos começam a aflorar. É o início do processo da separação dos Jaminawa e Manchineri. A primeira mudança se deu da Extrema para o Senegal, onde vivia um manchineri por nome de Valde-

miro Severino da Silva. Os Jaminawa compraram as suas benfeitorias e construíram a aldeia Senegal, onde passaram a cortar seringa por um tempo.

No ano de 1984, saio da Terra Indígena Mamoodate, coincidentemente, com o início do que chamo de “diáspora Jaminawa”. Depois da saída da Extrema, os Jaminawa se fixaram em vários rios da região do Alto Purus e nos seus afluentes como os rios Iaco, Acre, Caeté, Purus. Muitas famílias Jaminawa vivem hoje nas cidades de Assis Brasil, Sena Madureira, Brasiléia e até na capital do Estado, Rio Branco. Outras famílias se mudaram para a Bolívia e Peru.





Em 1979, subi o Iaco com o compadre Otávio Brasil Manchineri e encontramos na praia da boca do Abismo uma grande quantidade de tapiris dos Mashco, que haviam descido pelo Abismo e subido pelo Iaco. Da boca do igarapé Abismo até a boca do igarapé Moa, os Mashco acamparam seis vezes. Calculamos que eram por volta de 300 pessoas. Não havia nenhum vestígio nos moquéns de escamas, ossos ou espinhas de peixe. Nem de jacaré ou tracajá. Notamos também que os Mashco raramente tiravam covas de ovos de tracajá. Havia uma quantidade enorme de lenha amontoadas, sem nenhum vestígio de corte por instrumento de ferro.

Dentro dos tapiris muita envira desfiada, usada na amarração da pena na flecha e na própria cana da flecha, do encosto da ponta até quase a metade no pendão da flecha. Havia também raspa fina de pupunha, o que indica que em alguns tapiris estavam fazendo arcos. Pela espessura das raspas, os arcos eram raspados provavelmente com dente de porquinho ou queixada. Na maioria dos tapiris, encontramos montes de côco ouricuri. Os Mashco comem a entrecasca e os bagos, misturados com carne de caça.

Os tapiris eram feitos de palha de jarina enfiada na areia. Em nenhuma das palhas havia sinal de corte por instrumento de ferro. O que faziam era, provavelmente, com um dente de paca ou cotia, riscar a costa da palha e quebrar, como constatamos onde

as tiraram. As distâncias entre os acampamentos eram pequenas. Creio que pela fartura de caça no alto Iaco. E também desconfio que pela quantidade de pessoas, os Mashco não se preocupavam em esconder seus acampamentos. Hoje é muito raro encontrar acampamentos Mashco nas praias dos altos rios. Naquele tempo, ou os Mashco desciam o igarapé Abismo e subiam o rio Iaco, ou entravam no igarapé Moa e se dirigiam ao hoje Parque Estadual do Rio Chandless. A variação das nascentes do Tahuamanu, afluente do alto rio Madre de Diós, para as cabeceiras do Abismo e do próprio Iaco, no lado peruano da fronteira, não é longa. As nascentes do rio Acre ficam abaixo desse caminho. Os Mashco, somente quando desejam, passam pelas cabeceiras do Acre. Na maioria das vezes, varam direto do Tahuamanu para o Iaco.

Todos os velhos Jaminawa, no tempo que eram isolados e posteriormente ao contato, sempre tiveram encontros conflituosos com os Mashco. Fazia parte da cultura Jaminawa a guerra com os Mashco e vice-versa. Talvez hoje a mentalidade dos mais novos tenha mudado. Para um Jaminawa tradicional proteger os Mashco era uma atitude impensável. Nem mesmo os Manchineri, naquele tempo, sabiam que os Mashco falavam a sua língua. Se não havia uma atitude belicosa explícita, como era o caso dos Jaminawa, os Manchineri tinham receio de se encontrar com os Mashco.



Shima Mwajnutu Tshijne Wtshijne Mayawle



Etnomapeamento da Terra Indígena Mamoadate

Povo Manxineru

Povo Manxineru

Shima Mwajnutu Tshijne Wtshijne Mayawle

Etnomapeamento da Terra Indígena Mamoadate

Povo Manxineru

Shima Mwajnutu Tshijne Wtshijne Mayawle

Etnomapeamento da Terra Indígena Mamoadate



MAPKAHA | CPI/AC

Rio Branco | Acre | 2016

REALIZAÇÃO

MAPKAHA

Manxinerune Ptohi Kajpaha Hajene

OCAEJ

Organização Comunitária Agroextrativista Jaminawa



APOIO



MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E CIDADANIA



REALIZAÇÃO

Manxinerune Ptohi Kajpaha Hajene – MAPKAHA

Organização Comunitária Agroextrativista Jaminawa – OCAEJ

Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre – AMAAIAC
www.amaaiac.org.br

Comissão Pró-Índio do Acre – CPI/AC
Est. Transcreana, Km 8 – cx. Postal 61
CEP 69.900-970 – Rio Branco – Acre
Fone: (68) 3225-1952
email: cpi@cpiacre.org.br
www.facebook.com/comissaoiproindioaacre
www.cpiacre.org.br

Direitos Autorais

© Copyright 2016 - Todos os direitos reservados a

Manxinerune Ptohi Kajpaha Hajene – MAPKAHA
Organização Comunitária Agroextrativista Jaminawa – OCAEJ

Apoio

Projeto Gestão Ambiental e Territorial Indígena (Projeto GATI)

Conselho Editorial CPI/AC

Nietta Lindenberg Monte

Renato Antonio Gavazzi

Vera Olinda Sena

Organização e Edição

Maria Ines de Almeida

Maria Luiza P. Ochoa

Edição de textos

Maria Inês de Almeida

Agradecimentos

Mariana Manchineri

Billyshelby Fequis

Joseneidy R. N. de Oliveira Pinheiro

Shima Sima Mwajnutu Tshijne Wtshijne Mayawle:
Etnomapeamento Manchineri da Terra Indígena Mamoadate / Adeldo Matias de Souza Manxineru...[et al.]; Organização: Maria Inês de Almeida, Maria Luiza P. Ochoa. – Rio Branco: MAPKAHA / Comissão Pró-Índio do Acre, 2016.

52 p. : Il. col., 30x21 cm.

ISBN: 978-85-64018-08-2

Índios da América do Sul - Brasil. 2. Terra Indígena Mamoadate. 3. Etnomapeamento - Gestão territorial e ambiental. 4. Recursos naturais - Uso - Manejo - Conservação. I. Título.

CDD – 912.81

Biblioteca: Maria do Socorro de O. Cordeiro. – CRB-11/667

Autores

Adelmo Matias de Souza Manxineru, Alaiton Flores Sebastiao Manxineru, Ana Paula Batista Manxineru, Antônio Jerônimo Manxineru, Arnaldo Sebastião Lauriano Manxineru, Augusto Manxineru, Conceição Brasil Manxineru, Davi Salomão Manxineru, David Emídio da Silva Manxineru, Edilson Brasil Augusto Manxineru, Edimilson Mantineri Salomão Manxineru, Edipaulo Samarrá Manxineru, Emimeson Moreno Salomão, Emini Fernandes (Peru), Erinildo Brasil Manxineru, Francildo Matias de Souza Manxineru, Francisco Avelino Manxineru, Francisco de Assis Emídio da Silva Manxineru, Francisco Napoleão Manxineru, Francisco Salomão Benjamin Manxineru, Giliardo Kari Monteza Manxineru, Humberto Sebastião Manxineru, Imer Silvano Cushichinari (Yine/Peru), Jacira Batista Manxineru, Joao Salomão Manxineru, Jose Samarrá Manxineru, José Sebastião Manxineru, Josemildo Salomão Brasil Manxineru, Josimar Napoleão Sebastião Manxineru, Julio Brasil Manxineru, Julio Cabral Monteza Manxineru, Julio Vaves Flores (Yine/Peru), Katia Sofia da Silva, Lazaro Artur Brasil Manxineru, Lucas Brasil Manxineru, Luzia Mikwa Fernandes Cabral Manxineru, Manoel Matias de Souza Manxineru, Manoel Monteiro Manxineru, Maria Gorete Napoleão Manxineru, Mario Branco Manxineru, Melina Salomão Brasil Manxineru, Nonato Matias Salomão Manxineru, Normando Bezerra da Silva Manxineru, Otavio Brasil Manxineru, Raimundo Alfredo Matias Manxineru, Raimundo Mriki monteza, Roberto Augusto Manxineru, Ronal Ponciano Sebastian (Yine/Peru), Ronaldo Maya Matias Salomão Manxineru, Roy Roger Gomes Manxineru, Sebastiao Salomão Manxineru, Sergio M. da Silva Monteza Manxineru, Sirlande Artur Cabral Manxineru, Sivaldo Artur Cabral Manxineru, Sonia Silva Napoleão Manxineru, Teodoro Sebastian Monte (Yine/Peru), Tharet Zoprhla Cughichinari (Yine/Peru)

Assessorias técnicas

Billyshelby Fequis dos Santos, Joseneidy R. N. de Oliveira Pinheiro, Paula Lima Romualdo, Marcos de Almeida Matos, Terri Valle de Aquino

Coordenação das oficinas nas aldeias Peri e Cachoeira

Lucas Brasil Manxineru

Coordenação da oficina na aldeia Betel

Josemar Barreto Mariano Jaminawa

Revisão e tradução em Jaminawa

Julio Raimundo Idsudawa Jaminawa e Josemar Barreto Mariano Jaminawa

Revisão e Tradução em Manchineri

Lucas Brasil Manxineru e Edipaulo Manchineri

Cartografia

José Frank M. Silva e Billyshelby Fequis

Desenhos

Kaparua jaminawa, Zildo Batista Jaminawa, Dazineudo Jaminawa, Leobardina Jaminawa, Sandro Jaminawa, Josemar Barreto Mariano Jaminawa, José Paulo Jaminawa, Paixão Manchineri

Fotos

Adriano Dias e Terri Aquino

Projeto gráfico, capa e diagramação

Guilherme K. Noronha / gknoronha.com



Sumário

Apresentação	7
Mapa histórico	9
Presença dos Yine Hosha Hajene	15
Ocupação Manchineri	23
Ameaças	27
Vegetação	31
Uso e manejo dos recursos naturais	33
Caças	37
Águas	43
Pesca	49



Tshiji manxineru Hiwekle

Twu yonawahlomta shima Mwajnutu tshijne pirana-mta Twu-pakatkani yonawahlomta tkomrekhatanutkawu shinikantshiya wtshijne pirana wkoshtshejinipa há hethatatshineyapa tshinanu hixo kihle piranalu, tekakhitanwu, hanu wixa hiwekletanu wtshijneya. Hiyrunu hanu wixa nikletanru wnikanrukaka pahohnekaka wma nikatashaxyawakaplu. Wale rekakhita mayawletshi shima Mwajnutu tshijne mayawle.

Satkoxni kasruklewakleru tepixanu hiyrunu yimakkalune himata piranaxyaplu shima Mwajnutu tshijne, walakni hinkakletanru halikakpotuko manxinerune hixannu, wala pakatkani hepixa himatjemlekakanutkawu wixa wixannu kahwakpiraxikolpatka ho wyostayehixinitkawa hiyrunu twu yonawahlo kopralka hshinikanutanwu wtshijne wimata hislahyawakapa.

O Território, a Vida do Povo Manxineru

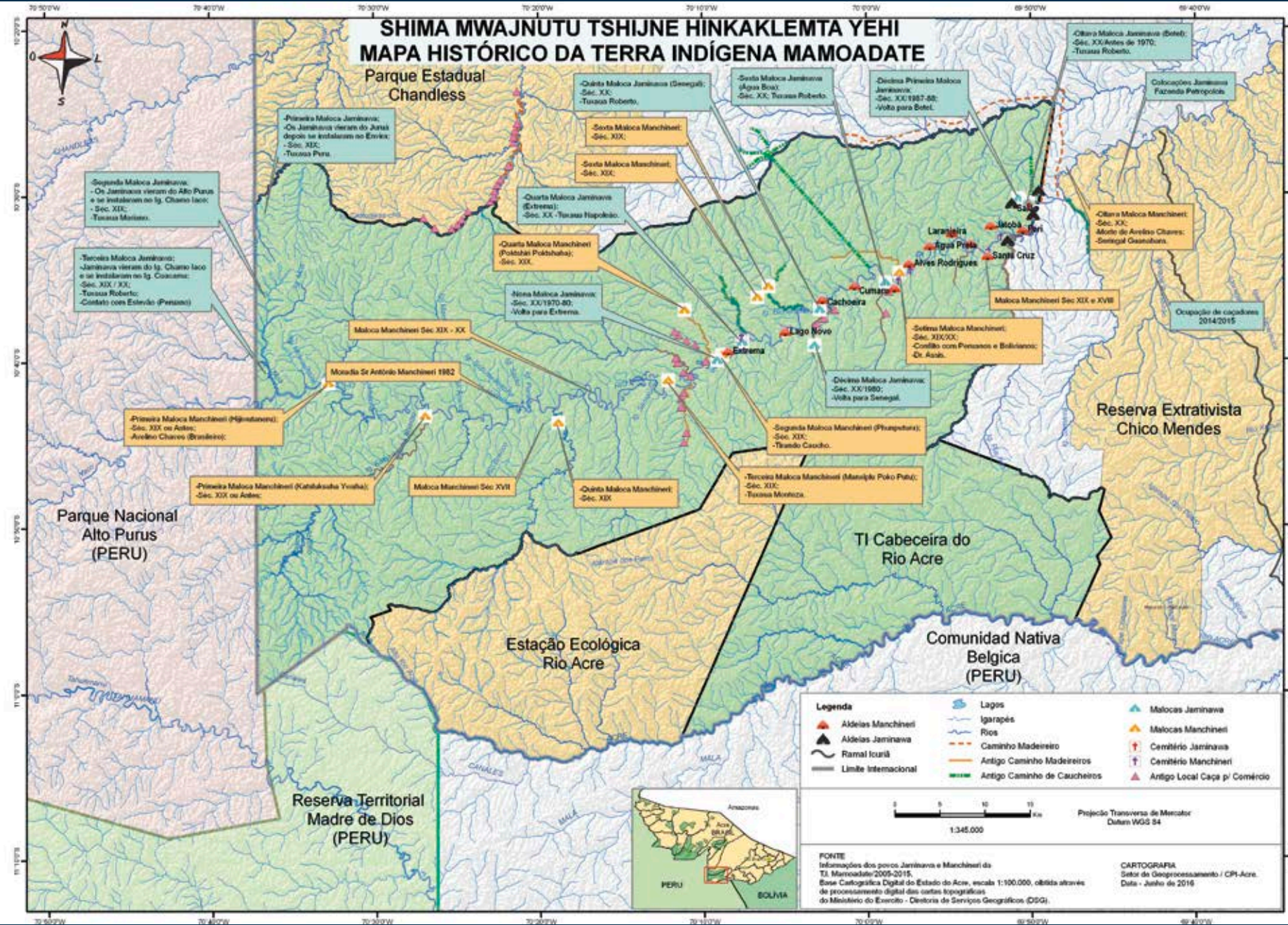
Este livro da Terra Indígena Mamoodate é fundamental para esclarecer o conhecimento do povo Manxineru através dos mapas, para as novas gerações presentes e futuras. Este conhecimento está registrado: como vamos cuidar do solo, da fauna, da flora, das águas...

Este livro também vem facilitar no trabalho dos professores na sala de aula, para explicar, através dos mapas, o território Manxineru, para que eles conheçam, na mente, onde são as divisas do nosso território e saber onde estamos localizados, respeitando os territórios dos nossos vizinhos e que eles também respeitem o nosso.



SHIMA MWAJNUTU TSHIJNE HINKAKLEMTA YEHI MAPA HISTÓRICO DA TERRA INDÍGENA MAMOADATE

Parque Estadual
Chandless



Primeira Maloca Jaminawa:
-Os Jaminawa vieram do Juruá depois se instalaram no Enviã;
-Sec. XIX;
-Tuxana Pura.

Segunda Maloca Jaminawa:
-Os Jaminawa vieram do Alto Purus e se instalaram no Ig. Chano Iaco;
-Sec. XIX;
-Tuxana Malina.

Terceira Maloca Jaminawa:
-Jaminawa vieram do Ig. Chano Iaco e se instalaram no Ig. Coacama;
-Sec. XIX/XX;
-Tuxana Roberto;
-Contato com Estevão (Pensão).

Primeira Maloca Manichineri (Higuitavero):
-Sec. XIX no Acre;
-Avelino Chaves (Brandeiro).

Primeira Maloca Manichineri (Katakakaba Yusha):
-Sec. XIX no Acre.

Quinta Maloca Jaminawa (Senegal):
-Sec. XX;
-Tuxana Roberto.

Sexta Maloca Manichineri:
-Sec. XIX.

Sétima Maloca Manichineri:
-Sec. XIX.

Quarta Maloca Jaminawa (Estrema):
-Sec. XX - Tuxana Napolitano.

Quarta Maloca Manichineri (Pobthai Pobthubai):
-Sec. XIX.

Nona Maloca Jaminawa:
-Sec. XX/1970-80;
-Volta para Estrema.

Maloca Manichineri Sec. XIX - XX

Moçada Sr Antônio Manichineri 1982

Sexta Maloca Jaminawa (Agua Boa):
-Sec. XX; Tuxana Roberto.

Décima Primeira Maloca Jaminawa:
-Sec. XXX/1987-88;
-Volta para Estel.

Oitava Maloca Jaminawa (Estel):
-Sec. XX; Antes de 1970;
-Tuxana Roberto.

Colocações Jaminawa Fazenda Petropolis

Oitava Maloca Manichineri:
-Sec. XX;
-Morto de Avelino Chaves;
-Senegal Gasulhara.

Maloca Manichineri Sec. XIX e XVII

Ocupação de caçadores 2014/2015

Sétima Maloca Manichineri:
-Sec. XIX/XX;
-Conflito com Pensanos e Bolianos;
-Dr. Anab.

Décima Maloca Jaminawa:
-Sec. XX/1980;
-Volta para Senegal.

Segunda Maloca Manichineri (Pruapthari):
-Sec. XIX;
-Tiando Casado.

Terceira Maloca Manichineri (Manijá Puko Patá):
-Sec. XIX;
-Tuxana Monteza.

Reserva Extrativista
Chico Mendes

Parque Nacional
Alto Purus
(PERU)

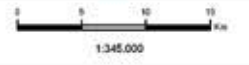
TI Cabeceira do
Rio Acre

Estação Ecológica
Rio Acre

Comunidade Nativa
Belgica
(PERU)

Reserva Territorial
Madre de Dios
(PERU)

Legenda		
	Adeias Manichineri	
	Adeias Jaminawa	
	Ramal Iourá	
	Limite Internacional	
	Lagos	
	Igarapés	
	Rios	
	Caminho Madeireiro	
	Antigo Caminho Madeireiros	
	Antigo Caminho de Caucheiros	
	Malocas Jaminawa	
	Malocas Manichineri	
	Cemitério Jaminawa	
	Cemitério Manichineri	
	Antigo Local Caça p/ Comércio	



Projeção Transversa de Mercator
Datum WGS 84

FONTE
Informações dos povos Jaminawa e Manichineri da
TI Mamoadate 2005-2015.
Base Cartográfica Digital do Estado do Acre, escala 1:100.000, obtida através
de processamento digital das cartas topográficas
do Ministério do Exército - Diretoria de Serviços Geográficos (DSG).

CARTOGRAFIA
Setor de Geoprocessamento / CPH-Acre.
Data - Junho de 2016



Hinkaklu wantshina mitshikawni manxinerune papoktshirutu himwakakapa, rali yahotkaklexinitkana perowanoneyma hiyrunu incas, wenkaka, raphakaka hyinuwaka hipaletatkana waneya kokha wenne, kajpaha wenne, katsluksuha, paktshaha, katsotaloha. Wane pnutetka manxinerune yinuwaka kamrurewletatka moyiseysu-yma kajpaha hawakateya. Rawna wutsrukateni hasukatshinni polipyane hamlenu. Paktshaha haphaya. Polipyane tshitshneksu hkona hiyrunu hi manxinerune hnikatkaka. Payrine yehiya, konru rustakjekanatna, seyni koxhima perowanone hkolhahjekanaxyanna, rawhimtapa hatnu hkoprushajekanaxyawakna, wane himni katsluksuha, katsotaloha, kotshiklohahkopruyanina tawamano hyiywakapna kolhahaklerune irniú e comem cru, perowanone. Hate xawakni phujepetakowalu rustakjekanaxikowaka kolha, shima Mwajnutu hapha. Kapjihima rixapna perowanone katsluksuhaya, katsotaloha, kotshikloha. Yineru shishjne nerune koxa hwaplu kwanapara hinaple, pasretwenne. Há pimrine manxinerune poktshi seka pahposa hwapyawaka. Wane rexyanruna satni jeji hipnatshrini, yinerni, Satni kahnirni. Hkahwa-

kluna yineru shijne neru hiylatanru. Wale tshinanu Avelino chawe hiylakakanna katshiyannoni. Rupalatatkana, wanna klopishanekatkanixawakni wimolene hosha hwatshine. Wane wkatanukatvani payri Antonio canizio yma hyinuwaka kamrurewletatkana manxinerune. Rawapkozna wimolene jemha hwapatshine, waletshinanu pimrinkaka wimolene wale rapha hiwaka mohiwakata. Pimrine wimolene Avelino chaves rali hikamrurewlexinitkana Chico Viera tshinkaluru payriyamarikamrurewatatnakna waneko alredo vieira hipnuteko chico vieira wheneyma hkamrurewatatnakna Guanabara poktshiya. Wane wkatanu manxinerune yinuwaka hwaletatkalu phunepururu poktshi, waneklu katkani wtshijne haprukatka.funai hepixatkawu petropi hitsrukate riynumsayehitwu htshijne hate Kanalu poktshi kajitune yehi hyostajika.waneklu papko hiwimata yehtaplu hkaniprexikowaka wtshijne.o jose porfirio de carvalho satu hapatjere hkamha hakru poktshiya 1975,repomhana hanu raluka hwaletnina wutsrukateni wtshijnemka himukata kashletlu petropi tshijne,koriya,kwanapara.ts-rune kajpaha hawakate haluka hwaleta klutshinanu wane hixlu nikalu.



wale tshinanukni wtshijne hmalasreta hiwkaniprexikanatka. Phunputuru poktshi wkamrurewtapya. Wane wkatanutka pimrikaka poktshi yinuwaka kamhaletkatka, tshkotu whenene poktshi, pejitama poktshi, ha pimrikaka poktshi xawakni hwatshritka



As histórias contam que o povo Manxineru morava todo junto. Depois das guerras entre os espanhóis e os incas, os Manxineru vieram descendo os rios e foram ocupando o rio Purus, o rio Iaco, o igarapé Abismo, o igarapé Mutum, o igarapé Jurimagua. Depois do contato começamos a trabalhar com o Moisés de Souza, no alto Iaco. Ele tirou os nossos antigos das correrias feitas pelos bolivianos. Dentro do igarapé do Mutum, ele tomou as armas dos bolivianos e não deixou eles acabarem com os Manxineru. Trabalhando para os patrões peruanos, os Manxineru varavam do Iaco para o Tahuamano. Entre os igarapés Abismo, Buenos Aires e Jurimagua, varando para o Tahuamano, existiam caminhos dos caucheiros. No igarapé Mamoodate existiam muitos caminhos também. Até hoje podemos ver esses sinais das marcas de corte nas ár-

vores. Tinha barracão dos patrões peruanos na boca do Abismo e nos igarapés Buenos Aires e Jurimagua. Os Catiana moravam no outro lado do Guanabara. Os Manxineru moravam onde morava o Zeca Barbosa. Por lá acharam um homem morto, um canoeiro. Pensaram que foram os Catiana que mataram esse homem. Então o Avelino Chavez mandou matar os Catiana. Eles se espalharam e parte deles deu origem a esses parentes que vivem hoje na floresta.

Muito depois que nos libertamos da guerra, Antônio Canízio veio e colocou nossos parentes para trabalhar na Fazenda. Tinha parentes nossos morando no igarapé Samarrã e é por isso que algumas famílias têm esse sobrenome. No Seringal Guanabara, os Manxineru trabalhavam para o Avelino Chavez, e depois Alfredo Vieira, e ainda depois o filho dele, Chico Vieira. Depois, os Manxineru começaram a conhecer o seu direito à terra. Para demarcar nossa terra, a FUNAI negociou com um Dr. Assis, que era dono do Petrópolis. A terra dele ia até onde hoje está a aldeia jaminawa Cujubim. Nesse tempo, não entendíamos bem sobre como é demarcada uma terra indígena. O José Porfírio de Carvalho, que criou a ajudância da FUNAI no Acre, em 1975, perguntou onde os velhos queriam ir morar. A terra indígena deveria ter incluído a Fazenda Petrópolis, o seringal Icuriã e o Guanabara. Os velhos preferiram ir morar lá em cima, pois lá havia muita caça. Por isso essa parte de baixo do território não ficou dentro de nossa terra. Fomos trabalhar na aldeia Extrema. Depois surgiram outras aldeias, como Santa Cruz, Laranjeiras, São Sebastião, Cachoeira.

Meu nome é Maria Rosa Salomão Manchineri. Nasci na Extrema. Antes da FUNAI abrir lá, eu nasci. Meu avô Sebastião Manchineri foi que abriu lá, aí foi um bocado de família. A minha mãe nesse tempo casou com meu pai antes e foi embora para Urubamba. Meu pai e o finado meu avô voltaram de novo pro seringal. Aí me criei lá, o meu pai me criou. Trabalhamos lá para os seringalistas. Aí, com uns anos depois, que eu já fui grandinha, mocinha, a Funai abriu a Extrema, que agora é onde tem muita gente morando, mas nesse tempo o meu avô abriu assim do outro lado e foi ali que eu nasci. Nós moramos lá na Extrema agora, eu me acabei de me criar lá. Lá eu me formei e tive marido e ainda tive três meninos depois, aí foi que nós viemos de novo para cá, para baixo do meu pai. Aí nós moramos ali na Laranjeiras. Agora ele, que é o meu marido, é lá do Peri. Meu marido é Julião Brasil Manchineri e o meu sogro é Luiz Brasil. Ele morava lá no seringal Tabatinga. Dizem que lá moravam muitas famílias também, mas depois que souberam dessa Funai, vieram embora de lá e morou no Peri. Meu avô trabalhava no seringal Petrópolis. O dono ou seringalista, como falam, era o finado Antônio Canizo e o Canizo novo. O mais velho era o Antonio Canizo, era o dono do seringal de Petrópolis. Os meus pais, o meu avô e outros mais velhos trabalharam muito ali, fizeram muito campo, abriram muito campo. Trabalharam muito para poder se manter. Lá do Betel era Campo até ali perto do Icuriã. Lá na fazenda tem um Igarapé



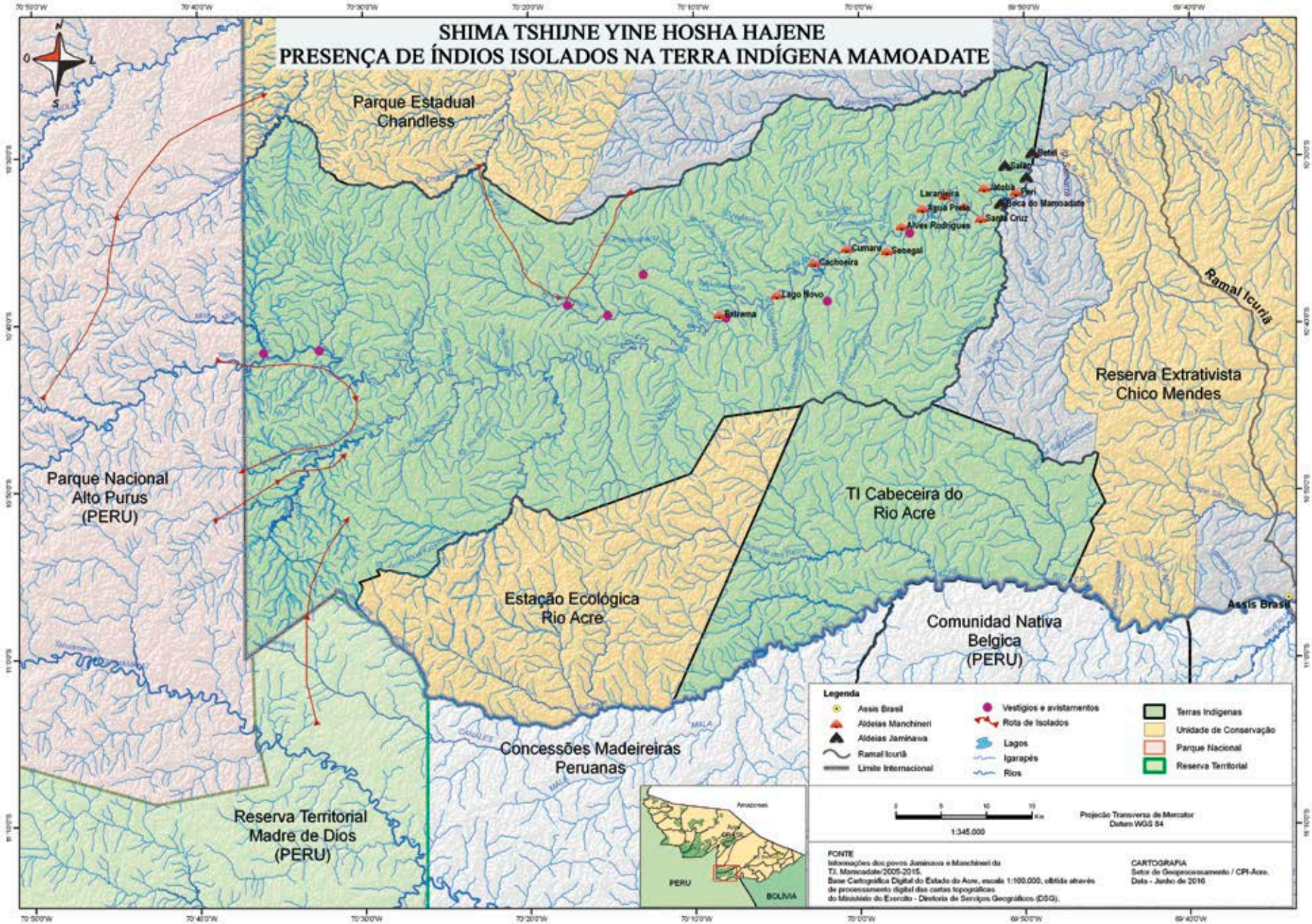
que entra para cá, chamado Balseirão, sai um campo lá do Betel até lá na boca do Balseirão, e do outro lado também a mesma coisa, era muito campo aonde os mais velhos trabalharam. Aí nesse caso, que eu acho ali do Samarrã, muita gente morou lá: o José Urias, o finado Cabral, o finado Jerônimo, o finado Samarrã, que ficou por nome de Samarrã aquele Igarapé. Eles moraram lá e trabalharam muito também. Então eu acho que nós podemos ficar com essa terra, porque nós temos direito, nós achamos que temos, porque os velhos também moravam aí. Eles moravam aí abaixo da fazenda do Icuriã, para lá, uns Manchineri moravam lá no Guanabara, o finado Nativo, como chamavam, que é o pai do Humberto lá da Santa Rosa. Eles nasceram e se criaram lá. Os meus irmãos, nós já nos criamos todos lá na Extrema. O meu avô ficou e morreu lá mesmo, ele é sepultado lá na Extrema. Lá na sede a finada minha avó também, a Joana.

Os que foram embora para Urubamba eram a família do João, o Miguel Maimara e a mãe do João Pupi. E o finado meu avô nesse tempo também foi, mas ele voltou. Eu não sei por que foram, dizem que veio o pessoal de lá buscar minha mãe, mas vieram de lá, que eles vinham mesmo, quase todos os anos. Eles vieram agora, porque eles falam quase que nem nós mesmos, só um pouquinho diferente. Dizem que eles foram porque quiseram ir embora mesmo, quiseram conhecer por lá. Aí levaram os meninos, que foram embora com a família toda, Pupi foi pequeni-

ninho também, com a família toda também. O Manuel também, a Marlene, que é filha dela também, hoje eles moram para lá. Só está o Pupi para cá, e também a mãe, que veio embora de novo. O Maurício foi pequenininho, mas voltou e veio morar aqui de novo. Ele morava abaixo da Santa Cruz e lá mesmo morreu e está lá sepultado. Os outros não voltaram mais. O Miguel Maimara não voltou mais, nem a mulher dele e nem os filhos. Eles morreram lá. Morreu a mulher e ele, só estão os filhos lá. Foi assim. Eles que não voltaram mais, só voltou a mãe do Pupi e o Pupi, o resto ficaram por lá. (Maria Rosa Salomão Manchineri)



SHIMA TSHIJNE YINE HOSHA HAJENE PRESENÇA DE ÍNDIOS ISOLADOS NA TERRA INDÍGENA MAMOADATE



- Legenda**
- Assis Brasil
 - Aldeias Manchineri
 - Aldeias Jaminawa
 - Ramal Icuriá
 - Limite Internacional
 - Vestígios e avistamentos
 - Rota de Isolados
 - Lagos
 - Igarapés
 - Rios
 - Terras Indígenas
 - Unidade de Conservação
 - Parque Nacional
 - Reserva Territorial



Projeção Transversa de Mercator
Datum WGS 84

PONTE
Informações dos povos Jaminawa e Manchineri da TI Mamoadate/2005-2015.
Base Cartográfica Digital do Estado do Acre, escala 1:100.000, obtida através de processamento digital das cartas topográficas do Ministério do Exército - Diretoria de Serviços Geográficos (DSG).

CARTOGRAFIA
Setor de Geoprocessamento / CPI-Acre.
Data - Junho de 2016



Presença dos Yine Hosha Hajene

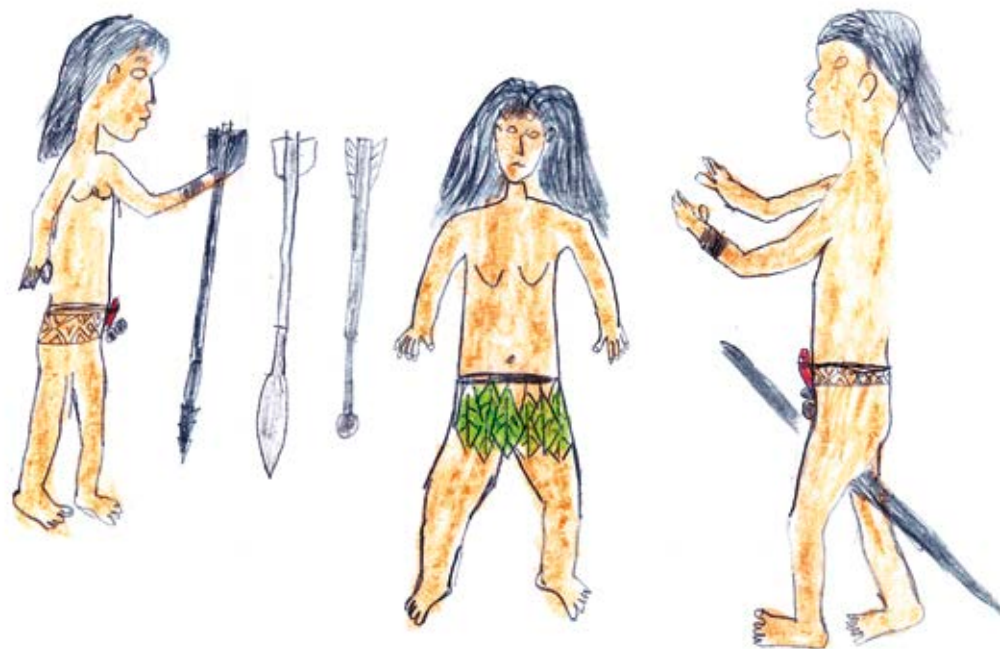
Wimolene Yine hosha Hajene, katsluksuha rusurokna ho kajpaha hpalihatna seyini pakatako kajpaha rusurokna há katsluksuha hpalihatna, wane rixna. Mitshikawni phunputuru hyapjejekekatna. Wane wyinuwaka hwalexinitka howuka hyatkana. Xawakni hali-ka hiweta jixipnatatkana wipoktshi stsiya seyini kajpaha hawakatesha hyapawana hiyrunu rapha hawakatkaka. 1960 hwalapni hakpahatshroha kwaklerune kajpaha wenneya, poltaha hapha, ywaha ruta kanawatetna, hatnuhapo hkamhiywakapna shantri hapha hyiywakapna. Hatnuhapo hkamhapshinikna hakpahatshroha kwaklerune wane pshinika wimolene hosha hajene hapokatka hkanawatna yehe, wane hmotnena ruknokhatna, hkanawatna rushotna há hkanawatna tsruro 4 tonelatalutni rupkatna. Waneklu popko hike yineru wanestsi hwapa. Waneklu papko phunputuru poktshi-stsi rapkajejekekatna hyana hiyrunu hsatoka. Mitshikawakananuko wethapotatkana wimolene. Manxinerune mitshikawa hwaplu tapokawo poktshi, waneklu kananuko rethapjejekekatkana. Há 1985, Otávio, José Meirelles hiyrunu Antônio Figueredo yopto ptohitna, katshralutelune kajpaha ksateya, mowa ywahastsiya.

Hkatshraljetka mapaneko hasuka. Há 2008 payri kamhanru himatu wukshika hiyrunu wimolene hosha hajene wethapota kajpaha wenne hawakateshaya. Há tesempro hiyrunu shanero ksurni 2011 hwalapni retapjitkana, 23 pjina, 12 jema jiwu, 18 knoyata hiyrunu hipethapkakni. Hike shima hapu heta wanna pjiya. Há 2011 hwalapni pholokhalu weta hapoxyana wimolene hosha hajene. Há 2014 hwalapni mtshikawluru hipjina wexyana 14 pji humukna. Kajpaha hawakate, serho haphastsiya. Há julho ksurni 2015 hwalapni wyopto jixipnatna suwini hapahaya. Kakoje ptohna wimolene hosha hajene, pasretasha pejnu, yatshine. Wanna wimolene ptohi yanru kajpaha wenne hiyrunu Madre de Dios, sotlu wenne ha tawamano wenne. Wane htshinkana hkanipre ptohi yanretna seyini hyoptokajinna ritshiyahkakna, wane hiyrunu hkanipre ptohi xyatnakna. 2011 hwapnikananuko wyijnako hshinikankakatka katshluksuha ywaha pnute tshijne wenekanna wimolene hosha hajene wane rawyawakapna. Wane pnute hiknoha tshripa kamrurewatatshripni wanna hapoko hetjetatshripa. Ho wtshijne hislahatshripni ho wkojwakjeru wtshijne jihlokatsshine wetapyap

Os Yine Hosha Hajene, nossos parentes que vivem na mata, desciam pelo Abismo e subiam o Iaco, ou desciam o Iaco e subiam o igarapé Abismo. Antigamente, na Extrema, eles habitavam. Quando chegamos para morar lá, eles foram para mais longe. Agora quase não vemos mais rastros deles. Mas eles ainda andam na cabeceira do Iaco, e no alto dos igarapés. Nos anos 60, subiu uma equipe da Agencia Nacional de Petróleo, fazendo medições no Iaco. Eles atuaram na boca do igarapé Paulo Ramos. Depois fizeram uma picada para alcançar o Chandless. Enquanto essa equipe estava na mata, os parentes isolados chegaram e jogaram todos os motores da equipe dentro da água, soltaram os botes e alagaram um batelão de quatro toneladas. Nessa época, ninguém morava ali perto. Eles andavam pela Extrema, vinham e voltavam. A presença deles é bem antiga. Antigamente, os Manchineri que moravam no tabocal viam as trilhas deles. Em 1985, Otávio, José Meirelles e Antônio Figueredo encontraram cerca de quarenta pessoas, todas armadas de flecha, nas praias do Iaco, próximo à boca do Moa. Eles atacaram jogando flechas, obrigando os três a fugir. Em 2008, achamos panelas de alumínio e rastros dos parentes “isolados” nas cabeceiras do Iaco. Em dezembro e janeiro de 2011, foram vistos 23 tapiris, onde havia doze cabeças de anta, dezoito cascos de jobuti e restos de capivara. Ninguém encontra restos de peixe no acampamento deles. Em 2011, encontramos rastros deles no Paulo Ramos. Em 2014, encontramos muitos tapiris velhos (cerca de 14) muito acima do Iaco, perto do igarapé Seraha. Em julho de 2015, encontramos rastros nas praias do igarapé Marilene.

Existem vários grupos diferentes, que andam em direções diferentes. Esses grupos que andam no Iaco também andam no rio Madre de Dios, no Las Piedras, no Tahuamano. Dizem que eles vivem andando separado, e quando se encontram choram juntos, contam como passaram o tempo, e depois se separam de novo.

Desde 2011, combinamos de não passar além da boca do Abismo, para deixar aquela parte da terra indígena para os parentes em isolamento voluntário viverem. Só poderiam passar aqueles que estivessem trabalhando para identificar a presença deles, para monitorar as invasões de terra e outras ameaças.



Meu nome é Teodoro Sebastián Monte. Tenho 63 anos. Moro na comunidade nativa Monte Salvado, no rio de las Piedras, próximo à Reserva Territorial Madre de Dios. Vivemos ali desde o tempo dos nossos antepassados Yine. Meus avós eram do rio de las Piedras no tempo do caucho, no ano de 1902. Neste tempo, meu avô era jovem, tinha 17, 18 anos. Então, conhecemos bem o caminho por onde nossos antepassados andavam, onde viviam e onde eram nossas antigas aldeias. As aldeias dos Yine se localizavam nos rios de las Piedras, Tahuamanu, Manu, Madre de Dios, Acre, Iaco e Chandless. Também no outro lado do rio Purus e ainda no Envira.

Naquele tempo ocorria a exploração do caucho pelos peruanos. Tem uma história que meu avô contava, que quando ele tinha 18 anos, em 1908, no mês de agosto, houve uma matança dos Yine por parte dos caucheiros peruanos e de seus patrões, que muito os exploravam. Não só exploravam os Yine, mas quase todas as tribos da Amazônia, como Amahuaca, Jaminawa, Ashaninka, Matsguenga, menos Harakbut, porque não havia. Então, como meus avós viviam ali no Rio De Las Piedras, eles pensaram “estão nos matando e assim não vivemos mais tranquilos na floresta”. Primeiramente mataram Yine no rio Manu, depois no Rio de Las Piedras, em Boca Curiaco. Quem matou muitos Yine foi Carlos Charf, um famoso caucheiro peruano. No Rio de Las Piedras havia mais ou menos cinco mil Yine, que eram explora-

dos por esse caucheiro Carlos Charf. Quando não os matavam, aqueles que sobreviviam, diziam: “vamos escapar e se esconder”. Começaram a procurar lugares mais tranquilos para se esconder. Muitos foram para o rio Urubamba e Ucayali e outros seguiram para o Amazonas. Meus avós foram para o Amazonas, depois regressaram novamente. Eu já nasci próximo de Pucallpa. Meu pai fez um acordo com os seus filhos, para voltarmos novamente ao Rio de Las Piedras, para resgatar o lugar onde viveram nossos antepassados, nossos avós. Os parentes que fugiram dessas correrias e se esconderam nas matas das nascentes de rios e igarapés são chamados Mashco Piro. Mas, na verdade, eles são mesmo Manchineri. Por causa dessas matanças, eles novamente se esconderam. Não queriam saber de encontrar com pessoas mestiças, pois para os Mashco, essas pessoas entravam na floresta e os matavam, ou iriam capturar e leva-los embora.

Em 1984/85, andei também pelas cabeceiras do rio Manu, dentro do Parque Nacional Manu e lá não podíamos andar. Por lá conheci três mulheres Mashco Piro, as três Maria. Conversamos com elas, que nos contaram muitas histórias, porque elas falam a mesma língua dos Yine/Manchineri. Encontramos na praia do Manu e conversamos na nossa língua a noite inteira, sem dormir. E me contaram, “Moramos no Manu e o utilizamos”. Perguntei: “Mas de que forma utilizam o rio Manu?”. “Usamos os seus poços, onde banhamos todos os dias.



É importante notar que os Mashco Piro formam vários grupos familiares. São grupos diferentes, formados por várias famílias extensas com suas filhas e filhos casados, genros, noras, netas e netos. Mas esses grupos diferentes, de vez em quando, sempre se encontram e se visitam. No ano passado (2014), no Parque Nacional do Manu, no Peru, teve um encontro de dois ou mais grupos Mashco Piro isolados... Por exemplo, este grupo veio pelo rio Iaco. Quando perguntamos de que “quebradas”, de quais rios e igarapés eles vieram, eles disseram: “Estávamos perdidos, andando há três verões por aí, há três anos”. Então, quando se encontram, todos se abraçaram, estes grupos que haviam se perdido e depois começaram a chorar... Começaram a perguntar, perguntar uns aos outros... E descobriram que estavam todos vivos, ninguém havia sido morto! “Este é meu irmão maior, com seus filhos, que estava muito longe, e vieram para encontrarmos aqui”. Assim acontece sempre, passam meses, anos, e um dia se encontram novamente. E desta forma vamos entendendo como os Mashco Piro isolados vivem.

Quando eles pedem coisas e você não dá, eles ficam brabos. Pedem cordas pra gente, das grossas e finas. As mais finas usam para amarrar as pontas de flecha e usam cordas grossas para subir nas árvores e pegar frutas. Usam uma faca de dente de animal. Em troca, costumam retribuir com alguns presentes. Mas, desde 1994, não havia trocas assim. Costumavam trazer

carne de caça, mas agora está mais difícil, porque caçam com arcos e flechas. Mais fácil é caçar com espingardas e rifles. E eles não usam essas armas.

Lá em Monte Salvado, onde vivemos, tem muita fartura de caça. Não necessitamos caçar muito tempo. Ora caçamos, ora pescamos... Em uma hora de pesca, arrumamos de 10 a 15 kg de pescado. Temos bastante pescado e bastante carne de caça. Estamos trabalhando com a criação de peixes que não existem no nosso rio e com a produção de alevinos. Vamos tirar peixes para reprodução. Lá não tem tucunaré, pirarucu, mas tem muito tambaqui. Os parentes Mashco Piro isolados não comem peixes. Ano passado demos para eles, pegaram, colocaram na boca, lamberram, provaram e largaram. Somente consomem carne de caça, carne de animais da floresta, como jabuti, veado, queixada, capivara. Macacos comem muito pouco, consomem mais as aves. Matam muitas araras para tirar as penas para fazer adornos.

Os Mascho Piro se embebedam com chicha de jenipapinho, que é uma fruta da mata bem branquinha por dentro, gostosa e bem azeda. Começam a tomar essa caçuma forte de jenipapinho às sete horas da noite e vão até quatro da madrugada. Eles têm o seu tambor, que tocam e cantam quando estão bêbados. Cantam mulheres, cantam homens e crianças. Mas não podemos entrar nessas festas, porque, de repente, podem se incomodar com a nossa presença. Então, só escutamos. Costumam

fazer essas festas nas praias do Rio de Las Piedras, próximas de nossa comunidade Monte Salvado.

Os isolados já conhecem escopeta, quando eles olham nossa escopeta, pedem que é pra gente deixar a escopeta para eles, porque eles não têm. Quando olham uma câmera fotográfica, perguntam: que coisa é esta, uma arma? E pedem para trazermos como presente. Também acham que é uma arma, mas falamos que não, que é para fazer imagens, para mostrar a outros irmãos como eles estão.

Então, todos esses rios são dos Yine, desde Manu, esta parte do corredor, este todo abarcava os Yine, faz muitos anos. Há oito comunidades Yine na Bolívia que escaparam, vivem no rio Mabene, são comunidades maiores que esta. Ali vivem eles.

No Equador, há uma reserva que se chama Sápara, na fronteira do Equador com o Peru, mas a reserva pertence ao Equador. Há quatro comunidades Yine, mas não sei os nomes. Por conta de ter tantos Yine espalhados (Brasil, Peru, Equador, Bolívia, Colômbia), sempre conversamos sobre organizações indígenas, por que não fazer uma organização internacional Yine da América do Sul, cinco países da América, representando nosso povo? São 28 mil Yine só no Peru, em Madre de Dios, na região de Cuzco, Amazonas, Junin e Ucayali. Cinco regiões. Os que vivem em Junin estão misturados com os Ashaninka. Os que vivem em Cuzco são misturados com os Matsiguenga. O nome Piro foi

um equívoco, quando vieram os espanhóis e perguntaram “De onde é?”, eles queriam dizer do Peru e disseram “Piro”.

Antigamente, os Yine faziam trocas, negócio, com os Inca. Carne de animais e pescado, faziam troca com os Inca. Milho, lã, tudo, faziam trocas. Segundo a história, temos um livro, o último Inca é Atahualpa, assim é no livro. No ano de 1645, quando os espanhóis entraram na floresta, encontraram os indígenas e faziam negócio com os Inca, os Yine e os Shipibo. Era um contato tranquilo com os Inca porque faziam esse tipo de negócio. Os primeiros missionários escreveram este livro e eu não tenho esse livro, mas meu pai me contou.

Eu cheguei em Monte Salvado em 1992, quando fizemos uma expedição. Em 1994, fizemos a comunidade. Antes, morávamos perto do rio Urubamba, perto de Cuzco, província La Convencion, mas sou nascido em Pucallpa. Fomos para Monte Salvado para fazermos a proteção dos parentes isolados. Antes fizemos uma expedição, em 1980, 82, 85, até 90. No ano de 1994 estavam os petroleiros (Mobil), 1995 já saiu a Mobil.

Depois da Mobil, chegaram os madeireiros. Mas também já estavam explorando antes e depois voltaram no ano de 2000. E não temos nenhum documento disso, mas lutamos muito contra isso, pedimos os madeireiros que protegessem nossos parentes isolados.

Quando trabalhamos com a madeira, marcamos aquela árvore que vamos retirar com a inicial do nosso nome, depois

vamos buscar na aldeia a motosserra para a retirada. Ali deixamos nossos terçados e quando voltamos na árvore, os Mashco já levaram nossos terçados. Acontece que fazemos troca por terçados com isolados, em troca de ajudar a gente a identificar mais árvores, fazer os piques. Se fazem isso podem fazer roçados de macaxeira, banana, porque já observam os nossos roçados... Os isolados têm condições de fazer seus roçados para sua sobrevivência.

Eles têm banana, eu conheço dois roçados de banana lá pra cima. É grande, dois hectares. Onde trabalhamos tirando madeira, vi que eles têm roçado de banana, mamão... Quando não queremos descer, pegamos bananas deles também. Quando encontramos com algum, entregamos o terçado e falamos: "Toma, isso é em troca da banana que pegamos de vocês." Assim, bem, eles estão prontos para fazerem seus roçados. Deixaram de fazer roçados, pois já não têm ferramentas. Os seus terçados já estão gastos, pequenos, tem acabado já. Uns grupos têm, outros não...

Eles comem banana, macaxeira, castanha, coco de ouricuri com carne, cozinham palmito de murmurú e comem cru. Esse palmito é amargo, cozinhando deixa de ficar amargo.

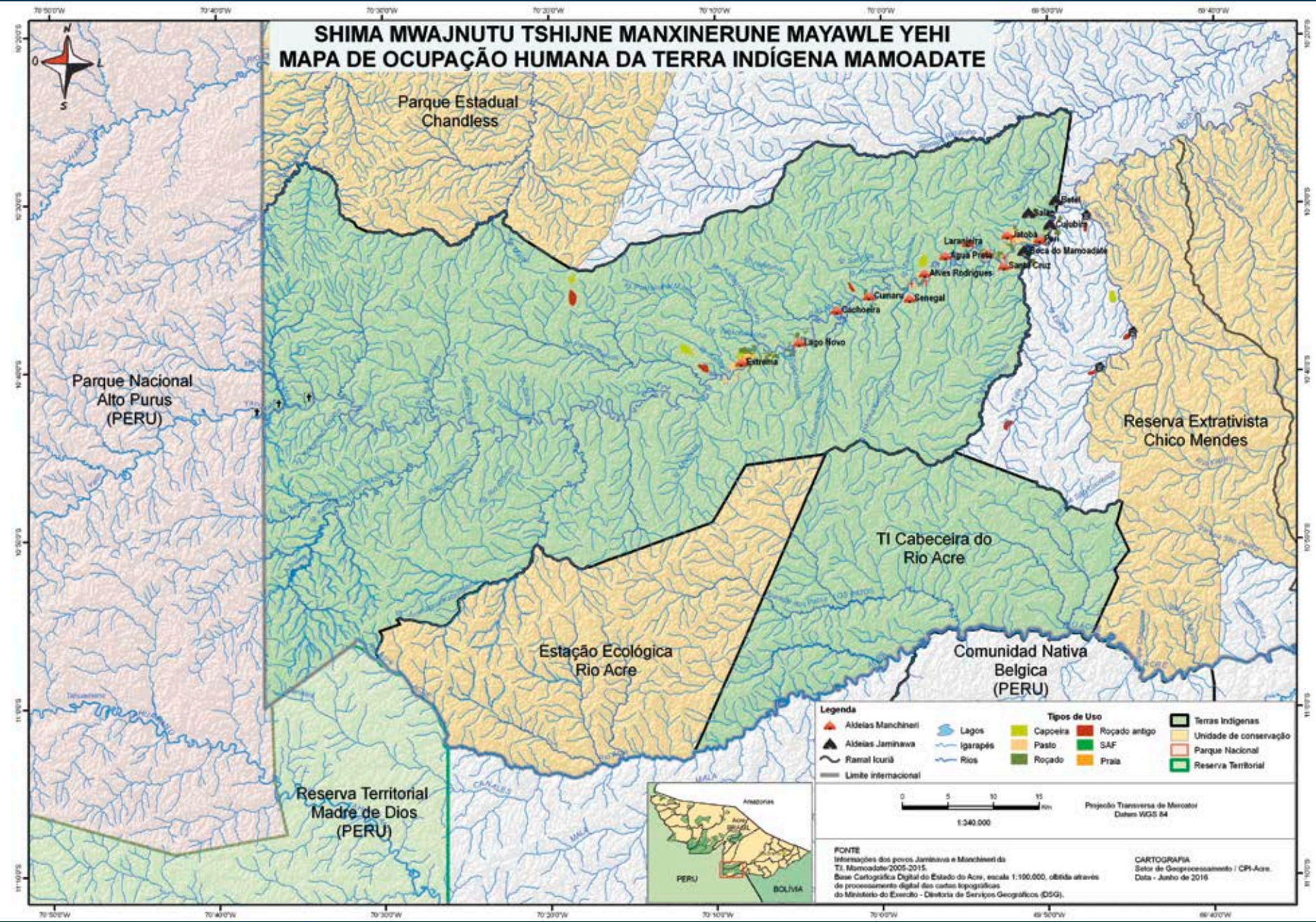
Quando os isolados não te conhecem, você pode chamar que eles não saem da mata. Eles olham, mas não saem. Mas quando já te conhecem, te chamam e levantam a mão. Eu fiz o aceno, mas se eles não conhecem a gente, eles não respondem.

Mesmo você falando a língua deles, eles não saem.

Os homens Mascho Piro saem de um canto, e as mulheres saem de outro canto... Eles não saem juntos, saem separados. Primeiro vêm os homens, depois elas chegam. Mas não chegam juntos, tem o grupo de mulheres e o grupo de homens. Saem na praia... Dizem que quem pesca lá, pesca caladinho. Dizem que estes comem peixe. Eles comem pescado... Quando os encontramos, 20, 30, 40, chegam e pedem, pedem isqueiro e já estão assando. Mas não assam tudo, só o que vão comer e o que sobra levam para as mulheres e crianças. Diziam que eles não comiam peixe, mas que agora estão comendo e gostando. Sem sal mesmo, comem peixe assado com banana verde. Quando pegam banana verde, levam para o acampamento deles. Eles gostam de macaxeira, banana e mamão. Eles têm sementes que plantam e outras conservam para outro planti, para que tenham mais frutas e alimentos. Eles entendem bem isso.

Eles usam o pênis sempre amarrado com envira fininha. E as garotas, as jovens, têm colares de semente, de dentes de macaco e de outros animais...(Teodoro Sebastian Monte)

SHIMA MWAJNUTU TSHIJNE MANXINERUNE MAYAWLE YEHI MAPA DE OCUPAÇÃO HUMANA DA TERRA INDÍGENA MAMOADATE



Legenda

Aldeias Manchineri	Lagos	Capoeira	Roçado antigo
Aldeias Jaminawa	Igarapés	Pasto	SAF
Ramal Icuriá	Rios	Roçado	Praia
Limite internacional		Terras Indígenas	Unidade de conservação
		Parque Nacional	Reserva Territorial

0 5 10 15 km
1:340.000
Projeto Transversal de Mapeamento
Datum WGS 84

FCNTE
Informações dos povos Jaminawa e Manchineri da TI Mamoadate/2005-2015.
Base Cartográfica Digital do Estado do Acre, escala 1:100.000, obtida através de processamento digital dos cartões topográficos do Ministério do Exército - Diretoria de Serviços Geográficos (DSG).

CARTOGRAFIA
Setor de Geoprocessamento / CPI-Acre.
Data - Junho de 2016

Hixa manxinerunwu wiwejyawakni xye tshijne Shima Mwajnutu Tshijne, mistshikawakotka hi rapruhkawa wtshijne wutsrukatenni hewi hwajekanatnitka. Rawapyawakni tkanina katsluksuha, katsotaloha, paktshaha, ha pimrikaka poktshi xye tshijne minjemwakanni kwanapara, mitshikawni rawapyawaknina koxa hate xawakni wane rawawana pimrine manxinerune. Wanekatkani wimolene yinuwaka hijhaletatkalu wkanipre tshijnexikowaka. Tmamapokako pshinika funai, phurune tshijne wwapa, wwapotutapyawakni konruha klerune tshijne. Phurune konruhaklerune tshijne hkamrurewaxyaknina manxinerune, waneni: petropi, koriya, tapatshinka, kwanapara hiyrunu hamapa. Phunputuru yohpukka 1976. Hyinuwakle hi hixna khanurone. Wane pnute hyinuwaka hixolewnaletna yine. Peji poktshi rawapna hoyakalu halixatshine, rali yohpukletkoklunutka phunputuru poktshi. Esperu poktshi rawawapa satu konrusha. Wane kajitune poktshirixapa, ruknokamtanruna. Wane pnute hiyrunuko manxinerune waneko kamha poktshita. Hipnuteko hyopukka herotu powha poktshi. wali kanipre tshijnetkoklunutka 1985 rakanhana herotu poktshikaka:

laranjeira, santa cruz, ksajhalu. wane pnute Alves rodrigues rawakanatanka yineru, phunputuru poktshi pnute. Komlo poktshi hiyrunu hokanu poktshi wane wkatanu hakanha. Herotu poktshiru yohpujokolu 2010 waleni são sebastiao. Xawakni shima Mwajnutu tshijne rawa 12 poktshi manxineru 4 poktshi kajitune. Xye mhalkaka wkatanu hixomanxinerune hmala sreta hyana wtshijneya São sebastião, laranjeira há pimri poktshikaka. Wanena manxinerune Assis Brasil, Sena Madureira hiyrunu Rio Branco poktshi hwatshinetka. Petropi tshijne koxa wutaklu wusanate, wyahka, wmariskata. Mitshikawakananuko petropi hitsrukate mapokakopshinika wane wkamhapyalu wpahixanute, hate xawakni. Xawakni wkojwawna. Klutshinanu wixolewnamta há wtshijne hi tseruwna yehitwu.



RIO YACO

Iq Je Rir go

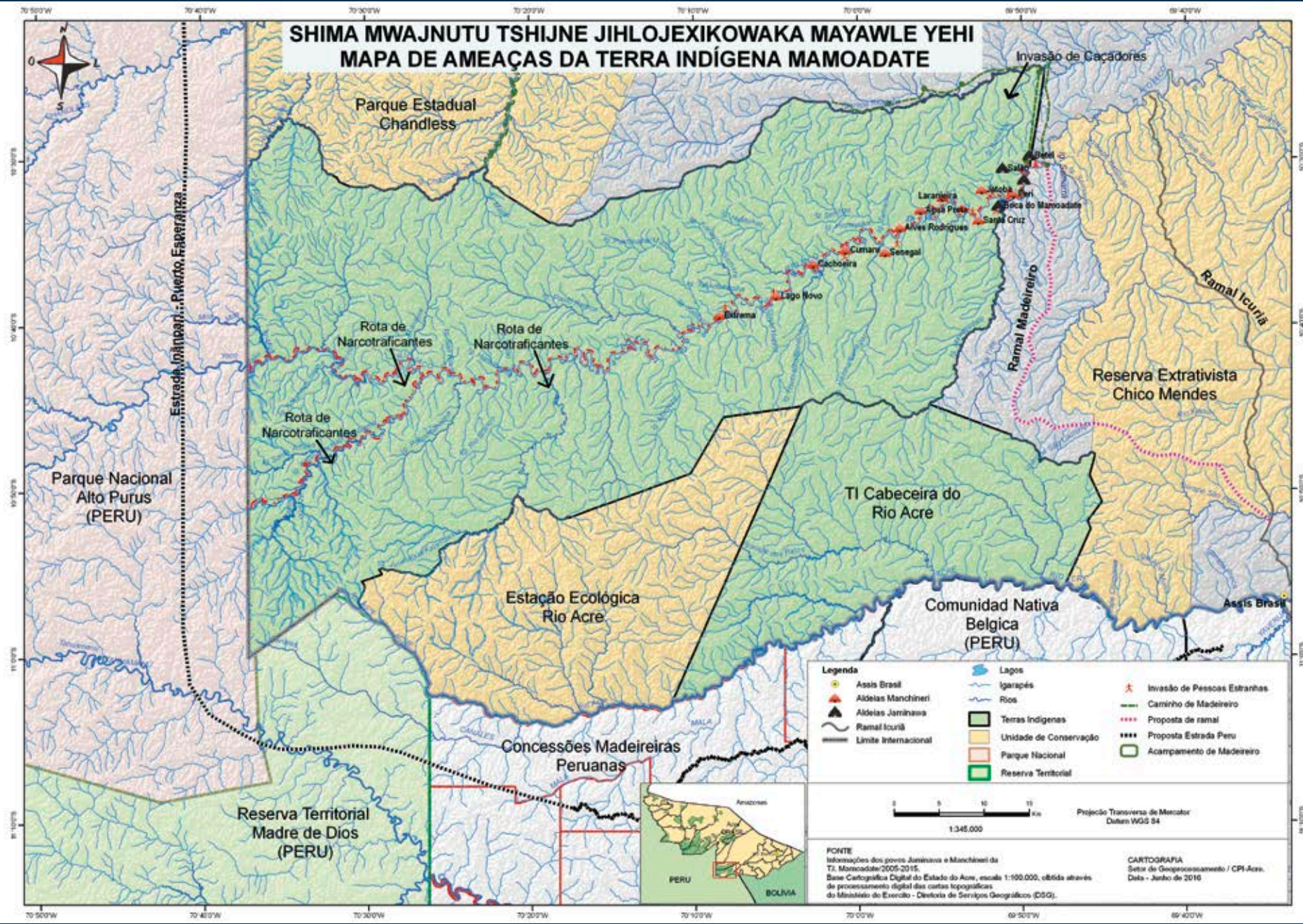
Nós, Manxineru, convivemos nessa terra Shima Mwajnutu Tshijne (Terra Indígena Mamoodate). Antes da demarcação da terra indígena os nossos ancestrais já conviviam nesse território. Eles conviviam no igarapé Abismo, Jurimagua, Mutum e em outros locais, que não eram nesse território, e que ficaram fora dessa terra indígena, como o Seringal Guanabara, onde até hoje os Manxineru vivem. Lá, nossos parentes lutam pela demarcação de uma terra indígena. Antes da FUNAI chegar, vivíamos principalmente nos seringais. Trabalhamos nos seringais Petrópolis, Icuriã, Tabatinga, Guanabara e Amapá. A aldeia Extrema nasceu em 1976. No começo eram poucas famílias. Depois foi aumentando. No Jatobá havia uma missão religiosa, depois da fundação da Extrema é que lá virou uma aldeia. No Peri havia uma colocação de seringa. No Senegal também. Lá era uma aldeia jaminawa, que foi abandonada, depois ocupada novamente pelos Manxineru. Depois nasceu a aldeia Lago Novo.

Depois da demarcação, em 1985, é que surgiram as aldeias Laranjeiras e Santa Cruz. A aldeia Água Preta surgiu depois. Onde hoje é a aldeia Alves Rodrigues, havia moradias desde muito tempo, mesmo antes da aldeia Extrema aparecer. As aldeias Cumaru e Cachoeira são mais recentes. A última das nossas aldeias foi fundada há cinco anos, em 2010: a aldeia São Sebastião. Hoje, a Terra Indígena Mamoodate tem doze aldeias Manxineru e quatro aldeias Jaminawa. De uns anos para cá, muitos Manxineru vieram morar na parte de baixo de nossa terra, nas aldeias São Sebastião, Laranjeiras e outras. Tem Manxineru morando

também nos municípios de Assis Brasil, Sena Madureira e Rio Branco. Sempre ocupamos também um território que ficou na Fazenda Petrópolis, onde botamos nosso roçado, pescamos e caçamos. Usávamos essas terras antes dos fazendeiros chegarem e continuamos usando hoje. Hoje em dia, nos preocupa o fato de que nossa população está crescendo muito, mas os limites de nosso território continuam os mesmos.



SHIMA MWAJNUTU TSHIJNE JIHLOJEXIKOWAKA MAYAWLE YEHI
 MAPA DE AMEAÇAS DA TERRA INDÍGENA MAMOADATE



Legenda

Assis Brasil	Lagos	Invasão de Pescas Estranhas
Aldeias Manchineri	Igarapés	Caminho de Madeireiro
Aldeias Jaminawa	Rios	Proposta de ramal
Limite Internacional	Terras Indígenas	Proposta Estrada Peru
	Unidade de Conservação	Acampamento de Madeireiro
	Parque Nacional	
	Reserva Territorial	

0 5 10 15 Km
 1:345.000
 Projecto Transversa de Merator
 Datum WGS 84

PONTE
 Informações dos povos Jaminawa e Manchineri da
 TI Mamoadate/2009-2015.
 Base Cartográfica Digital do Estado do Acre, escala 1:100.000, obtida através
 de processamento digital das curvas topográficas
 do Ministério do Exército - Diretoria de Serviços Geográficos (DSG).

CARTOGRAFIA
 Setor de Geoprocessamento / CPI-Acre.
 Data - Junho de 2016

Hixa manxinerunwu wkhawakpirene wkawhitjeru: kyahkaklerune, hahmuna kwaklerune, kshimahaklerune, hatnuhapo kamhaklerune, kapahiri kmohxiklerune, kpurawaklerune, kataji sloji-ro kwaklerune, hakpahatshroha kwaklerune. Hixhohne hewi poktshi wwatka, klutshinanu yineru hewi mwakane hi kahwakpiratlu wtshijne. Hiwipokotanru wtshijne tiyiroya. wwikni wmatuxya wtseruwna wuhenene wkamanexyawakni, wimekahine hipnuteko wimekahine. Hi wumukata hishankaletlu wpotukale ho wtshijne. Wtshijne himtukoklunu. Hanu wwanutka? Hanu wkammanexinna wuhenene? Wale tshinanukni wtshijne wamota hiyrunu wuslahlu.

Hixa manxineruneya tshiji wunroni hiyrunu hiweklutshini, watjirni, wajirni. Himrijikaka wannani watjirune há himtashakaka wannani wajirone. Wale tshinanu wikaheknanuwatlu hatnuhapo wwotshijnestsyapatshipa hahmuna stsihi koshpakatshineya. Xawakni kahwakpiraluni wtshijneya hatnuhapo kamhakalurupa Reserva Extrativista Chico Mendes tshijneya há shima mwajnu tshijneya hahmuna stsihi hishinika koshpakletatshine. Wtshijne hajeru hosha

kakapni hsaletanna, nikalu rakakanna. kahwakpiratkarurni koxa hatnuhapo hinapri hishpajikatshri há pohto hisperansa. Klutshinanu kajpaha wenne wtshijne hawakanwaka hkopruxini wale hapo, wane rixinipa hektutu honha ruknokana há hixapni hmalanwaka hajenepni hektuhatu hiranuna, waleko patshwalu rakanikanu. Wale hatnuhapo hishpajipa hatatjewa porko sahrujikowa pixka wixannatka. Pamole pamyo hwalapni satu payri wkashita phunputuru poktshiya. Satu payri teyakolo palihamxikatshri, kkowtshohakleru htshinnawa. Plaka sola, yanumapi hiyrunu sato lepopi. Wimathetlu kapahiri kamrukleru. Hepmole pamyo hwalapu pamole mapa yine hisurokatshine katslukuha haphaya pero tshijne sretaya, sotlu hapha hishpajikatshineya. hiyrunukowa pamyo yine wkashita kajpaha wenne hisurokatshine mapalo kwaya. Wanna pamole pamyo hinu hanikjexyalo kapahiro hiyrunu koxa pamole satu yine wkashita phunputuru poktshiya, plaka, yanumapi hiyrunu tshitshiksu. Wane htshinna hisperansa poktshi rushpajyawakna peru tshijne.



Para nós Manxineru, a terra é mãe, é vida, é nosso avô e nossa avó. As montanhas são os nossos avôs, os baixos são nossas avós. Por isso nos preocupamos com a construção de estradas próximas aos limites de nossa terra e com a entrada de madeireiros. Hoje a maior ameaça à nossa terra indígena é a construção de um ramal entre a Reserva Extrativista Chico Mendes e a Terra Indígena Mamoadate, que será construído em função de um projeto de extração mecanizada de madeira, o que vai estragar muito a nossa floresta e espantar as caças. Também nos preocupa a construção da estrada Iñapari-Puerto Esperanza, que vai cortar o rio Iaco lá em cima, e com certeza vai poluir muito o rio e trazer mais ameaças à nossa terra. Se essas estradas forem construídas, vamos ficar cercados, como porcos no chiqueiro.

Há mais de quinze anos, prendemos na aldeia Extrema um homem que descia de voadeira e que se dizia pescador, e que levava placa solar, rádio e uma arma curta. Acreditamos que ele era um traficante. Em 2005,

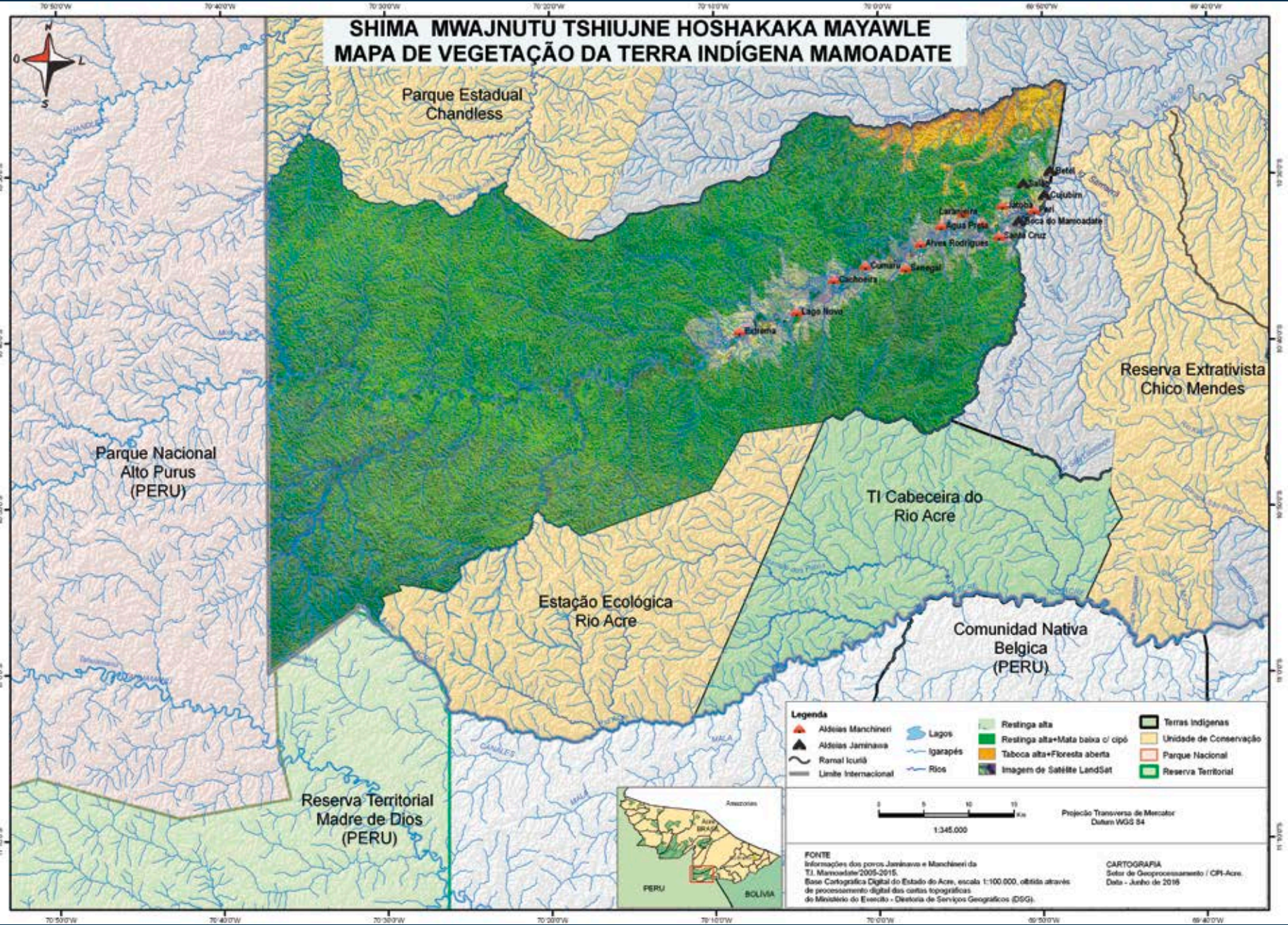
prendemos treze pessoas que desciam do igarapé Abismo vindos do lado peruano da fronteira, do Rio de Las Piedras. Depois pegamos cinco pessoas descendo o Iaco de balsa. Eles carregavam cerca de quinze quilos de pasta-base de cocaína. Ainda prendemos onze pessoas na aldeia Extrema, que traziam armas, placa solar e rádio. Diziam que vinham de Puerto Esperanza, no Peru.

O que nos preocupa também são os projetos de extração de petróleo e de minério, os garimpeiros no lado peruano e os fazendeiros no entorno de nossa terra. Nós, Manxineru, temos pena da nossa terra e por isso cuidamos dela com muita dedicação.

Nós vivemos há muito tempo aqui, por que é que o pessoal que não é daqui não respeita a nossa terra? Nós não vamos trocar a nossa terra pelo dinheiro. É aqui que nós nascemos, nos criamos, criamos os nossos filhos, os nossos netos, nossos bisnetos. Não podemos negociar nossos direitos e a nossa terra. Se a nossa terra for prejudicada, onde é que vamos viver? Onde é que vamos criar nossos filhos?



**SHIMA MWAJNUTU TSHIJNE HOSHAKAKA MAYAWLE
 MAPA DE VEGETAÇÃO DA TERRA INDÍGENA MAMOADATE**



- Legenda**
- ▲ Aldéias Manchinieri
 - ▲ Aldéias Jaminassa
 - Ramal Icutil
 - Limite Internacional
 - Lagos
 - Igarapés
 - Rios
 - Restinga alta
 - Restinga alta+Mata baixa c/ cipó
 - Taboca alta+Floresta aberta
 - Imagem de Satélite LandSat
 - Terras Indigenas
 - Unidade de Conservação
 - Parque Nacional
 - Reserva Territorial

0 5 10 15 Km
 1:345.000
 Projecção Transversa de Mercator
 Datum WGS 84

FONTE
 Informações dos povos Jaminassa e Manchinieri da
 TI Mamoadate 2005-2015.
 Base Cartográfica Digital do Estado do Acre, escala 1:100.000, obtida através
 de processamento digital das cartas topográficas
 de Ministério do Exército - Diretoria de Serviços Geográficos (DSG).

CARTOGRAFIA
 Setor de Geoprocessamento / CFI-Acre
 Data - Junho de 2016



Vegetação

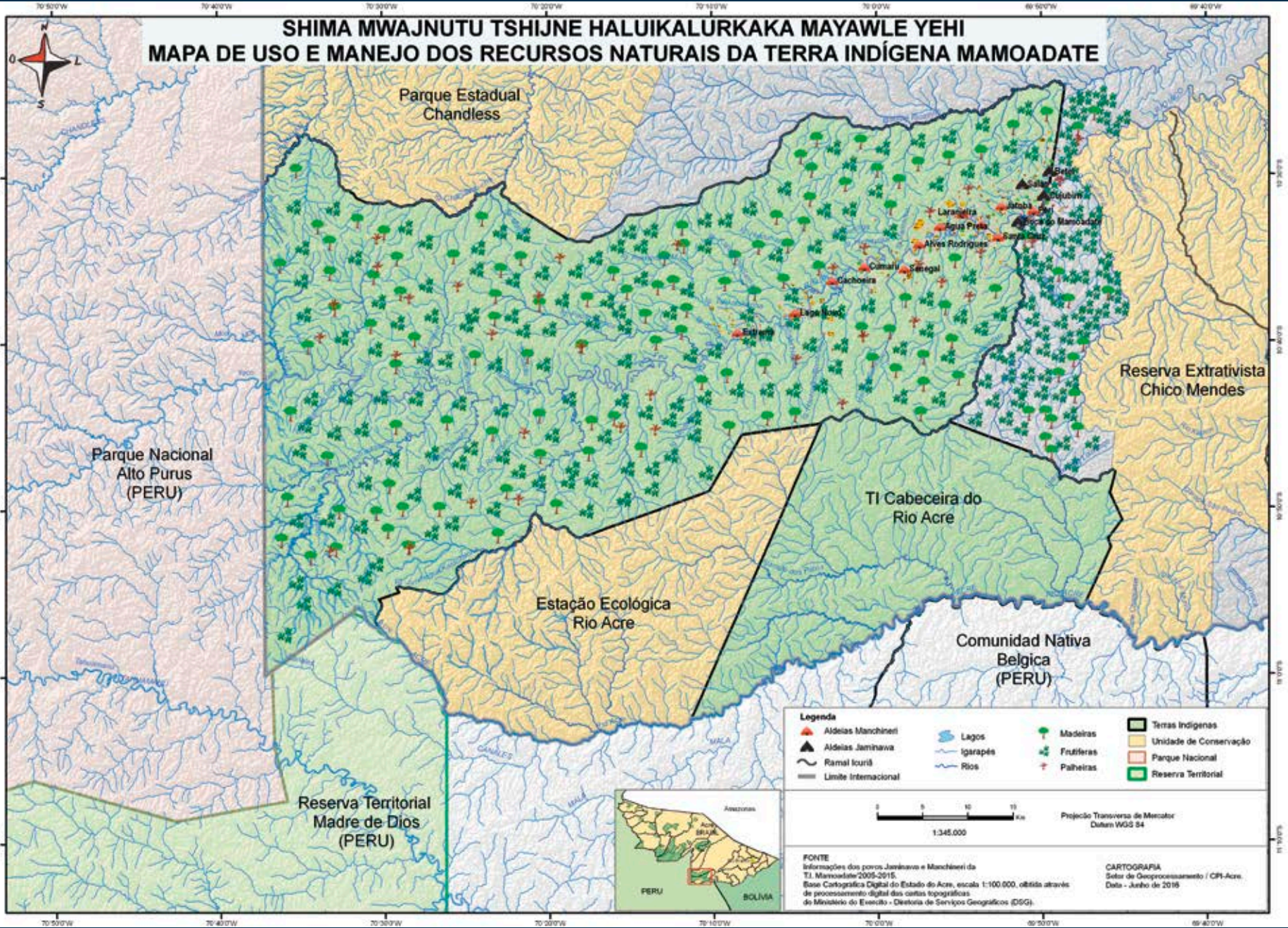


Shima Mwajnutu Tshijne kakojru hosha, rawa himriji, rawa himtasha, tenolu hosha, hosha mtseruwnasha tashri, rawa hipowhasha, shitshitshisha, powrashawaka, sperisha, jinrisha, katslusha, yoklusha, kyawesha, seropurosha, tsroksurosha hwata, tseyopirosha, kiru, kona, hiknalo, yonalu sewatapi, hahapitsasha, hatshijri stapi, rawa kihleshawaka, hektu shawaka, himtasha, rawa teno shawaka, rawa mtenoshawakanu, rawa hwata hipuklosha. Rawa hosha ralishale, hsanasha tshiretusha, shimapisha, kotskawalesha, hwata whenesha. Wannani hosha hexikaluru shima Mwajnutu tshijneya.

A Terra Indígena Mamoadate é composta por diversos tipos de vegetação. Terra alta, terra baixa, matas altas, matas baixas, igapoal, patoal, restinga, açazal, buritizal, flecheiral, embaubal, jarinal, sororocal, tabocal, taboca fina, marajá, murmurú, caçanção, esperaizal, cipoal, cipó de fogo, e os lugares que chamamos de “mata onde as tabocas morrem”. Tem mata bruta, capoeira e paxiubal. Tem tirirical, murinzal, taboqui-nha. São esses os tipos de vegetação que são encontrados dentro da Terra Indígena Mamoadate.

SHIMA MWAJNUTU TSHIJNE HALUIKALURKAKA MAYAWLE YEHI

MAPA DE USO E MANEJO DOS RECURSOS NATURAIS DA TERRA INDÍGENA MAMOADATE



- Legenda**
- Aldéias Manchineli
 - Aldéias Jaminava
 - Ramal Icuriã
 - Limite Internacional
 - Lagos
 - Igarapés
 - Rios
 - Madeiras
 - Frutíferas
 - Palheiras
 - Terras Indígenas
 - Unidade de Conservação
 - Parque Nacional
 - Reserva Territorial

0 5 10 Km
1:345.000
Projeção Transversa de Merator
Datum WGS 84

FONTE
Informações dos povos Jaminava e Manchineli da TI Mamoadate 2005-2015.
Base Cartográfica Digital do Estado do Acre, escala 1:100.000, obtida através de processamento digital das cartas topográficas de Ministério do Exército - Diretoria de Serviços Geográficos (DSG).

CARTOGRAFIA
Setor de Geoprocessamento / CRI-Acre.
Data - Junho de 2016



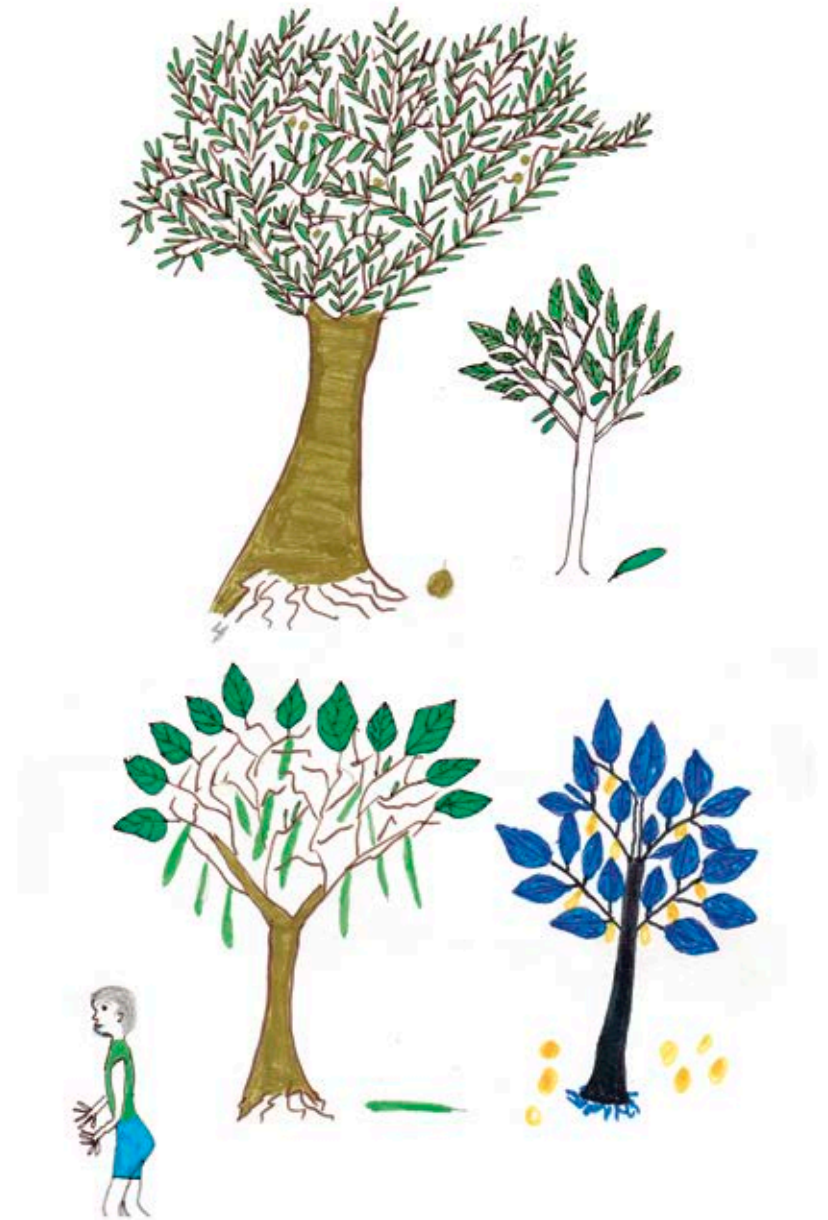
Uso e manejo dos recursos naturais



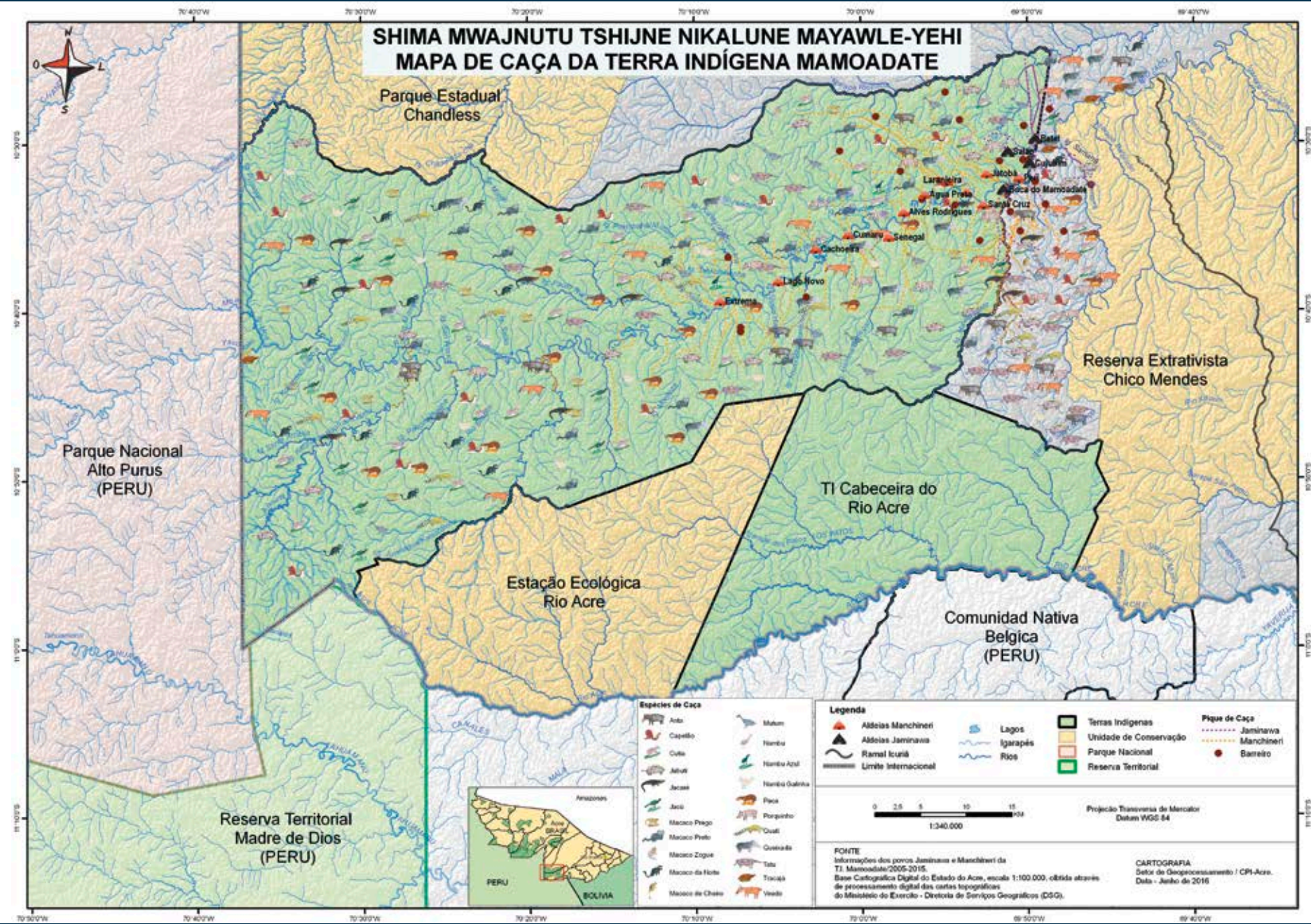
Hixa manxinerunwu pimrikaka hejnuji hosha hajeru wnika. Shitshitshi, pama, manxi, speri, hso, kapalu, kanika kyawsahi, ksami, hatshotu, ksuryopate, konreji, kina krapre, tsunruji krapre, ylopo peji haltshopa knoyajixiste, jru hapimrikaka. Wane pnute wanekaklu hahmunkaka wipji wkamhiya, yopo, homha haneji, Tlokana, setro, serha, Mlakaji, katsajiro, phamluhalu, komlo, kopatu, Mlakaji mutero, kopnu. Waneruw pawleru kolha kshimuna hawpinrewaxinri, wanekakkoxlu kshanaptshekaka hits-pihlu, mturu pinixikolu ho mpaswatu kawlerupa. Suxo kashipi, jeji tkashi-pre suxo kshananeho suxone heji kashixyapa hiyrunu Kanawa wkamhinroni kshiyojru hahmunate, tlokana, pyoji, kanawha. Rawa koxa kaptsheru kahontshiwaxikolu: kamalampi, kanatshiro, mariri hiyrunu kahiwa. Hiyrunu ksamine sure waluka Pantshi wpanaxyapa: ksami, Kyawe, Tshiretu há pimrikaka. Shitshitshha wura Speri, kapalu, Jinri. Hkamhikowakapa shiwatu, shiwatu whene kamhikolu tsapi nikawnamtatka, klutshinanu hixni wwowatka. Kopnu nhiha wwna wpinixnapwa. Kanawha wura wpowrata nanwakaxyapa. Wale tshinanukni hixa manxinerunwu wuslamhpotutlu hosha ptshekaka, hahmuna hiyrunu hejnujinkaka.



Nós, Manxineru, cuidamos de todas as frutíferas naturais, e nós comemos patoá, pama, inharé, açai, jenipapo, gacaça, cacau, jarina, ouricuri, bacuri, jenipapinho, pupunha, ingá de macaco, ingá de periquito, ingá de capelão, cajá, jatobá, cajarana, biribá bravo, mão de onça e outras. Também tem as madeiras de lei, para construção de casa, aguano, jító, cumaru, cedro, cumaru de cheiro, amararelão, intaúba, maçaranduba, bálsamo, cumaru-ferro, cetim, intaúbarana, sucupira, copaíba. Para construir canoa, usamos jacareúba, cerejeira, guariúba, assacú. Para fazer fogo usamos maxixeiro e mulateiro. Também tem as árvores que usamos para curar. E tem as ervas medicinais de pingar nos olhos para tirar a panema e para curar crianças. Tem ervas para os homens conquistarem as mulheres e tem aquelas que são para as mulheres conquistarem os homens. Utilizamos bastante algumas plantas que são para os poderes espirituais: kamalampi, kanatshiro, mariri e kahiwa. Utilizamos muitas palmeiras para a construção das nossas casas: ouricuri, jarina, paxiúba e outras. Bebemos vinho de patoá, açai, cagaça, buriti. Para fazer cesto e paneiro, usamos o timbó, que está ficando raro, porque já tiramos muito. Tiramos o óleo da copaíba para usar de remédio. O sanango usamos para fazer chá e beber para tirar panema. Também tomamos assacu para fazer limpeza.



SHIMA MWAJNUTU TSHIJNE NIKALUNE MAYAWLE-YEHI MAPA DE CAÇA DA TERRA INDÍGENA MAMOADATE





Hixa manxinerunwu nikalu hosha hajeru wiwejya. Wale tshinanu wuslahlu hma nikawniywakanupa. Wale tshinanu hixa hi hiylatlu hixo potukananu nikalu wipji-stsi hwatshri ho howuka hwatshri, hinamtatshinewa mturune hma mahaxyawakanupa. Klu tshinanu hixa hi hasluhlu payriyehi hanjixikaluru wniyyawaka. Wale thinanu mturune maklujine hinamtatshinewa himukata himatletlu nikalu hislahlu pirana.

Mturunkoxa rurnayma himata yahka. Pamole hepi ho pamole jepire rinu mturu wale nanwaka yinuwaka yahkaletatka. Hi kapoklu kapshi hiyrunu hixlo hoshaya. Kakojna kakanolune teno yapatshine: hyamru tshkotu, kwaha. Tshkotu haluka hwaletlu hwatasha. Mitshira kihle shawaka tsonu hwa. Jhirixinna kakanolune teno yapatshine wkamni potutna wniyyapna. Klutshinanu hnijitna papkolni rawinni: Tshojrihoji, pama, manxi, polli, yoklupi, ksuryopate, pyoji, kahijiro, ksepa. Halikaka Kina kwawakle, kamxihiru rawa kina. Kina hixka wexyawaka, wujhalu wukshiklu. Kina shikale wjemini wuslahlu, suxone shikale wjemiyapa. Wuslahlu wixannuyako: mhaluklu kakanolune teno yapatshika pomenkakatka, wale tshinanu hi mkamnitlu wniyyaplu.



Wuyla potutlu jema wwomkahixinru rapluya ho wkakonuxinru hniitu hpuko: jipaloji, wayla, moloji, patwa, ho ksuryopate. Hinpapakoklu hi kyapre homkahitkolu jema. Jema kanshinikanu, hsajrurjeta kyahkale-ru hyokwijexyapa. Knoya hnika piraxini yineru rapha hpalihata honha hirapatshri hyoptoxyawakapa. himrijisha ho himtasha raluka hwaleta Kshoteru hipapkoktako ho mhaluklu ho hinkakaklu. hi kapoklu Mrixi himrijisha hikwanatasha hitlosa himtasha hyapa mhaluklu raphaw-naha hyapa Knoya há hinapuklu Himrijisha hyapa Knoya. yoklupiklu papko wenu mtasha rawna Totumta Kanalu Hiyeka. tsheklu Yoko haluka hwaletlu Himrijisha mhalkakaklu ho tsruha kakaklu. petropi tshijne hiyrunu reserva extrativista hixlu nikalu wane tshinanukni payrine hi yahkakakwuna pamhale wkatanu hike hiylatalkalu Hiyalu yonpixwalu poktshi ruylaxikawa Hiyalu wkahwaklu hyatka klutshinanu hpuratjeru tomhatkalu. klutshinanu hkahwaklu hnikawniywakpatka mhalkakaklu shimpotu wujha há tsruhkakaklu nikalpotu wujha. mitshikawni kashri potu ruyla nikaltapyanna waneklu papko hitwapa tshitshiksu hiyrunu hixo rixapa nikalu xawakni halikaka tshitshiksu wuylaxyalu nikalu hiyrunu kawe hapokanru há xawakni tnaka kyapre hanjirkolo kashriji hixpotuklu hipetu klutshina hi wnikipotutlu pamhaleko hixlu pamhaleko ramha mhenoklu hwiywaka hixlu nikalu powrawaka ruphijewniya hematuwhyenro suxo hiniklu tshkotu mtshira tsheklu hiyrunu Knoya kajpomyolotu hislahna nikalune katukta hixo nikalu hiylata ho nikalhitu hsalexini waleko hkamnita hiraluklu ho hanuktako ruknojikowaka hihapu hiyrunu himta

Nesse mapa da caçada é onde identificamos as caças que tem em nossa terra, esse mapeamento é importante para saber onde estão e fazer o manejo adequado. Por isso preservamos todos os animais comestíveis. Nós também pedimos para alguns espíritos dos animais ajuda para curar ou para fazer mal. Nós não matamos muita caça próximo das casas, para não faltar para a futura geração. Nossos filhos e netos tem que tomar cuidado para preservar os animais comestíveis. Os meninos aprendem a caçar com os pais. Quando eles chegam aos quatorze ou doze anos, eles começam a procurar a caça sozinhos.

O quati não tem lugar certo e vive onde existe muito na mata. Existem varios tipos de macacos; macaco de cheiro, noite, prego, zogue. O macaco prego gosta de morar no tabocal. O macaco preto fica na restinga. Quando é abril ou maio, perseguimos muito os macacos pretos e outros tipos de macaco, porque a comida deles está em fartura: o manité, a pama, inharé, cafezinho, embaúba, jenipapinho, guariúba, maparajuba. O capelão tem moradia certa: ele mora mais nas moitas das árvores, nos cipoais. Onde a gente vê bosta de guariba, procuramos e achamos eles. Quando a gente escuta o canto do capelão, prestamos atenção. Se dá para ouvir o canto da fêmea, então é porque dá para alcançar, eles estão perto. Fazemos um manejo natural: no verão, os macacos estão magros e ninguém persegue muito. Quando chega o tempo das comidas deles, eles estão gordos, então a gente procura mais.

A anta a gente mata mais rastejando ou na espera. Procura uma comida dela e esperamos. As gameleiras, o abiu, o jenipapinho, a azei-



tona, a jaracatiá, imbiriba do inverno e outras. A anta a gente mata mais no inverno, porque é mais fácil de rastejar. A anta tem experiência, ela dá voltas para enganar o caçador. Se alguém quer comer jaboti no verão, tem que subir os igarapés, atrás de onde ele vai beber água. O veado gosta de andar na terra firme e na beira dos igarapés, no inverno ou verão. O porquinho não tem lugar certo, vive no baixo, terra firme, diferente da queixada. O jabuti, no período do verão, vem beber água, e na época das frutas fica andando, come embaúba, sapota, cafezinho do baixo, comidas que tem em todo canto. O kujubim, mutum, jacu, nos meses de abril e maio, vão comer na beira dos rios e debaixo das embaúbas. A nambu azul e a nambu galinha também vivem na terra firme, tanto no inverno como no verão.

As áreas da Fazenda Petrópolis e da Reserva Extrativista tem muita caça, até porque os brancos não deixam a gente matar caças por lá. De uns anos para cá, ninguém mais matou queixada, só na aldeia Alves Rodrigues. Acharmos que elas sumiram porque o dono delas chamou. Ele viu que estavam se acabando e chamou elas.

No verão, vamos mais atrás dos peixes. Quando é inverno é que vamos caçar mais.

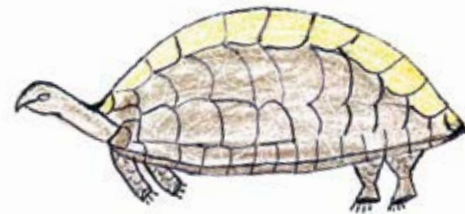
Antigamente matávamos mais caça a ponto, só com o rifle. Mas bem antes, os nossos antepassados, cacavam com arco e flexa, naquela época tinha muita caça. Hoje em dia, nos acostumamos a caçar com cachorro. Temos muita dificuldade em conseguir munição.

A capivara também tem bastante, mas a gente come pouco e mata pouco. Tem ano que tem muito, tem outro que não tem quase nenhuma.

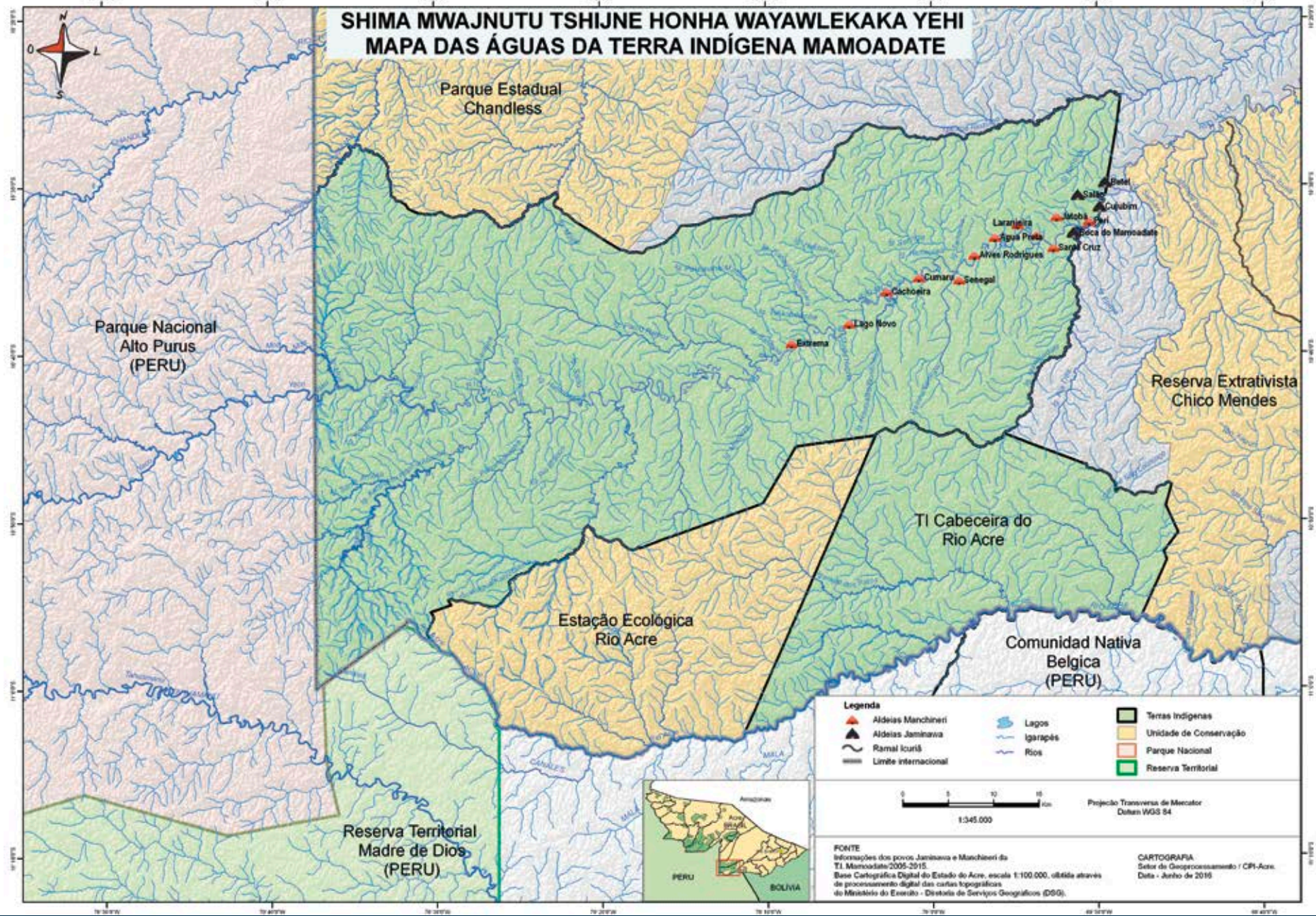
Onde tem onça, tem muita caça. Nos lugares abertos pelas moradias aparece muita onça.

Quando a mulher está de resguardo, ela não pode comer macaco prego, nem macaco preto, nem anta, nem nambu azul, nem jaboti.

O Kajpomyolutu protege as caças. Quem mata muita caça, quem estraga a carne, ele persegue. Ele não deixa os caçadores jogarem os couros dos bichos e os ossos na mata de qualquer jeito.



**SHIMA MWAJNUTU TSHIJNE HONHA WAYAWLEKAKA YEHI
MAPA DAS ÁGUAS DA TERRA INDÍGENA MAMOADATE**



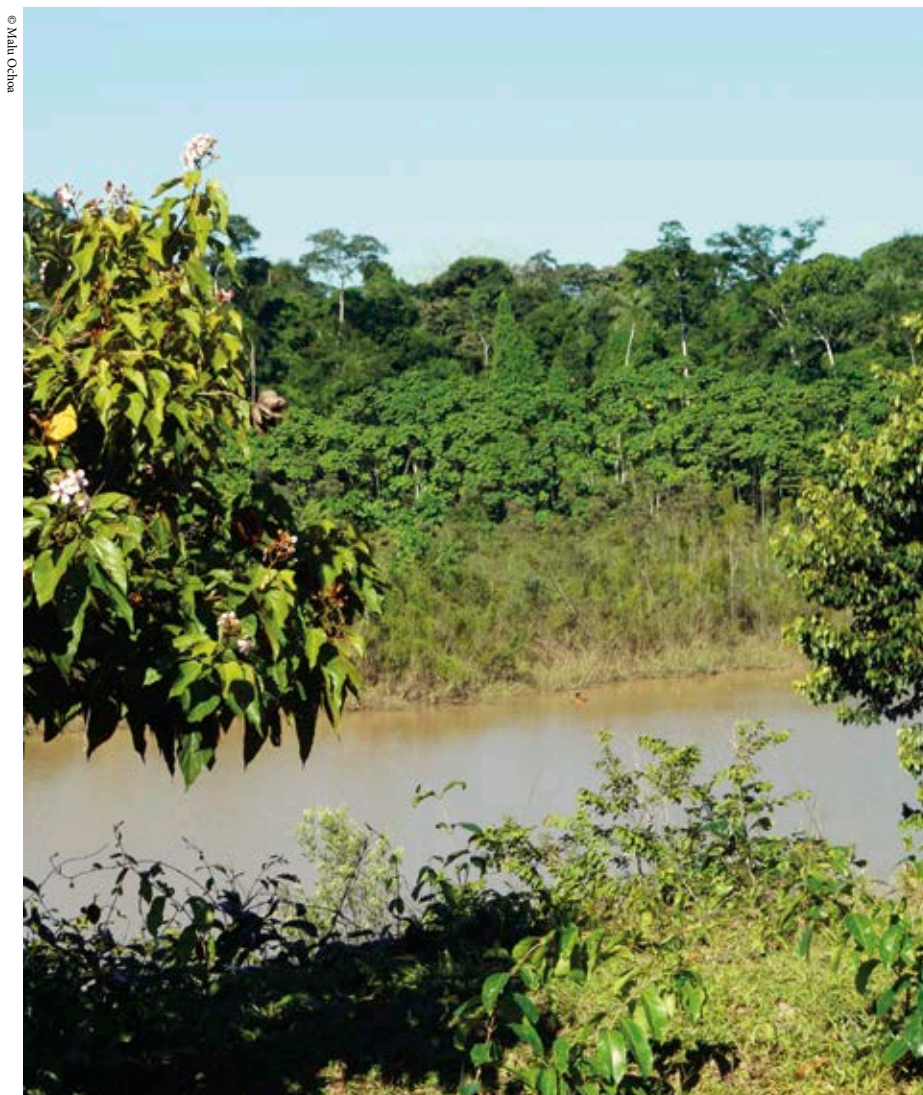
- Legenda**
- Aldeias Manchineri
 - Aldeias Jaminawa
 - Ramal Icuriã
 - Limite internacional
 - Lagos
 - Igarapés
 - Rios
 - Terras Indígenas
 - Unidade de Conservação
 - Parque Nacional
 - Reserva Territorial

0 5 10 15 Km
1:345.000
Projecção Transversa de Mercator
Datum WGS 84

FONTE
Informações dos povos Jaminawa e Manchineri da TI Mamoadate 2005-2015.
Base Cartográfica Digital do Estado do Acre, escala 1:100.000, obtida através de processamento digital das cartas topográficas do Ministério do Exército - Divisão de Serviços Geográficos (DSG).

CARTOGRAFIA
Setor de Geoprocessamento / CPI-Acre.
Data - Junho de 2015





Honha kihleru ptowru hiwekatshri tshiji hwatshri repixa: yineru, hoshá, pahixanune tshiji yapatshine ho tenoyapatshine. Kihlekoxlururikowaka, hkawikowaka, hyanikowaka, wane pnute shimane wniklehiwejyawakni. Wale tshinanu wuslahlu wonneha: wenu, rapha, hipowha ha hakopha. Hiyahoni kihlekoxluwuhene, wimekahine himata hislahyawakaplu honha. Hiyrunu hixa manxinerunwuwkahwákpíratlu honha klutshinanu jinrolu, waletshinanu wuslahlu honha.

Klutshinanhe kihleru ptowru rapha wimata hiwakaxyawaka.

Kihleru wuhene, wimekahine mamtájyawakanuplu raphakaka hiwaka wutsrukatenni hiwakaxyalu. Wane pnute repixa, rimata hinkaklewaxyawakapa hanu hyoptokajya yineru ho pahixanu rexya. Wale tshinanu hijhakalurni rimathiwakaxikowaka raphakaka hiwaka.

Hiwaktshirukaka runa wutsrukatenni hitaka hiwatanru raphakaka. Rapaha ywaha rawapinna wutsrukatenni, rutakhiwakatlunaphakaka. Satu yapkaku, poltaha rutaka hiwakatluna wutsrukatenni

klutshinanu wane himnu rexyanina polta yimatshri himnu. Paktshaha htshinka klutshinanu wanekni ruylaxikana paktshapni wutsrukateniya. Hate xawakni satkaka tsruyineru hinkaletawalu wale hiknaklu. Pholokhalu htshinka klutshinanu wane hwapatshinni patshwajetana wane haphaya, rupwalhiyanna wutsrukateni. Satkaka rapha yineru hiwaka kashita klutshinanu wane rawapni. Kakojlu honha, rawa wenu, hipowha, hipowhasha, hakophakaka. Mutuplukni hislahlu hakopha jiwutkaka, hpowrathatlu hiyrunu hitoko tshijha potuko rawaphaxyalu honha. Hitshri koxa wanekopixka hixa, halika wale rapha jiwuta hiyrunu hipowhakaka ruslaha wale. Wannakaka shimane hwiywaka hi hmahalewaxya honha klutshinanu wanna hislahlu. Putsotu koxa honha hislaha hiyrunu shimane koxa. Há kshiyojrine, suprune hiyrunu himnune kamrurewata hiknaha hkamhiywakna, hiyrunu hipjirnina wale knaha. Wanna tshinanukni hi hmahaknahata wane koxa rawna shimane hixolere. Wanna koxa yine pixkalune satu poktshi hkamhinna rawyawakapna. Hatatjewa hopshi, porko, patlapa hkammanexini yineru pixka rixna wanna koxa hejnune hiknaha hislahatshine hiyrunu wannako hnikjetna. Peslu koxa wannako pixka hixa honha hikamrurewaleta, wenu tpalihatlu tusurojintka wane hatjini rawamtatka tsruha. Hike himukata hiylaletlo peslu hiyrukowa pimrine hejnune honha hislahatshine. Hjiipolohle hiyrunu hsajrurujihle, wanna koxa hwiya rutsrukata. Wetatkalu wenu hitenhatkalu. Hihiknashatkani. hiyrunkoxa wenu mahalewamta. hohi koxa yokmanatka. hosha wyapini wetlu raphakaka popri rixyawaka, tsruhkakaklu pnawaka. Klutshi-

nanu wenu jiwutkaka rawyaluna hahmuna kwaklerune peru tshijne hajene. Walekni himtuklu wenu hiyrunu rapha jiwutkakaka. hakpahatshroha kwaklerune koxa kojwakwu hiyrunu hatnuhapo kajpaha wenne koprutatshripa peru tshijne sretaya hinapari hishpajikatshripa, pohto hisperansa yatshripa. Wale himukata himtukletlu wwenneha. Jemha hate shima Mwajnutu hapha kamhakilurupa hatnuhapo hahmuna koshpakatshine payrine kojwakanwu koxa. Wele koxa himukata himtukletlu wtshijne honeha. Hixa manxinerunwu hanukta wexyalu honha kihleru wane wkamhapjixya satkaka poktshi rawa hixo hakopha kihleru. satkaka khanunrolu kakophale.

Por que a água é importante? A água é ótima porque ela ajuda tudo o que convive na terra e na água: gente, mata, animais. Tanto quem anda na terra, quanto quem voa. É boa para beber, para tomar banho, para as pessoas navegarem, e também é onde os peixes que comemos convivem. Por isso nós cuidamos da nossa água: rios, igarapés, lagos e vertentes. Por isso é bom que nossos filhos e nossos netos saibam cuidar das águas. E também, nós, Manxineru, respeitamos a água. Porque ela tem mãe (Honha Hinro). Por isso cuidamos dela.

No nosso mapa, colocamos todos os nomes dos igarapés na própria língua manxineru. Porque é importante sabermos todos os nomes dos igarapés, que tem seu próprio nome na língua manxineru. É importante que nossos filhos, netos e as futuras gerações conheçam os nomes que nossos ancestrais colocaram nos igarapés. E também é importante



© Carlos Revuelto, 2011

para que saibamos onde estamos e por onde andamos. Por isso é bom saber o nome dos igarapés e dos rios na nossa língua. Os nomes na nossa língua vieram dos nossos antigos. Quando alguém morava na boca desses igarapés, eles davam esses nomes. Por exemplo, o Poltaha tem esse nome porque lá os antigos viram uma cobra imitando a arara canindé. O Paktshaha tem esse nome porque foi nesse igarapé que a cobra-gavião foi morta. Até hoje contamos essa história. O Pholokhalu tem esse nome porque os que moravam lá pegaram muita doença, ficaram amarelos. Alguns igarapés tomaram os nomes das pessoas que moravam lá.

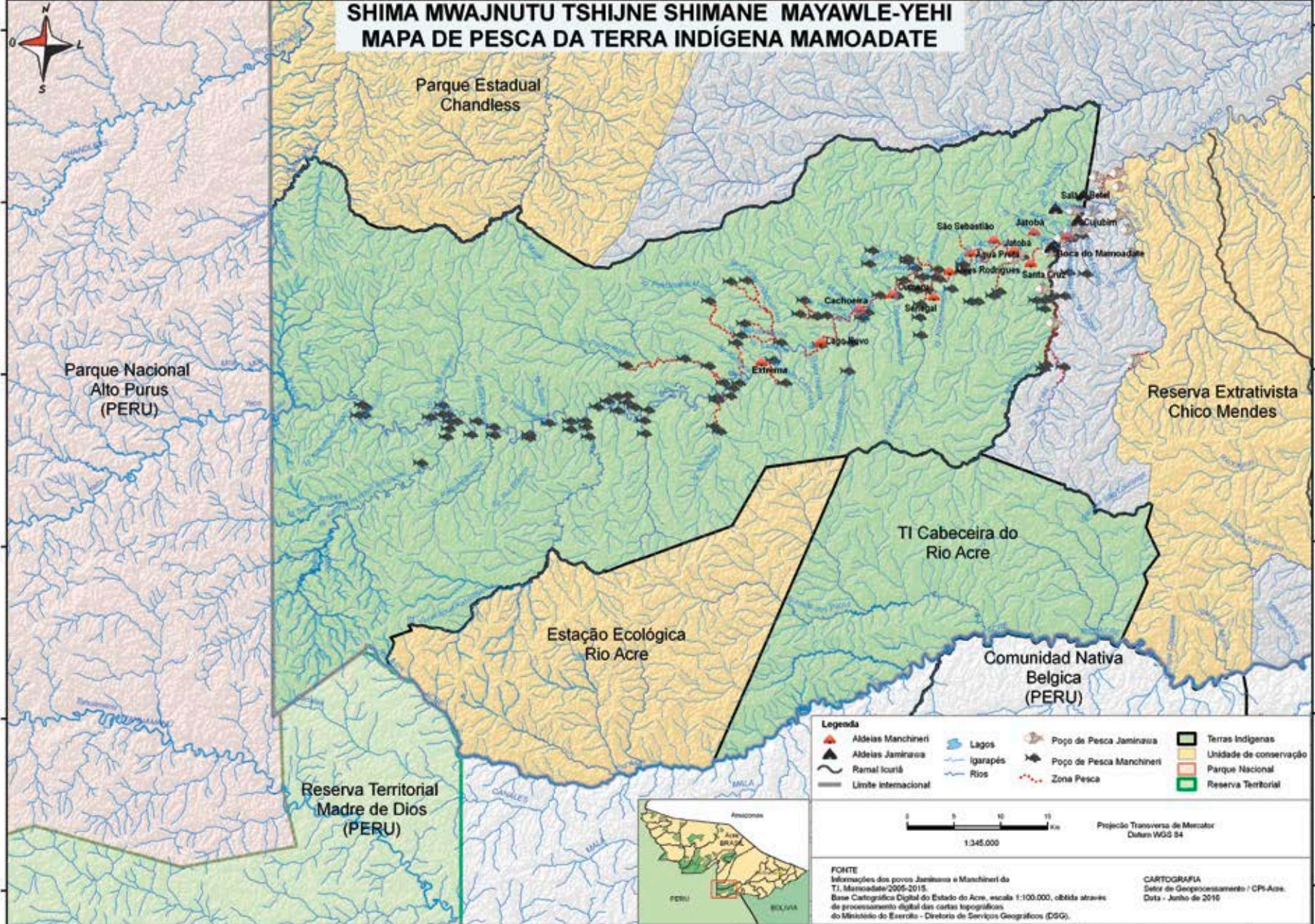
Existem vários tipos de água. Tem os rios, os lagos, os igapós, as vertentes. Os peixinhos que chamamos mutuplu cuidam dos olhos da água, indo e voltando dos lençóis, fazendo o caminho para a água passar. Eles cavam, indo buscar no fundo da água. O muçu faz isso também, só que nas cabeceiras dos igarapés, nos chavascais. Onde moram esses bichos a água não seca, eles cuidam para não secar. O puraquê segura as águas. O jacaré, os tracajás e as cobras trabalham segurando as águas também, eles são donos dos poços e não deixam os poços secarem. Nos poços onde tem essas feras existem muitos peixes. Eles são como as pessoas: uma pessoa abre um lugar, cria pato, galinha, porco. Assim também são esses donos dos poços, eles se alimentam com o que eles têm. O boto também trabalha com a água. Ele sobe o rio e quando ele desce ele traz as águas e o rio enche. Ninguém pode matar boto. Os rebojos, os remansos, todos eles têm chefes.

Estamos vendo que o rio está seco. Não está mais chovendo e o rio está secando. O tempo mudou. Quando andamos nas matas, vemos os igarapés secos, nas épocas em que eles deveriam ter muita água. As cabeceiras dos rios foram invadidas. No Peru, eles tiram muita madeira. Isso está contribuindo também com a seca do nosso rio e dos igarapés. Nos preocupa também a exploração de petróleo e a construção de uma estrada que corta o rio Iaco lá em cima, no lado peruano da fronteira, e que liga a cidade de Inampari com Puerto Esperanza. Isso pode poluir a água. A abertura de um ramal para o escoamento da madeira produzida em projetos de manejo madeireiro entre os igarapés Mamoadate e Samarrã também nos preocupa, pois isso pode prejudicar nossas águas.

Os Manxineru só fazem as suas moradias onde tem vertente, onde tem água boa para beber. Em cada aldeia tem várias vertentes boas. Cada família tem a sua cacimba.



SHIMA MWAJNUTU TSHIJNE SHIMANE MAYAWLE-YEHI
MAPA DE PESCA DA TERRA INDÍGENA MAMOADATE



- Legenda**
- Aldeias Manchineri
 - Aldeias Jaminawa
 - Ramal Isurilá
 - Limite internacional
 - Lagos
 - Igarapés
 - Rios
 - Poço de Pesca Jaminawa
 - Poço de Pesca Manchineri
 - Zona Pesca
 - Terras Indígenas
 - Unidade de conservação
 - Parque Nacional
 - Reserva Territorial

0 5 10 15 Km
 1:345.000
 Projeção Transversa de Mercator
 Datum WGS 84

FONTE
 Informações dos povos Jaminawa e Manchineri da TI Mamoadate/2005-2015.
 Base Cartográfica Digital do Estado do Acre, escala 1:100.000, obtida através de processamento digital das cartas topográficas do Ministério do Exército - Diretoria de Serviços Geográficos (DGG).

CARTOGRAFIA
 Setor de Geoprocessamento / CPI-Acre.
 Data - Junho de 2016



Hixa manxinerunwu tepixwu shima wnikleruya hixowaka hajeru wmanjixyawakanupa, hosha kammanrero potuko wniyyawakanupa mpatshwatkato, hixowaka hajero wma niyyawakanupa patshwalu wma kashixyawakanupa wale tshinanu wtshijne hajero wuslaha potutanuhonuka tma patshwaxyawakanupa tma mahaxyawakanupa.

Wale tshinanu hinamatshine mturune mutuka kamhalexyawakanuplu tsrune hixannu shima hislahlu tshinanu. Hiyrunkoxa mtserutu hwuhenexini yineru jeji hirimukata hijmijehleta tsro shima hsutsleta. Klu tshinanu mturu patshwata, pakatakohate rupna. Hi suxoko kamshiroxini ptowro shima tnika. Mturokoxa hehixrewlo wanekopixka hixa, hiptowroka kahrahalo shima tnika, shotwa tsonu ksamire tnika.

Honha mayawle wtshinyawaka pixka. Satkaka shima rawya rutsrukate. Hiknahkaka mahalewjemtarka klutshinanu rutsrukatenana yokmana ho rupnana. Mitshikawni rawapa hiknahkaka, kajpaha jiwuta hate hmalasha. Wkotshohaxinru papko totshhixini Kolyo klutshinanu tutsrokate tunkakaka. Totshixinu wakawa, klutshinanu tuts-

rokate hiynumsatlo. Wane tixa hotshirexine shima kowtshohatatshri yahapkatanu, klutshinanu rumukata hipkaleta ho rahijewnanu. Kakoje hwawaklena shimane: kalyapalo hiyrunu mapara hipowha potu rawna há katruji hipowhasha haluka hwaleta. Mitshikawni wutsrukateni kamhaplu kashritwa hiyrunu kashri shimahapi. Malipe, pukma, malapi hiyrunu kanawha wulyatapyalo shima, kashri wmixkotanuto. Xawakni wimwatkalu yomuwayhi, sutsapi, waphutsa tslaha hiyrunu koseha tslahatkaluru, mitshikawni hiwalekaka hi walekaka wishimaha ho wimijmijehata. Xawakni wale pej nukaka wimwatka. Kakoje nikle wixlo shima: jimluo, hajruo, holoto hiyru hijpa wixannu potuko. Shimane koxa wanna kakluko nikkaka. Satni wakawa wane hixatshro. Supru koxa hosha hajeru nika: tsopro, jipaloji, krapru hiyrunu kjipalupreru. Hamjiru niklu konaji, tshiretuji, jipaloji hiyrunu komlopa honha hijrukatshri kanaanuko tnika. Kye hipowha potu haluka. Wale tshinanu waluka kamruretletlu hipowha wuslahyapluka ho wixolexyaplu kye. Kopaji hamjire, makonana, hixoyhiro há pimrikaka. Mitshikawni rawapna pimrine shimane wenuya: klatashkopalo, kye, katsaknalo, kaktero hiyrunu hatshitshokna. Twapa tsro supru. Wanekoxlo shima wpinrewaxinru, Wakawa hopna satni jipukaleru tpinixika.

Para os Manxineru, o peixe é um alimento saudável criado pela natureza. Não devemos consumir peixe “industrializado” em nossas comunidades. Porque o peixe criado na natureza tem saúde e não transmite doença para o povo Manxineru. Por isso temos que cuidar de todas



as espécies de peixes, para não comer peixe doente, e não faltar o nosso alimento. Devemos fazer o manejo dos peixes. As futuras gerações, as crianças e os jovens Manxineru devem aprender como cuidar dos peixes, como os seus ancestrais cuidavam deles. As pescarias fazem parte da cultura e da alegria do povo.

Nós respeitamos os peixes. Quando a criança está se formando, virando adulta, e quando as mulheres estão grávidas e estão para ganhar filho, não é todo peixe que podem comer. Os homens, quando estão com filhos recém-nascidos, não mergulham para fisgar peixe grande. Os espíritos dos peixes podem levar o espírito da criança para debaixo da água e ela pode assim adoecer e morrer.

Como dissemos sobre o mapa das águas, cada tipo de peixe tem um chefe. Os poços estão se acabando por causa dos chefes dos peixes, que estão indo embora. Antes, tinha poço desde a cabeceira do rio Iaco até lá embaixo. Quando a gente pesca e o mandim fica gemendo, é que ele está comunicando com o chefe dele. Quando o jundiá geme, é o chefe do jundiá que está falando com ele e é melhor o pescador parar, pois ele pode alagar ou pode acontecer alguma coisa.

Cada peixe mora em um tipo de água. Branquinha só mora no lago, mapará também. O tamboatá mora no igapó e também existem outros tipos que moram no olho d'água.

Os antigos usavam tipos de arco e flecha para matar os peixes. Eles usavam o tingui, a oaca ou o assacú para matar os peixes que não davam para matar com flecha. Hoje nós temos tarrafa, malhadeira, an-

zol, físgador. Antigamente ninguém pescava mergulhando. Hoje nós fazemos assim.

Os peixes são consumidos assados, moquinhados, cozidos, torrados, feitos sopa, que chamamos de hijpa. São as formas de consumo tradicional.

Alguns peixes comem outros peixes (o jundiá, por exemplo). Tracajá come terra, mata-pasto, gameleira, os cipós que caem nas águas. O tambaqui come côco de murmuru e gameleira, que caem na água. O pirarucu vive mais nos lagos. Com isso, queremos trabalhar para fazer o manejo dos lagos e repovoar com pirarucu, pirapitanga, tilpaia, matrinxã, entre outros. Antigamente, existiam muitos outros peixes nos rios, como o dourado, pirarucu, filhote, casca grossa e jitubarana. Tinha também a tartaruga.

Alguns peixes também são usados como medicina tradicional, por exemplo, o fígado do jundiá é muito bom para tratar epilepsia.



